



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

MACHADO DE ASSIS E GARNIER
O AUTOR E O EDITOR DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Davi Padilha Bonela

Rio de Janeiro/RJ
2013

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**MACHADO DE ASSIS E GARNIER
O AUTOR E O EDITOR DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

Davi Padilha Bonela

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

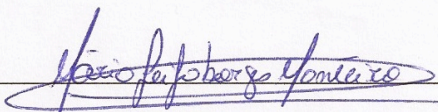
Orientador: Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

**MACHADO DE ASSIS E GARNIER: O AUTOR E O EDITOR DE
MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS**

Davi Padilha Bonela

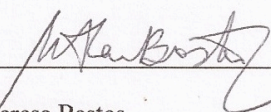
Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Aprovado por



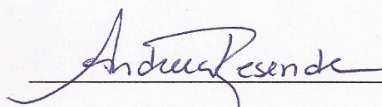
Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro – Orientador

Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dra. Teresa Bastos

Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof Msa. Andreia Resende

Escola de Comunicação - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Aprovada em: 10/12/13

Grau: 10

Rio de Janeiro/RJ
2013

B712 Bonela, Davi Padilha

Machado de Assis e Garnier: o autor e o editor de Memórias Póstumas de Brás Cubas / Davi Padilha Bonela.

2013.

99 f.: il.

Orientador: Prof^o Dr^o. Mario Feijó Borges Monteiro.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Habilitação Produção Editorial, 2013.

1. Machado de Assis – Crítica e Interpretação. 2. Literatura Brasileira. 3. Memórias Póstumas de Brás Cubas. I. Monteiro, Mario Feijó Borges. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Escola de Comunicação. IV. Título.

CDD: 869

*Para Eliane, que devido ao tempo exíguo, tem
recebido as cartas trocadas entre Machado de
Assis e Carolina como se fossem as nossas.*

AGRADECIMENTO

Há quatro anos, quando decidi prolongar a minha formação, não poderia imaginar o que essa decisão traria para a minha vida. Ao ver essa pesquisa encaminhada – que torna mais consistente o meu propósito de estudar o papel da leitura para a transformação social –, as possibilidades profissionais abertas – que incluem a Empresa Municipal de Multimeios MultiRio, a Cúpula dos Povos e a Academia Brasileira de Ciências –, o contato realizado com grupos sociais distintos – que incluem pessoas ao redor do mundo conectadas através do Global Voices ou que estão em situação de rua e outros riscos sociais e as quais tento auxiliar através da revista OCAS” –, ao ver tudo isso, eu confirmo as expectativas que me lançaram nesse desafio e permitiram que eu pudesse me comunicar com tudo e todos. Quero agradecer à José Murilo de Carvalho, Mário Feijó Borges Monteiro e Eduardo Portella, que dispuseram seu tempo, paciência e conhecimento nesses anos. E à minha família pelo amor e fé depositadas em mim o tempo inteiro.

BONELA, Davi Padilha. **Machado de Assis e Garnier: o autor e o editor e Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Orientador: Mário Feijó Borges Monteiro. Rio de Janeiro, 2013. Monografia (Graduação Em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 99f.

RESUMO

O objetivo dessa pesquisa é analisar a inserção do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no campo literário brasileiro do século XIX, assim como o processo de reescrita da obra e da composição do livro, que se deu nas quatro primeiras edições publicadas em 1880, 1881, 1896 e 1899. Para isso, o primeiro capítulo explica a singularidade da formação intelectual do escritor comparando-a ao quadro da educação brasileira na época; o segundo capítulo expande o conhecimento atual sobre o campo literário brasileiro da época, apresentando alguns dados sobre o direito autoral e a economia do livro através dos contratos entre a editora Garnier e os escritores; o terceiro capítulo analisa a repercussão da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na crítica literária, nos leitores da época e na carreira de Machado de Assis; e o quarto capítulo analisa o processo de escrita de *Memórias Póstumas*, comparando as edições já mencionadas e, em função disso, apresenta uma nova leitura desse romance.

Palavras-chaves: Machado de Assis ; Garnier Editores ; Memórias Póstumas de Brás Cubas ; Campo literário brasileiro do século XIX ;

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	19
2. O LIVRO E A LEITURA NA VIDA DE MACHADO DE ASSIS.....	28
3. O VALOR DO LIVRO SÉCULO DEZENOVE.....	47
4. A REPERCUSSÃO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.....	63
5. REESCREVER MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS.....	80
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	110
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	115

INTRODUÇÃO

Machado de Assis havia escrito poemas, crônicas, peças teatrais, contos e romances quando *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi publicado pela primeira vez, em 1880, quando o escritor possuía 41 anos de idade. A esta altura, ele, que era descendente de escravos, nascido no Morro do Livramento, no Rio de Janeiro, capital do Brasil, já havia se estabelecido como escritor renomado e funcionário do Império, numa trajetória de ascensão social na qual a sua formação intelectual foi decisiva e o levou a ser presidente da Academia Brasileira de Letras, a receber a Ordem da Rosa e a reverência da sociedade ao falecer em 1908.¹

Esse romance o elevou ao patamar de gênio da literatura brasileira e, com passar do tempo, da literatura universal. Assim como *Crisálidas*, *Falenas*, *Contos Fluminenses*, *Histórias da Meia Noite*, *Americanas*, *Helena e Iaiá Garcia*, *Memórias Póstumas* foi publicado pela primeira vez em folhetim, pela Revista Brasileira, e, em seguida, já em livro, pela Tipografia Nacional em 1881 e pela Garnier Editores em 1896 e 1899, passando por um processo de reescrita e de edição que são os temas desta pesquisa. A editora Garnier também publicou *Papéis Avulsos*, *O alienista*, *Histórias sem data*, *Quincas Borba*, *Várias histórias*, *Páginas recolhidas*, *Dom Casmurro*, *Poesias completas*, *Esau e Jacó*, *Relíquias de Casa Velha* e *Memorial de Aires*, fato que a torna importante para que o escritor e a sua obra sejam compreendidos.

O objetivo desse estudo é analisar a inserção do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no campo literário brasileiro do século XIX, assim como o processo de reescrita da obra e da composição do livro ocorrido nas edições mencionadas. É justo dizer que ocuparam Machado de Assis quase até o fim da sua vida. Para isso, o primeiro capítulo explica a singularidade da formação intelectual do escritor comparando-a ao quadro da educação brasileira na época; o segundo expande o conhecimento atual sobre o campo literário brasileiro da época, apresentando alguns dados sobre o direito autoral

¹ Biografias de alta qualidade sobre o escritor são abundantes, tais como Massa, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870)*: ensaio de biografia intelectual. São Paulo: Civilização Brasileira, 1971. No entanto, há uma carência de análises sociais que revelem a singularidade da formação intelectual do escritor e o peso dessa mesma formação na sua trajetória, inclusive a sua obra. Roberto Szwarcz, por exemplo, em seu estudo sobre Machado de Assis, afirma que o escritor trouxe uma análise da sociedade brasileira daquele tempo para dentro de sua obra, no entanto não explica como o escritor pode perceber o formato daquela sociedade. No meu modo de ver, a verve crítica do autor tem a ver com a sua formação intelectual, tal como tentamos explicar no primeiro capítulo deste estudo.

e a economia do livro através dos contratos entre a editora Garnier e os escritores da época; o terceiro analisa o impacto da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* na crítica literária, nos leitores da época e na carreira de Machado de Assis; e o quarto capítulo analisa o processo de escrita de *Memórias Póstumas*, comparando as edições já mencionadas e, em função disso, apresenta uma nova leitura desse romance.

Uma literatura em busca da nacionalidade

À independência política de 1822, seguiu-se a independência literária e artística. E como a primeira teve uma solução que não rompia verdadeiramente os laços com passado, fez-se mais importante que a nova nação tivesse a sua história explicada. Isto levou a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro em 1838.² Também motivou por todo o século a criação artística.

A literatura brasileira do século XIX teve suas características gerais organizadas a partir da publicação da revista *Niterói*, em 1836, na qual o ponto de partida do nacionalismo literário, que fundamentou o Romantismo no Brasil, foi definido.³ Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, José de Alencar e outros apresentaram uma literatura cujo objetivo era estabelecer a origem da nacionalidade brasileira e os elementos que a constituíam. O índio e a natureza seriam a origem da nacionalidade, o contato com o europeu seria a forma de civilização. Neste primeiro momento, os africanos não fizeram parte da nação. Basta citar *I-Juca Pirama*⁴ para a presença do

² GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma nação. In: *Topoi*, Rio de Janeiro, 2002.

³ Os estudos em questão foram escritos por Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista *Niterói*, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (vol. 2), já considerava que os estudos críticos de Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista *Niterói*, estabeleceram o ponto de partida para a teoria do nacionalismo literário, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Paulo Franchetti corrobora a afirmativa, ao dizer que o *Ensaio sobre a História da literatura do Brasil*, publicado por Gonçalves de Magalhães na revista *Niterói*, é o documento inaugural do programa romântico brasileiro, já que suas propostas, diagnósticos e até mesmo suas metáforas de base terão larga fortuna na historiografia e na reflexão sobre a literatura no Brasil ao longo do século XIX e no século XX. Cabe esclarecer que uma das metáforas de base à qual Franchetti se refere é aquela que diz que a literatura brasileira é um “galho secundário da literatura portuguesa”, utilizada com poucas modificações pelo próprio Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*, (vol. 1). cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981 Vol. 2, p. 13; e FRANCHETTI, Paulo. O triunfo do romantismo: indianismo e estilização épica em Gonçalves Dias. In: *Multiclássicos épicos*. TEIXEIRA, Ivan (org). São Paulo: Edusp, 2008 p. 1097.

⁴ Integra o livro *Últimos cantos* (1851) escrito por Gonçalves Dias. É um épico do Romantismo indianista.

indígena e da natureza e *Iracema*⁵ para a presença do europeu. Apesar das mudanças que aconteceram ao longo do tempo, que incorporaram o africano, por exemplo, a longevidade desse gênero literário no país é indiscutível. O tema da nacionalidade permaneceu fundamentando o campo literário brasileiro pelas décadas seguintes, com a adesão dos romances de “tipos brasileiros”, tais como *O Sertanejo*, *O Gaúcho* etc, e ainda na entrada de outros movimentos literários.⁶ Até mesmo, a grande oposição empreendida pelos autores identificados com o Naturalismo ao Romantismo não significou a substituição da temática da nacionalidade. A crítica feita pela “geração de 1870” foi feita ao plano estético romântico, pelo menos, a introdução deste outro gênero literário, no Brasil, não significou uma reorganização do campo literário na qual outra temática substituiu o tema da nação que persistia como critério fundamental para o julgamento artístico.⁷

Campo literário

O tema da nacionalidade explica o encaminhamento da literatura brasileira naquele tempo, no entanto não explica a dinâmica editorial que fez a literatura circular naquele tempo. Por isso, esse estudo abordou a educação – o que auxilia a delimitar as classes sociais leitoras – e a editoração propriamente – o que auxilia a aprofundar o conhecimento sobre a atividade literária para além de escolas e gêneros. A proposta é por escritores, editores, críticos literários e leitores em cena nesse campo literário.

É preciso explicar melhor ao que se refere esse estudo quando menciona campo literário e, neste sentido, apresentar a relação desse conceito com o conceito de representação. As representações, de acordo com Chartier, são práticas sociais⁸ e podem ser entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. Essas representações são variáveis segundo as disposições dos grupos e classes sociais e sempre aspiram à universalidade.

⁵ *Iracema* (1865) foi escrito por José de Alencar. É um épico do romantismo indianista.

⁶ *Sertanejo* (1875) e *Gaúcho* (1870) foram romances escritos por José de Alencar.

⁷ Não é meu objetivo nesta introdução fazer uma exposição minuciosa desses gêneros literários, das oposições entre ambos. Para tal cf. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 44ª ed., 2007.

⁸ “O que leva seguidamente a considerar estas representações como as matrizes de discursos e de práticas diferenciadas (...) que tem por objetivo a construção do mundo social, e como tal a definição contraditória das identidades – tanto a dos outros como a sua.” cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 18.

Elas não são, no entanto, uma expressão imediata e objetiva de um estatuto ou de um poder. “Sua eficácia depende da percepção e do julgamento de seus destinatários, da adesão ou da distância ante mecanismos de persuasão postos em ação”⁹. Deste modo, as representações podem permitir avaliar as modalidades do *ser-percebido* que um indivíduo ou grupo constrói para si mesmo e para os outros. Importa lembrar, ainda, que essas representações devem ser sempre colocadas no jogo de disputas e concorrências que são inerentes ao jogo social.¹⁰

Os campos, para Bourdieu, são espaços sociais que possuem seus próprios pressupostos, princípios de validação e legitimidade, instituições, sistemas de classificação e modos de sustentação e divulgação específicos. Todos esses princípios são socialmente construídos e historicamente datados, sendo que um campo pode ter maior ou menor autonomia em relação a outros campos. Esses dados, por sua vez, são sempre, ao mesmo tempo, instrumentos e alvos de lutas, elaborados a partir das tomadas de posição e de disputas entre os agentes envolvidos.

A partir dessa definição inicial, válida para todos os tipos de campo, o sociólogo expõe as características peculiares aos campos de produção cultural, mais especificamente aos campos artístico e literário. No livro *As Regras da Arte*¹¹ o autor pretende estabelecer os fundamentos para um conhecimento mais objetivo das condições sociais de produção e de recepção das obras artísticas e literárias. A partir das reflexões aí contidas Bourdieu intenta romper com o que ele chama de “culto fetichista” da obra de arte (ou literária) e com a idéia de “sacralidade” que costuma envolver a imagem do criador, cuja criação, por sua vez, seria dada como uma emanção do espírito ou da natureza do sujeito.¹²

⁹CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed Universidade/UFRGS, 2002, p. 177, 178.

¹⁰ cf. *Idem. Ibidem*; CHARTIER, Roger. *op. cit.* p. 17-18.

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

¹² A conceituação de campo literário é construída a partir da oposição tanto às análises classificadas como internalistas, quanto às externalistas. As análises internalistas conceberiam as obras literárias como significações atemporais e formas puras: estruturas auto-referenciais de inter-relações constituídas por um jogo de convenções e códigos literários específicos. Esta análise resultaria numa “absolutização dos textos”, que pediriam, portanto, uma leitura interna e a-histórica. As análises externalistas, por sua vez, abordariam as obras artísticas e literárias a partir das condições econômicas e sociais das quais elas seriam resultado ou reflexo imediato. *Idem. Ibidem.* p. 203-235.

A noção de campo, segundo Bourdieu, permite superar a oposição entre as leituras internas e as análises externalistas, na medida em que se considera tanto o sistema de possibilidades – conjunto de convenções e referências estéticas e temáticas herdadas da história do campo (definidas a partir de disputas e tomadas de posição entre os agentes) quanto as posições ocupadas pelos agentes nele envolvidos, as relações entre eles, o capital (simbólico ou material) de que cada um dispõe, o reconhecimento que lhes é concedido pelas instituições de legitimação, pelos seus pares e pelo público consumidor.¹³

O campo literário possui, assim, algumas características muito particulares, já que seus limites não são regulados por fronteiras jurídicas, “protegidos por um direito de entrada explicitamente codificado, tal como a posse de títulos escolares, o êxito em um concurso, etc., ou por medidas de exclusão e de discriminação tais como as leis que visam regulá-lo”¹⁴. Sendo assim, em função de um grau de codificação baixo, no campo literário as regras do jogo estão “em jogo no jogo”, isto é, estão constantemente sendo inventadas e disputadas entre os agentes envolvidos e interessados.¹⁵

De acordo com Bourdieu, uma das apostas centrais da rivalidade literária é o monopólio da legitimidade literária, ou seja, o monopólio do poder de consagração dos produtores e do produto.¹⁶ A obra literária, portanto, não possui um valor intrínseco e sim um valor socialmente construído. A crença no valor da expressão da nacionalidade foi construída desde os primeiros textos programáticos Romantismo e perpetuada, ainda que em oposição estética, nos textos do Naturalismo.¹⁷

É perceptível, no campo literário da segunda metade do século dezenove, por exemplo, disputas por definições da origem da nação ou, ainda, discussões intensas em torno de delimitações acerca dos movimentos literários com os quais essa temática foi exposta, o Romantismo e o Naturalismo. Ou seja, se a obra falasse de nacionalidade estava dentro do jogo, se não falasse estava fora. Isso para os novos escritores funcionava como uma regra. As mudanças sempre vieram de escritores que já possuíam visibilidade e proeminência. Isto vai se comprovar na publicação de *Memórias*

¹³ *Idem. Ibidem.* p. 234-235.

¹⁴ *Idem. Ibidem.* p. 256.

¹⁵ *Idem. Ibidem.* p. 256.

¹⁶ *Idem. Ibidem.* p. 253.

¹⁷ Para tanto, basta citar os nomes de Ferdinand Dennis ou Gonçalves Dias para o Romantismo, e o de Silvio Romero, para o Naturalismo. Cf. CANDIDO. Formação da literatura brasileira)

Póstumas de Brás Cubas, que fica entre a crítica dos escritores e críticos literários do naturalismo e na incompreensão dos leitores da época.

Outra categoria importante para a compreensão da noção de campo é a de *habitus*. O *habitus* é entendido, aqui, como um sistema de disposições que são o produto de uma trajetória social¹⁸ e de uma posição específica no interior do campo. De acordo com o sociólogo as mudanças de configuração no interior do campo artístico-literário são comumente acompanhadas de mudanças externas, que oferecem às novas categorias de produtores e aos seus produtos consumidores que ocupam no espaço social posições homólogas à sua posição no campo.¹⁹

A identificação de Machado de Assis antes da publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* como “autor romântico”, posteriormente a publicação foi considerada como “obra de juventude” tamanho o rompimento com a tradição romântica na qual ele se fez. Por outro lado, basta mencionar as críticas que ele recebeu de Silvio Romero, o que demonstra que Machado de Assis não seria identificado com o Naturalismo, o que lhe conferiu um desalojamento dos grupos, posteriormente beneficiando-se disso com a fortuna crítica classificando-o como “singular”. Com a presidência da Academia Brasileira de Letras, a situação definiu-se como favorável ao autor e podem ser vistos conseqüências dessas identificações no comportamento do autor como presidente da instituição.²⁰

Para Pierre Bourdieu, portanto, uma sociologia das práticas culturais ou, em suas palavras, “uma ciência da obra de arte” tem por objeto próprio tanto as “relações objetivas entre as posições no campo de produção (e entre os produtores que as ocupam)” quanto “as relações objetivas das tomadas de posição de no espaço das

¹⁸O *habitus* “é o produto de toda a história individual, (...) através das experiências formadoras da primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe.” cf. BOURDIEU, Pierre. *Coisas Ditas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990, p. 130-131.

¹⁹BOURDIEU, Pierre. *op. cit.* 1996, p. 281-285.

²⁰ Poder-se-ia acrescentar a própria biografia do autor como uma construção permanentemente em disputa *a posteri*. Cf. Jean-Michel Massa. *A juventude de Machado de Assis*. Por outro lado, no que se refere a atuação de Machado de Assis como presidente da ABL, “Como dependia dele em grande parte o beneplácito para os membros novos, ele atuou com uma singular mistura de conformismo social e sentimento de clique, admitindo entre os fundadores um moço ainda sem expressão, como Carlos Magalhães de Azeredo, só porque lhe era dedicado e ele o estimava, motivos que levaram a dar ingresso alguns anos depois a Mário Alencar, ainda mais medíocre. No entanto, barrava outros de nível igual ou superior, como Emílio Meneses, não por motivos de ordem intelectual, mas porque não se comportavam segundo os padrões convencionas, que ele respeitava na vida de relação”. CANDIDO; *op. cit.*; 2004; p.16

obras”.²¹ A inserção do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* no campo literário brasileiro do século XIX gerou uma repercussão no campo literário que pode ser acompanhada através da recepção da obra pela crítica e das respostas do autor a essa crítica. O que significa dizer que é determinante para o estudo considerar Machado de Assis e os escritores envolvidos na recepção do romance como agentes, situados historicamente e socialmente e agindo a partir de interesses, investimentos e apostas diversos.

Um trabalho de arqueologia literária

A compreensão das fontes de pesquisa reunidas para esse estudo beneficiou-se de uma tipologia das primeiras publicações de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* realizada por Antonio Houaiss o qual constitui todas as informações sobre as publicações do romance descritas nesse item. As outras possuem referência em notas.²²

A primeira publicação do romance foi realizada em formato de folhetim pela *Revista Brasileira* no ano de 1880 e pode ser consultada no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional que disponibiliza o material em formato de microfilme. Publicado entre pesquisas etnográficas, estudos da língua portuguesa, sonetos, ensaio social, crítica literária, estudos lexicográficos, o romance teve sua publicação em corpo 10 pequena, linhas de 222 pontos aproximativamente, colunas de mancha com 37 linhas, o que dava um predomínio de sentido vertical na mancha, dito geralmente formato infles. No cabeçalho há, nas páginas pares “*Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, sendo a numeração nos ângulos superiores externos de cada página. Cada folhetim foi – como se pode depreender da numeração – cuidadosamente iniciado em página ímpar com abertura de branco ampla, o que tudo revela a preocupação de permitir que os leitores viessem a fazer, eventualmente, separatas, que reunidas e encadernadas, formariam um volume íntegro. Como, porém, alguns folhetins não terminaram em páginas par, a reunião de separatas obriga a presença de matérias impressa estranha. Cada folhetim

²¹ *Idem. Ibidem.* p. 264.

²² Antonio Houaiss produzir essa pesquisa no âmbito das comemorações do cinquentenário de falecimento de Machado de Assis quando organizou-se a *Comissão Machado de Assis*, instituída por portaria do Ministério da Educação e Cultura, de número 483, de 19 de setembro de 1958, da qual também participaram Antonio Candido, Aurélio Buarque de Holanda entre outros. A versão integral da pesquisa realizada por Antonio Houaiss pode ser encontrada na Academia Brasileira de Letras, *Arquivo Machado de Assis*.

termina com a menção de “continua”, a seguir ao nome do autor em versal-versalete, mas no início de cada folhetim não há menção de enlace, que fica por conta da referência do capítulo. Não há erratas em nenhuma parte da revista, relacionadas com o texto do romance. A composição e impressão é da *Typografia Nacional*.²³

Também é da *Typographia Nacional* a segunda edição do romance ou a primeira publicação em livro no ano de 1881 e pode ser consultada no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional. Primeira publicação em livro é auto-explicativo, mas é segunda edição pelo fato do romance ter alterações, como a introdução da “Dedicatória aos vermes” e a eliminação da epígrafe referente a Shakespeare [“I will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults. Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões”].

²³ A publicação em folhetim de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela *Revista Brasileira* ocorreu de 15 de março a 15 de dezembro e podem ser encontradas em: Tomo III, 15 de março de 1880: Capítulos: I “óbito do autor” (p.353) – IX “Transição” (p.372) Não consta a “Dedicatória aos vermes” nem o “Ao leitor”, iniciando diretamente no capítulo “Óbito do autor”. Há epígrafe, no entanto: “I will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults. Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões”. Shakespeare, As you like it, act. III, sc. II. Tomo IV, 1º de abril de 1880: Capítulos: X “Naquele dia...” (p.5) – XIV “O primeiro beijo” (p.18) Tomo IV 15 de abril de 1880: Capítulos: XV “Marcella” (p.95) – XXIII “Volta ao Rio” (p.112) Tomo IV, 1º de maio de 1880: Capítulos: XXIV “Triste, mas curto” (p.165) – XXIX “Contanto que...” (p.175) Tomo IV – 15 de maio de 1880: Capítulos: XXX “A visita” (p.232) – XXXV “A uma alma sensível” (p.242) Tomo V, 1º de junho de 1880: Capítulos: XXXVI “Caminho de Damasco” (p.295) – XLIII “Que escapou a Aristóteles” (p.305) Tomo V, 15 de junho de 1880: Nada consta Tomo V, 1º de julho de 1880: Capítulo XLIV “Marquesa, porque eu serei marquês” (p.5) – LIII “O embrulho misterioso” (p.20) Publicação integral de Tu só, tu, puro amor “escrita para as festas organizadas pelo Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, no tricentenário de Camões e representada no Thetro D. Pedro II”. Tomo V, 15 de julho de 1880: Capítulos: LIV “...” (p.125) – LXII “um projeto” (p.138) Tomo V 1º de agosto de 1880: Capítulos: LXIII “O travesseiro” (p.195) – LXXI “D. Plácida” (p.210) Tomo V, 15 de agosto de 1880: Capítulos: lxxii “O senão do livro” (p.253) – lxxxiv “13” (p.272) Tomo V, 1º de setembro de 1880: Capítulos: lxxxv “o conflito” (p.391) – xci “O velho colóquio de Adão e Caim” (p. 401) Tomo V, 15 de setembro de 1880: Capítulos: xcii “uma carta extraordinária” (p.451) – C “na platéia” (p.462) Tomo VI, 1º de outubro de 1880: Capítulos: CI “o caso provável” (p.5) – CIX “Que se não entende” (p.17) Tomo VI, 15 de outubro de 1880: Capítulos: CXI “31” (p.89) – CXXIV “O verdadeiro Cotrim” (p.107) Tomo VI, 1º de novembro de 1880: Capítulos: CXXV “Vá de intermédio” (p.193) – CXXXIX “A um crítico” (p.207) Costuma aparecer o nome do autor no final da publicação e entre parêntesis continua. No caso deste capítulo que é uma mensagem a um crítico fica a redação da carta com a assinatura de Machado de Assis. Tomo vi, 15 de novembro de 1880: Nada consta Tomo VI, 1º de dezembro de 1880: Capítulos: CXL “De como não fui ministro de Estado” (p.357) – CLI “Teoria do benefício” (p. 370) Tomo VI, 15 de novembro de 1880: Capítulos: CLII “Rotação e translação” (p.429) – CLXII “Das negativas” (p.439) Final levemente modificado: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Termina a publicação com “Fim”.

Shakespeare, As you like it, act. III, sc. II.]²⁴, além da alteração da redação em muitíssimas páginas, da supressão de capítulos inteiros e da mudança dos títulos dos capítulos.

As outras edições do romance até a morte do autor foram feitas pela *Garnier* em 1896 e 1899 e podem ser consultadas no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional. O próprio autor define a situação destas edições no prólogo destinado a terceira edição e que, por circunstância ainda não esclarecidas, só foi publicado com a quarta edição. Trata-se, com efeito, da segunda composição tipográfica, da terceira redação, da terceira impressão, da terceira edição e publicação. A composição e a impressão já agora são de Paris como indica a nota final “Paris – Typographia Garnier Irmãos, rue de Saint-Pères – 447 julho 1896”.²⁵

Para o desenvolvimento desse estudo, além das quatro primeiras edições do romance, o epistolário do escritor foi bastante utilizado. Foram selecionadas as correspondências de Machado de Assis com Capistrano de Abreu, Silvio Romero²⁶, Hypollite Garnier, reunidas em *Correspondência de Machado de Assis*, feita em vários tomos, publicados pela Academia Brasileira de Letras, sob a coordenação de Sérgio Paulo Rouanet.

Os contratos de edição firmados entre os escritores brasileiros da época, incluindo Machado de Assis, e a Garnier Editores foram encontrados na Academia Brasileira de Letras, no Arquivo Machado de Assis e na Biblioteca Nacional Digital, da Fundação Biblioteca Nacional.

²⁴ Tradução do autor.

²⁵ Alguns detalhes dessas últimas edições são: para uma tiragem de 1.100 exemplares Machado de Assis recebeu 250 mil réis, pagos por ocasião do contrato que data de 17 de junho de 1896. “Como a Garnier tinha as decisões de Paris novamente, as publicações escassearam. Quando a 1ª edição de Quincas Borba de Machado de Assis, de novembro de 1891, esgotou-se no começo de 1895, a editora levou dois anos para autorizar outra edição embora tenha impresso Memórias Póstumas de Brás Cubas em 1896. Como Quincas Borba era a continuação de Brás Cubas, talvez tenham achado que seria mais interessante apresentar novamente o primeiro antes de imprimir sua continuação”. A história da editora Garnier pode ser encontrada em em: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. especialmente capítulo X.

²⁶ ROMERO, Silvio. *Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro; Laemmert & Cia., 1897. *Machado de Assis*. Rio de Janeiro; liv. José Olympio Ed. 1936. *História da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro, José Olympio, vol. 5, 1980. A poesia nas Falenas. Crença, Recife, 30 maio 1870. *Estudos de literatura contemporânea*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1885. *O naturalismo em literatura*. São Paulo: [s. ed.], 1882. Outros estudos de literatura contemporânea. Lisboa: A Editora, 1905.

1º CAPÍTULO

O LIVRO E A LEITURA NA VIDA DE MACHADO DE ASSIS

Um pobre brasileiro do século dezenove, gago, epilético, melancólico, este homem não foi Machado de Assis. Machado de Assis foi o grande escritor, trabalhador infatigável, presidente da Academia Brasileira de Letras, para quem a leitura e os livros foram decisivos no curso da vida. Não é para reduzir as suas dificuldades que é necessário vê-lo desta forma, a intenção é aumentar as suas conquistas.

Nascido em 1839, na capital do Império, desde o princípio o escritor conviveu com gente pobre e gente abastada, pois ele era descendente de escravos libertos negros que foram apadrinhados pela rica proprietária de uma chácara no Morro do Livramento, onde nasceu. Quando faleceu, em 1908, era considerado o maior escritor brasileiro, opinião que persiste hoje em dia entre muitos leitores e críticos literários. Embora haja biografias sobre o autor e os estudos de suas obras sejam abundantes, a sua vida é difícil de explicar. Sabe-se que ele foi tipógrafo, poeta, revisor, jornalista, cronista, contista, dramaturgo e censor de peças teatrais, crítico literário e romancista. Seria possível dizer que a sua prosperidade deveu-se exclusivamente às letras não fosse o fato do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ter sido funcionário do Império, e também não fosse o fato de que a obra em si mesma não é tudo, o contrário do que afirma o defunto autor. Sendo ocupações de homens letrados, importa saber os caminhos da sua formação intelectual antes de tratar de suas obras.

À roda da vida dele há uma sociedade mais conhecida. Na época de Machado de Assis, a época da Escravatura, muitos homens souberam o preço exato da própria

liberdade, fosse calculado por dinheiro, suor ou até pela própria morte. Não sendo Machado de Assis escravo, para conquistar sua liberdade ele cerrou grilhões que não prendiam os braços e as pernas, e sim as mentes e os corações.

As desigualdades sociais que existem hoje, que existiram no tempo do escritor, elas estiveram nas raízes do Brasil, e continuaram a produzir, reproduzir, justificar e legitimar a exclusão e a marginalização do grosso da população. Exigiria um estudo próprio explicar no que se fundamentaram as desigualdades do país, no entanto não há dúvidas de que o início escravocrata, latifundiário e analfabetizado deu origem a elas. Numa palestra sobre Machado de Assis, o economista Celso Furtado afirmou:

Machado nasceu meio século antes da abolição da escravatura. Se se tem em conta a sua mestiçagem e a situação de dependência em que viveu a infância como agregado de uma família abastada, e se se tem em conta seu esforço para ocultar os ataques epiléticos que se manifestam em idade incerta, temos alguns elementos para explicar a singularidade dessa personalidade. Sua vida foi uma longa caminhada para ascender numa sociedade rigidamente estratificada, sem fazer concessões no que se refere aos valores fundamentais do homem. Lendo sua obra, particularmente os romances da maturidade, tem-se a impressão de estar diante de alguém que construiu suas próprias referências para isolar-se do contexto social. A mistura de ceticismo e humorismo que constitui o cimento dessa obra revela um pensador subterrâneo que enviasse mensagens aos leitores do futuro.²⁷

É oportuno compreender como Machado de Assis construiu suas próprias referências. Sendo ele escritor, não resta dúvidas que isso ocorreu através da leitura.

Comparando com os quadros educacionais da época, é possível demonstrar a singularidade da formação intelectual de Machado de Assis desde o aprendizado da leitura até a rica biblioteca que deixou de herança, incluindo os meios de acesso aos livros encontrados por ele ao longo da vida. Concordando que para ser escritor é necessário saber ler e escrever, concordar-se-á também que as leituras necessárias para escrever como ele escreveu constituem uma verdadeira épica individual, principalmente observando os quadros da educação, do livro e da leitura na história do Brasil.

²⁷ FURTADO, Celso. Machado de Assis: contexto histórico. In: *Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*. FREIRE, Rosa (org.) Rio de Janeiro: Contraponto ; Centro Internacional Celso Furtado, 2012.

Nenhum ou pouco acesso aos livros e à leitura nas raízes do país

Os estudos sobre o período colonial (1500-1808)²⁸ indicam que existem poucos registros de livros e bibliotecas no Brasil, nenhuma delas uma biblioteca pública. Os poucos livros ficavam guardados em bibliotecas particulares e foram trazidos de outros lugares, porque a sua produção e a impressão de livros, assim como a existência de tipografias, eram proibidas neste tempo. Quem possuía livros eram funcionários da metrópole, portugueses letrados e clérigos. A Igreja neste período ocupou uma função educadora, ao custo da conversão dos colonos e da gramaticalização de diversas línguas em torno do Tupi.

Essas limitações determinaram o grau de refinamento intelectual, o nível de escolaridade e as condições de acesso aos livros durante três séculos no Brasil. Ainda havia o agravante de Portugal também proibir a instalação de universidades em suas colônias.²⁹ Quando a educação deixou de ser conduzida pelos jesuítas, o governo criou aulas somente para alguns privilegiados e que não passavam das primeiras noções de línguas, pensamento e ciências. Elas deveriam ser custeadas pelo imposto então criado,

²⁸ Para apresentar a questão do livro no Brasil colonial, tomei por base as leituras de MORAES, Rubem Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2006. VILLALTA, Luiz Carlos. Bibliotecas privadas e práticas de leitura no Brasil colônia. In: MATTOSO, MUZART, SANTOS e FONSECA (Orgs). *Nasissance du Brésil Moderne, Actes du Colloque "Aux temps modernes: naissance du Brésil"*, Sorbonne, Mars 1997. Traduzido do português por Maria Jacob Dias de Barros. Paris: Presses de l'Université de Paris - Sorbonne, 1998.

²⁹ HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. É um dos estudos sobre a colonização portuguesa mais repercutidos na tradição do pensamento social brasileiro no qual há uma comparação com a colonização espanhola da América muito útil para a compreensão do processo de independência no continente, principalmente para as especificidades da Independência do Brasil. A Espanha permitiu desde o início a implantação de universidades na sua colônia. Como será visto adiante, Portugal jamais permitiu a formação de universidades no Brasil acarretando a elitização do conhecimento na colônia, algo que será abordado adiante.

o subsídio literário, mas não durou e nunca foi eficaz para a formação educacional da população, nem mesmo da elite.³⁰

Essa situação quase não se modificou 1700, quando o ensino promovido pela Igreja foi completamente interrompido, e a colônia passou a receber pessoas que haviam estudado nas universidades europeias para ocupar cargos de gestão no Brasil. A vinda dessa pessoas foi importante para a disseminação de livros e, por conseguinte, para circulação de conhecimento, já que ciências, letras e outros saberes passaram a existir onde a quase totalidade era mística e religiosa.³¹

Há que se pensar que essa proibição da produção de livros e da formação de universidades reduzia a circulação de idéias, especialmente ideias perigosas para o poder constituído, logo devem ser vistas como um meio de exploração. Prova disto é o fato da elite brasileira ter adquirido sua formação em Portugal, especialmente na Universidade de Coimbra que durante um século formou o irrisório número de 1.242 estudantes brasileiros, ao passo que 3 universidades no México, colônia espanhola, formaram aproximadamente 150.000 estudantes no mesmo período.

Os estudos sobre o período da presença da família real portuguesa no Brasil

³⁰ As aulas régias foram 17 de ler e escrever, 15 de gramática, 6 de retórica, 3 de grego e 3 de filosofia. Ao todo 44, para uma população que girava em torno de 1.500.000. O restante da educação formal era dado em escolas religiosas, seminários, aulas particulares. A respeito da política de proibição de universidades nas colônias, “quando em 1768 a capitania de Minas Gerais pediu permissão para criar por conta própria uma escola de medicina, o Conselho Ultramarino respondeu que a questão era política, que a decisão favorável poderia enfraquecer a dependência da colônia e que ‘um dos mais fortes vínculos que sustentava a dependência das colônias era a necessidade de vir estudar em Portugal’. O governo deveria antes fornecer bolsas de estudo para que os alunos pobres pudessem fazer a viagem a Portugal”. Cf. CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial. Teatro de sombras: a política imperial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p.69

³¹ O ano de 1811 é um marco na história do livro e da leitura no Brasil, porque foi o ano no qual surgiu o primeiro projeto de fundar uma biblioteca pública. Este projeto encaminhado ao governador da Capitania da Bahia posteriormente se tornou uma biblioteca no Colégio dos Jesuítas, o que comprova que a relação entre Igreja e educação persistia no Brasil. Com a inauguração dessa biblioteca, ela passou a funcionar emprestando livros do governador da província, o Conde D’Arcos, e de duplicatas da Biblioteca Real doadas pelo Príncipe D. João VI. Embora os princípios declarados tenham sido de promover a instrução popular, seu acervo distanciava-se da população criando uma barreira entre a biblioteca pública e a sociedade. Contam os estudos sobre essa biblioteca que predominavam em seu acervo títulos franceses e ingleses, língua portuguesa com temas de difícil compreensão”. SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. p 52.

(1808-1889)³² mostram que o analfabetismo atingiu a maioria da população da qual se destacou uma reduzida elite que se escolariza na colônia e em seguida estudava em universidades europeias.

Com a chegada da Corte e a Independência, foram criadas escolas, cursos e bibliotecas no Brasil que radicalizaram os contrastes sociais, em vez atenuá-los, já que foram criados para segmentos específicos. A Real Academia dos Guardas-Marinhas foi criada em 1808, a Academia Real Militar em 1810, as Escolas de Medicina do Rio de Janeiro em 1813, de Salvador em 1815, a Academia de Belas-Artes em 1820, as Faculdades de Direito de São Paulo, em 1828, e Olinda, em 1828, transferida para o Recife em 1854), a Escola de Fármacia em 1839 e a Escola de Minas em 1876 ambas em Ouro Preto. Em 1858 a engenharia civil foi retirada da Academia Militar e transferida para a Escola Central em 1858, que se transformou na Escola Politécnica, em 1874. A partir de 1838 também foram criados o Colégio Pedro II, a Escola de Música, o Instituto Comercial, outras escolas profissionais, além das Escola Naval no Rio de Janeiro.

José Murilo de Carvalho, autor do estudo do qual essas informações foram retiradas, explicou um padrão de ingresso nessas instituições para diferentes quem era ou não abastado. Além disso, a título de tese de ciência política, ele também concluiu que houve uma unificação ideológica da elite brasileira, pois os seus membros estudaram nos mesmos cursos, tendo recebido a mesma formação:

Os filhos de família de recursos, que podiam aspirar a uma educação superior, iniciavam a formação com tutores particulares, passavam depois por algum liceu, seminário ou, preferencialmente, pelo Pedro II, e afinal iam para a Europa ou escolhiam entre as quatro escolas de direito e medicina. As quatro cobravam anuidades e seus cursos duravam cinco anos (direito) e seis anos (medicina). Um

³² HALLEWELL, L. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: EDUSP, 2005. BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.) *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora Unesp, 2010. LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: livro e literatura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991. RENAULT, Renan. *Rio de Janeiro: a vida da cidade refletida nos jornais (1870-1890)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

estudante típico entraria numa dessas escolas na idade de 16 anos e se formaria entre 21 e 22 anos. Quando havia gratuidade do ensino, era mantido um recrutamento seletivo baseado em mecanismos discriminatórios, o mais importante dos quais a exigência de custosos enxovais. As pessoas de menores recursos podiam completar a educação secundária nos seminários ou em escolas públicas.³³ [...] A unificação ideológica da elite imperial se deu pela educação superior. E isto por três razões. Em primeiro lugar, porque quase toda a elite possuía estudos superiores, o que acontecia com pouca gente fora dela: a elite era uma ilha de letrados num mar de analfabetos. Em segundo lugar, porque a educação superior se concentrava na formação jurídica e fornecia, em consequência, um núcleo homogêneo de conhecimentos e habilidades. Em terceiro lugar, porque se concentrava, até a Independência, na Universidade de Coimbra e, após a Independência, em quatro capitais provinciais, ou duas, se considerarmos apenas formação jurídica. A concentração temática e geográfica promovia contatos pessoais entre estudantes das várias capitâneas e províncias e inculcava neles uma ideologia homogênea dentro do estrito controle a que as escolas superiores eram submetidas pelos governos tanto de Portugal como do Brasil.³⁴

O número de alunos matriculado em escolas primárias e secundárias era muito baixo. De acordo com o Censo de 1872, somente 16,85% da população entre 6 e 15 anos frequentava a escola. E havia menos de 12.000 alunos matriculados nas escolas secundárias, sendo a população livre de 8.490.910 habitantes. Os dados de ocupação fornecidos pelo Censo de 1872 permitem calcular o número de pessoas com educação superior no país em torno de 8.000. A educação no Brasil acentuava o quadro de desigualdades sociais. O analfabetismo atingia 99,9% entre a população escrava em 1872.³⁵

“A nação não sabe ler”

Mais adiante será reproduzida uma frase extraída de uma notícia de jornal na qual Machado de Assis reconhece que talvez não lhe fosse possível aprender a ler senão pelas circunstâncias peculiares da sua vida. A frase surge enquanto o escritor analisa os dados sobre o analfabetismo expostos no censo de 1872, ou seja, o mesmo censo que serviu de fonte de estudo para José Murilo de Carvalho. Como será visto, essa

³³ CARVALHO; *op. cit.*; p.75

³⁴ CARVALHO; *Ibidem*; p.65

³⁵ CARVALHO; *Idem*; p.79-80

afirmação é um indício da posição social na qual o escritor se reconhecia, que tinha sim a ver com a cor de sua pele, mas também guardava relações com a máquina mercante que há séculos vinha espalhando indiscriminadamente muitos males mais a ignorância.

Machado de Assis não recebeu nenhuma das possibilidades educacionais oferecidas à elite brasileira, ficou à margem das existentes para as camadas trabalhadoras ou livres e, apesar disso, não fez número nas estatísticas do analfabetismo no Brasil que incluía a população pobre e escrava.

Com um pouco de memória, um pouco de folclore e um pouco de análise, biógrafos afirmam que o escritor aprendeu a ler na infância, educado pelos pais, para seguir sua instrução com as próprias mãos. Como as fontes do início da vida do escritor são escassas, considerou-se pertinente usar as biografias escritas desde o tempo em que o escritor era vivo até os dias atuais para reiterar o argumento.

Foi garoto alegre e travesso, querendo bem à madrinha e dela muito querido; teve mãe e irmã pequena, ambas deixando a vida de Joaquim Maria muito cedo. O pai casou-se com Maria Inês, mulata que não teve filhos e se afeiçoou maternalmente ao enteado; foi ela quem lhe ensinou a ler, sem poder adivinhar o que viria a fazer o menino com as letras que ia aprendendo a juntar. “Coisas futuras”. Continuou os estudos na escola pública, com disciplina reforçada pela palmatória. Depois, morto o pai, lá se foi, com a madrastra, para um colégio dirigido por senhoras não muito prósperas; tanto que, para reforço do orçamento, fabricavam balas e doces; madrastra e enteado trabalhavam nesta indústria, ela na cozinha, ele vendedor ambulante. [...] E Joaquim Maria já revelava pendores intelectuais, não perdendo ocasião de ler e de aprender: a padaria do bairro [Neste tempo eles moravam em São Cristóvão] era de língua francesa, e francês o forneiro, lá ia o menino tomar lições da língua então indispensável para dar lustro às pessoas. Em 1856, se torna aprendiz de tipógrafo. Aprendiz não dos melhores, no conceito do chefe das oficinas, implicando com o seu jeito de mergulhar na leitura sempre que lhe dava uma folga, e até fora dela. Mas o Diretor desejava conhecê-lo, talvez mesmo em consequência do motivo das queixas. Conhece-o, e logo se tornam amigos; coisa natural, porque esse diretor se chamava Manuel Antonio Almeida, o romancista de *Memórias de um sargento de milícias*, livro hoje considerado indispensável para a nossa evolução literária.³⁶

Não sei de outro leitor mais de jornais do que foi Machado de Assis; admirava-me que ele tivesse o tempo e o gosto de aplicar a atenção a tanta coisa somenos, sem prejudicar a leitura dos grandes autores e o seu próprio trabalho literário. Concordava em que já devia abster-se deles, mas era um vício de mocidade. O que lhe valia era o método de trabalho e a rapidez com que sabia ler. Pelo manhã, bebido o café, escrevi; depois do banho, lia os seus autores passeando pelo gabinete. Finda a tarefa diária, entregava-se aos jornais antes, durante e depois do almoço e no

³⁶ CAVALCANTI PROENÇA, M. Biografia. In: ASSIS, Machado de. *Helena*. Coleção Clássicos Brasileiros. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. p.7, 8 e 9

bonde. Era tempo suficiente para percorrê-los de ponta a ponta, a Gazeta de Notícias, o Correio da Manhã, o Jornal do Commercio, O País, o Diário Oficial e às quintas-feiras o folhetim do Dr. C. de Laet, no Jornal do Brasil. Aborrecia, mas não deixava de ler a "Seção Livre" do Jornal do Commercio.³⁷

[Machado de Assis] não viveu tampouco entre gente bronca. Homem de alguma leitura, assinante do Almanaque Laemmert, Francisco José, na escolha do ofício, revelara uns embrionários dotes artísticos, uma certa compreensão do belo. Também Maria Inês sabia ler, e ambos cuidaram, na medida dos seus recursos, da instrução do menino. Maria Inês foi a primeira mestra de Machado de Assis; ensinou-lhe o pouco que sabia, as letras, as primeiras operações. Depois, puseram-no numa escola pública. [...] Sombria escola de antigamente, com a palmatória à mostra. A Joaquim Maria não deve ter sido nunca necessário aplicá-la. Manifestou logo grande amor ao estudo, a insaciável curiosidade intelectual que o levaria, já se abeirando dos setenta anos, e da morte, a aprender grego. [...] Certamente, nas horas de folga, procurava ouvir trechos das lições dadas às meninas ricas, pescar aqui e ali uma noção, um esclarecimento. Não lhe seria possível penetrar nas classes, mas os moleques têm mil manhas, sabem escutar às portas, esgueirar-se pelos corredores, esconder-se nos desvãos escuros. Imóvel, o coração batendo de susto, enquanto esperava o tabuleiro das quitandas, Joaquim Maria ouvia as aulas que não lhe eram destinadas. [...] umas vez por outro, haveria de arranjar no colégio algum livro emprestado, e então a vigília já não era penosa, as durezas do presente ficavam esquecidas, esquecidas ficavam as cogitações do futuro. O pequeno leitor atirava-se sofregamente ao volume ávido de aprender, de saber. Movia-o o prazer de se instruir, a sua inesgotável curiosidade intelectual, mas também a vontade de ser alguém, de subir, de forçar a mão ao destino. [...] A noite, livre do tabuleiro, e talvez durante também o dia, em momentos roubados às obrigações, o pequeno aprendia com o forneiro, com uma facilidade de pasmar, a ler e traduzir francês. [...] Já velho, contava que praticara francês na casa de uma família que frequentara assiduamente, obrigando-se a lá ir sempre, não pelo prazer da companhia, mas para apanhar uma boa pronúncia.³⁸

Maria Inês teria sido a sua mestra de primeiras letras. Mas é certo que Machado de Assis frequentou escolas públicas. Provavelmente as que aparecem aqui e ali, ao longo de sua obra, na Rua do Costa (localizada ao sopé do Morro do Livramento) ou na Rua do Piolho (um pouco mais longe, precisamente na Rua da Carioca dos nossos dias). [...] O primeiro emprego de Machado de Assis foi numa papelaria. A vida era dura para o rapazinho que lutava para ajudar a madrastra, sem se descuidar de si mesmo. Logo compreendeu que tinha de estudar muito, sem descanso, para ser alguma coisa na vida. Sem recursos que lhe permitissem conquistar o título de bacharel em São Paulo ou no Recife, ou o diploma de doutor em medicina no Rio ou na Bahia tratou de aprender sozinho, frequentando as raras bibliotecas públicas da Corte, especialmente a do Gabinete Português de Leitura. Aprendera francês com extrema facilidade graças ao conhecimento que fizera com madame Gallot, dona de uma padaria, situada nas proximidades do colégio de meninas, onde morava. [...] Nessa fase da adolescência, o bondoso padre-mestre Silveira Sarmento completaria a educação de Machado de Assis, ampliando os seus conhecimentos e orientando as suas leituras.³⁹

Na revista *O Álbum*, ao publicar o retrato de Machado de Assis, em janeiro de 1983, Arthur Azevedo, direto da referida publicação e companheiro do escritor no

³⁷ ALENCAR, Mário. *Alguns escritos*. Rio de Janeiro: Ministério da Cultura / Fundação Casa de Rui Barbosa, 1995. p.34

³⁸ PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6a edição. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1988. 1a ed. 1936 p.38-42 A seguir, a autora afirma suas fontes: "O professor Hemetério dos Santos, que conheceu a madrastra de Machado de Assis, é quem dá essas informações em artigo publicado no Almanaque Brasileiro, da Livraria Garnier, do ano de 1910". "Informações que devo às senhoritas Pinto da Costa, amigas de D. Carolina Machado de Assis, suas vizinhas nas Laranjeiras".

³⁹ BARBOSA, Francisco de Assis. *Machado de Assis em miniatura: um perfil biográfico*. 2a ed. Brasília DF: Batel, 2008. 1a ed. 1957.p.19-23

Ministério da Agricultura, Comércio e obras Públicas, fez algumas revelações sobre sua infância e o seu aprendizado, decerto graças a informações colhidas com ele próprio. 'Os seus estudos foram muito irregulares. Ao deixar a escolas de primeiras letras, sabendo apenas ler e escrever, tratou de instruir-se a si mesmo, sem professores nem conselheiros, e assim adquiriu todos os conhecimentos indispensáveis à carreira que devia ilustrar o seu nome. Para dar uma idéia da força de vontade que ele possuía - como ainda possui - em se tratando de enriquecer o espírito, basta dizer que e tinha perto de 50 anos quando aprendeu a língua alemã. Em 1858, abraçou a arte tipográfica, mas no ano seguinte abandonou-a, para ser revisor de provas da famosa casa do Paula Brito e do Correio Mercantil.⁴⁰

Mesmo com todos esses problemas e pobreza, Machado teve uma educação incomum. Pai e mãe - uma raridade entre as famílias humildes na época - sabiam ler e escrever e provavelmente lhe ensinaram português. [...] Machado também deve ter ido à escola, mas não se sabe qual, ainda que no "Conto de Escola" faça referência a uma instituição localizada entre o morro do Livramento e a praia da Gamboa. O padre Silveira Sarmento, da Capela de São João Batista, na Quinta da Boa Vista, teria instruído o menino. [...] Prestes a completar quinze anos, com esse currículo peculiar de dores e saberes, Machado viu seu pai se casar de novo, com a doceira mulata Maria Inês da Silva, 33 anos, que Francisco supostamente conheceu no colégio Meneses, em São Cristóvão, aonde Machado de Assis teria ido assistir a algumas aulas. Maria Inês também teria colaborado com a educação do de Machado, mas, segundo Francisca de Bastos Cordeiro, futura amiga do escritor, eles não se deram bem. Na padaria da viúva Gallot, na rua São Luiz Gonzaga, o forneiro, a pedido de Maria Inês, teria lhe ensinado o francês, idioma que Machado já mostra dominar antes dos 20 anos; mas o fato é que o estabelecimento só é registrado em 1863, o que põe em dúvida a informação. Ou, como, na pré-adolescência, adquiriu o gosto pela literatura e passou a sonhar com outra profissão que a de caixeiro.⁴¹

O pai de Machado de Assis sabia ler e escrever. Acontecia o mesmo com os avós? Em 1846, e em 1847, ele assinou o Almanaque Laemmert. Esta assinatura mostra também certo interesse por aquilo que se passava fora da propriedade. Por outro lado, encontrou-se sua assinatura aposta em diversos atos. Nesta sociedade, em que os iletrados eram a maioria, o fato merece ser assinalado". Sabendo ler e escrever, ela [a mãe] podia transmitir a Joaquim Maria o seu conhecimento, o que, nessa sociedade semi-analfabeta, a colocava em posição de vantagem.⁴²

O Sr. Francisco de Assis era um humilde operário pintor de casas. Já Hemetério dos Santos afirma que ele teria sido 'pintor e dourador', 'um artista inteligente e de alguma leitura'. Apesar de julgar tal informação verossímil, Massa verifica que o nome Assis não aparece em nenhum dos almanaques Laemmert, nas diversas rubricas relativas a pintores. E acaba por concluir que ele teria sido um artesão circunscrito à comunidade onde residia, no então Morro do Livramento. Quanto à mãe do escritor, reafirmou-se indiscriminadamente, de um livro ao outro, a partir de Pujol, que era uma mulata lavadeira de roupas. Entretanto em 1939, por ocasião da Exposição do Centenário de Nascimento de Machado de Assis publicou-se sua identidade açoriana. Segundo Massa, 'Se Maria Leopoldina retornava ao Livramento (chácara do Livramento), após se casar, só poderia ser para realizar tarefas compatíveis com sua formação cultural e sexo: costura, bordado, trabalhos de agulha; talvez até um pouco de atividades de ensino, porque saiba ler e escrever. guardadas cuidadosamente as proporções, a consideração que a cercava devia ser semelhantes ao tratamento dado às francesas que, mais tarde, vieram ao Brasil com o fim de instruírem e educarem as jovens brasileiras'. Tanto pela ascendência materna quanto pela paterna, Machado de Assis teve origem humilde. Bisneto de

⁴⁰ MAGALHÃES JR., Raimundo. *Machado de Assis: vida e obra*. vol 1. Aprendizado. Rio de Janeiro: Record, 2008. 1a ed. 1980 (?) p.21

⁴¹ PIZA, Daniel. *Machado de Assis: um gênio brasileiro*. 2a ed. São Paulo: Imprensa oficial do estado de São Paulo, 2006. p.55

⁴² MASSA, J-M. *A juventude de Machado de Assis (1839 - 1870) - ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

escravos alforriados pelo lado paterno, mas neto de homens livres por ambos os lados, Machado de Assis não se encontrava, entretanto, segundo a análise do pesquisador francês Jean Michel Massa, embaixo, na escala social do Brasil de então” [...] “Verifica-se, também, que não há registro oficial da passagem do menino Joaquim Maria pelas escolas da cidade, o que só ratifica o fato de que sua formação fundamental teria sido feita dentro da própria casa, por intermédio de seus pais.⁴³

A reprodução de tantas e variadas anotações do mesmo registro foram a forma encontrada de comprovar a veracidade desses fatos, pois é difícil recuperar sua trajetória de vida pelos escassos dados biográficos existentes. Seus pais foram Francisco José de Assis, pintor de paredes, e Maria Leopoldina da Câmara Machado, lavadeira vinda de Açores, viria a ser enteado de Maria Inês da Silva, com quem escritor ainda jovem trabalhou vendendo doces. Foi protegido por Dona Maria José de Mendonça Barroso Pereira, viúva de um senador, que protegia seus pais. Dona Maria José tornou-se madrinha de Joaquim e seu irmão-de-lei, o comendador Joaquim Alberto de Sousa da Silveira, o padrinho, que em homenagem deram os primeiros nomes do escritor, Joaquim Maria. Casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais de origem portuguesa.

A estrutura que fez o destino de milhares de pessoas naquela sociedade, não comportou a trajetória de Machado de Assis. Outros aspectos do seu aprendizado também costumam ser reiterados nessas biografias. Por exemplo, o escritor teve aulas em uma escola só para meninas, graças à sua madrastra que trabalhava no local como doceira. E que ele aprendeu francês com um padeiro imigrante. Também falam que amigos lhe permitiram continuar aprendendo, como, por exemplo, o escritor José de Alencar, que lhe ensinou o idioma inglês, e que ao longo da vida ele ainda aprenderia alemão e grego. Francisco de Paula Brito, que era dono de uma livraria, um jornal e uma tipografia, lhe deu emprego como revisor e também foi quem primeiro publicou Machado de Assis, o poema Ella (“Ela”), escrito por Joaquim, de 15 anos de idade, no

⁴³ Estas informações biográficas sobre Machado de Assis podem ser lidas em VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luis. (org) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL Topbooks, 2008. A autora, por sua vez, faz referências a Alfredo Pujol, Francisco Ramos Paz e Jean-Michel Massa. p.108-109

jornal Marmota Fluminense. Ele foi contratado como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Oficial, encarregado com a publicação das medidas do governo. Neste emprego, ele foi encorajado a escrever por Manuel Antônio de Almeida, diretor do jornal e também um romancista. Ele também conheceu Francisco Otaviano, jornalista e senador depois liberal, e Quintino Bocaiúva, que décadas mais tarde se tornaria conhecido por seu papel como um orador republicano.⁴⁴

O seu acesso ao conhecimento também ocorreu pelo empreendimento individual que o levou a frequentar os espaços públicos onde era permitido instruir-se, as bibliotecas públicas, principalmente o Real Gabinete Português e a Biblioteca Nacional.

Machado de Assis foi aluno assíduo dos escritores da língua portuguesa, mas ao tempo em que primeiro os estudou, faltando-lhe meios para comprá-los, lia-os de empréstimo, como assinante do Gabinete Português de Leitura. Anotava então em pequenas folhas avulsas o que ia achando interessante, em matéria de estilo e de língua, sob o ponto de vista da dicção ou gramática. Ouvi-lhe uma vez que eram muitas essas notas, mas que em grande parte as tinha já rasgado ou perdido, e igual destino haviam de ter as restantes. Salvaram-se felizmente algumas, que hoje pertencem à Academia Brasileira, doadas com outros manuscritos do escritor, pela herdeira dele.⁴⁵

É também em 1855, a 13 de agosto, que pela primeira vez o jovem leitor Joaquim Maria Machado de Assis visita o salão de leitura da Biblioteca Nacional para consultar a coleção das Marmotas Fluminenses dos meses de junho, julho e agosto. Retorna, ainda, mais duas vezes à Biblioteca: a 17 de novembro, quando consulta o livro de José Ignácio de Abreu Lima, Sinopse ou dedução dos fatos mais notáveis da História do Brasil e os dois volumes do Padre Ayres do Casal, Corographia Brasília; e a 13 de dezembro quando consulta os jornais do Comércio de agosto, setembro e outubro.⁴⁶

Folclore, memória e análises à parte, a prova definitiva do papel decisivo da leitura na vida de Machado de Assis foi dado por ele, em 1876, quando, apoiando-se em estatísticas oficiais do censo de 1872, afirmou:

A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não leem letra de mão. 70% jazem na profunda ignorância' ⁴⁷ Ao

⁴⁴ Vainfas, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

⁴⁵ ALENCAR, Mário de. Notas de Leitura de Machado de Assis. *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 1, Rio de Janeiro, 1910. Citado em SANTOS, Gilda. A presença de Machado de Assis no Real Gabinete Português de Leitura. *Revista Convergência Lusíada*, n. 25, janeiro - junho de 2011 Disponível em: <http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/?p=159> Data do acesso: 27 de janeiro de 2012.

⁴⁶ VIANNA; op. cit.; p.110

⁴⁷ MASSA, J-M. *A juventude de Machado de Assis (1839 - 1870) - ensaio de biografia intelectual*. Rio de

analisar as estatísticas oficiais da ocasião, que só 30% da nação sabiam ler, certamente o fato de ter nascido 37 anos antes, em uma família letrada, já lhe havia concedido um privilégio: a condição de tornar-se leitor.⁴⁸

Tem uma visão sobre si neste fragmento que jamais seria encontrada nas obras do escritor: “uma família letrada” x “a nação não sabe ler” x “um privilégio: a condição de tornar-se leitor”. O que pode levar a uma formulação que fica nas entrelinhas: “não fosse essa condição, hoje não teria outro privilégio: a condição de tornar-se escritor”.

Em 1876, Machado de Assis tinha 37 anos de idade. Sete livros seus já haviam sido publicados: *Crisálidas*, *Falenas*, *Contos Fluminenses*, *Ressurreição*, *Histórias da Meia Noite*, *Americanas* e *Helena*. O escritor já era reconhecido como tal, mas ainda não havia publicado os livros que o consagraram, iniciados com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, cuja a primeira edição é de 1881.

Pedagogia da leitura

A instrução de Machado de Assis, dentro dos quadros da educação naquele tempo descritas por José Murilo de Carvalho, foi revolucionária. E deixou suas marcas. De acordo com o crítico literário Roberto Schwarz⁴⁹ em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ao que Hellen Caldwell⁵⁰ e John Gledson⁵¹, dois críticos literários ingleses, acrescentaram *Dom Casmurro*, Machado de Assis definiu a classe social dos seus protagonistas, sendo Brás Cubas e Bento Santiago, dois estudantes de Direito, um em Portugal e o outro em São Paulo, assim como se verificou na história do Brasil com

Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1971.

⁴⁸ VIANNA; 2008; 109

⁴⁹ SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

⁵⁰

⁵¹ GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo: um reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

a elite. Com esse posição social definida e o enredo de cada romance, Machado de Assis enfatizava a imagem que possuía deles. Na história vivida por esses protagonistas, reside a verve crítica do escritor, tal como será mostrado no último capítulo desta pesquisa.

Em *A formação da leitura no Brasil*⁵² salienta-se outro aspecto fundamental da participação de Machado de Assis no comportamento do leitor brasileiro e da profissionalização do escritor.

Para mostrar a representação do leitor e mesmo o aprendizado dele pelas páginas da literatura brasileira, foram identificadas as estratégias contidas nos romances de Manoel Antônio de Almeida, José de Alencar e Machado de Assis e, com isto, a evolução desta trajetória ou a reprodução desta prática durante o século dezenove. “A forma como autores e narradores do romantismo brasileiro apresentam-se diante do leitor, nos livros de ficção, é sintomático dos cuidados tomados diante desse público incipiente”.⁵³ Em Almeida, o leitor é visto como alguém que necessita ser amparado ao longo da narração para que ele não se perca na leitura, compreenda o que está acontecendo, e saiba corresponder às expectativas que a leitura deveria lhe causar. Este procedimento de lição ao leitor transita do folhetim para o livro impresso, passando por José de Alencar, e sendo incorporado e transformado por Machado de Assis que faz do diálogo com o leitor mais do que uma condução, mas elevando-o, e, hoje já se sabe, enganando-o. Enfim, ele trouxe o leitor não apenas para a melhor compreensão da obra, mas para a participação direta dela.⁵⁴

⁵² LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

⁵³ LAJOLO e ZILBERMAN. *Idem*. p.19

⁵⁴ A partir da presença do leitor no romance *A mão e a luva* foi feito um estudo da crítica ao comportamento do leitor que Machado de Assis fez neste romance: “Ser leitor romântico, no caso de

Recursos de sedução do leitor, o estabelecimento da cumplicidade corre por diferentes caminhos, desvelando, algumas vezes, sua natureza instrumental: veja-se quando o narrador chama a atenção para as virtudes do interlocutor, cujas inteligência e sensibilidade seguidamente celebra, o que transformam o leitor em pessoa arguta capaz tanto de acompanhar os passos da intriga, como de refletir sobre ela. Mas como, no decorrer da narrativa, nem todos os leitores que nela contracenam manifestam tal desenvoltura, o recurso desvela sua exemplaridade, isto é, a comparação entre o que é retratado e as expectativas antecipadas pelo livro funcionam como projeção do leitor idealizado pelo autor e, com grande probabilidade, modelo do comportamento esperado o leitor empírico.⁵⁵

O legado literário

Muitas das leituras feitas por Machado de Assis foram identificadas a partir de citações em suas obras ou de influências literárias intertextuais.⁵⁶

Sejam pensados outros aspectos possíveis de serem observados pelos livros que Machado de Assis possuía. Jean-Michel Massa buscou sem sorte uma biografia intelectual que o escritor poderia ter revelado através das anotações nestes livros, mas, constatou que Machado de Assis não tinha este hábito, exceto raras vezes quando escreveu nas primeiras páginas de algumas obras.

Além disso, o que estava escrito nos livros que Machado de Assis era proprietário, não foram escritos por ele, e sim, do fato, do escritor comprar livros

Estevão, equivale a ser um mal leitor, isto é, ser incapaz de estabelecer a necessária distância entre o lido e o vivido. Tradicionalmente, na obra machadiana, personagens de tal feitio são vencidas ao largo da trama, o que efetivamente acontece com Estevão, em tudo oposto ao pragmático Luis Alves, cujas leituras não ultrapassam livros técnicos exigidos pela profissão, mas que lhe asseguram conquistas. Decididamente não são estevãos os destinatários que o narrador machadiano tem em vista, nem nesta, nem em nenhuma de suas obras. Com interlocutores de semelhante estatura intelectual não é possível manter o diálogo que a obra de Machado de Assis pretende entabular com os leitores. Provavelmente limitado pelas expectativas românticas vigentes ao tempo em que escreveu *A mão e a luva*, expectativas reforçadas por ter a obra sido inicialmente lançada sob a forma de folhetim, Machado parece estar querendo criar certo padrão de leitura e leitor que não se deixa consumir pela febre romântica. Desse modelo, Estevão é a caricatura [...] É entre esses dois sujeitos que a comunicação se instala, é a esse tipo de consumidor mais sofisticado que o narrador, maduro e experiente, se dirige deixando de lado os leitores românticos que, homens e mulheres, são seguidamente matéria de crítica por parte de Machado". LAJOLO e ZILBERMAN. *Idem*. p.25 e 26.

⁵⁵ LAJOLO e ZILBERMAN. *Ibidem*. p.23

⁵⁶ A exemplo dos estudos que podem ser lidos em JOBIM, José Luis. (org) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL Topbooks, 2008. Estes temas possíveis de serem explorados pelas leituras de Machado de Assis foram listados por Jobim nas páginas p.12, 13 e 14.

usados, de segunda mão. Para Massa isto foi mais um gesto da personalidade discreta do autor. Mas o seu cuidado em não anotar nos livros também pode ser visto como uma atitude de zelo, típica de quem sabe o peso do livro no próprio orçamento. Neste sentido, também pode revelar o desejo do autor de acumular livros, deixando uma herança aos seus descendentes, além da sua própria instrução, o fato dele ter construído uma vasta biblioteca com saberes do mundo inteiro. O que é uma forma distinta de compreender o inventário de sua biblioteca, como fez Massa, que ao registrar os acervos adquiridos pelo escritor ou os livros que ele recebeu por ser presidente da Academia Brasileira de Letras, concluiu que isto revelaria os gostos do escritor unicamente. Também mostra o reconhecimento do escritor sobre o poder da leitura na sua ascensão o fato dele comprar em outras livrarias que não fosse a Garnier cujo proprietário era da família que editava seus livros.⁵⁷

Com autores gregos, latinos, orientais e extremo-orientais, italianos, espanhóis, portugueses, brasileiros, ingleses, germânicos, franceses, a maior parte escrita em francês, o que já indica a conquista do idioma estrangeiro, além da fuga da baixa instrução, Machado de Assis ainda aprendeu inglês, italiano e alemão. Além da literatura universal, estavam o bíblico e religioso, linguística, antropologia, direito, sociologia, história, filosofia, ciências naturais, geografia. Sabendo que a biblioteca que se tem acesso dele hoje está incompleta, não se pode afirmar quantos livros Machado de

⁵⁷ MASSA, Jean Michel. A biblioteca de Machado de Assis. In: *A biblioteca de Machado de Assis*. JOBIM, José Luis (org). Rio de Janeiro: ABL Topbooks, 2008. p.25-26 A biblioteca como reflexo do gosto do homem pelos livros pode bem ser verdade, aqui o que ressaltamos é que as condições pelas quais Machado de Assis se fez repercutiriam no desejo ter um legado, neste caso, uma biblioteca, ampla, aquela que talvez não encontrou disponível para ele mesmo. A opinião de Massa pode ser melhor conhecido pelo trecho a seguir (retirado da página 28 da referida obra): “Na verdade, a escolha dos livros é uma criação pessoal do escritor. os livros foram selecionados pelo autor em função de seus gostos, de suas aptidões. há poucos livros medíocres, mesmo entre os dos escritores cujos nomes a posteridade esqueceu. E, no entanto, ele não havia herdado uma biblioteca de família ou se aproveitado de alguma tradição familiar. [...] Por sua originalidade esta 'librarie' - como dizia Montaigne - de Machado é marcada pelas qualidades do espírito de seu inventor. Jamais fútil, séria e profunda sem ser austera, é uma biblioteca de qualidade de um homem de qualidade”.

Assis possuiu com certeza, mas estima-se que ultrapasse 700 exemplares de obras cujos autores são Aristófanes, Aristóteles, Ésquilo, Heródoto, Homero, Luciano, Platão, Plutarco, Sófocles, Catulo, Horácio, Térito, Ovídio, Virgílio, Kalidasa, Sadi, Valmiky, Dante, Ariosto, Leopardi, Ossian, Maquiavel, Cervantes, Calderón, Gil Vicente, Camões, Shakespeare, Dieckens, George Eliot, Thomas Moore, Shelley, Sterne, Thackeray, Darwin, Huxley, Loongfellow, Poe, Goethe, Heine, Schiller, Schopenhauer, Renan, Sainte-beuve, Taine, Victor Hugo e inúmeros outros escritores.⁵⁸ O que os estudiosos da biblioteca de Machado de Assis concluem é que de acordo com o seu testamento, que é de 1906, quando já havia sido reconhecido como o grande escritor e presidente da Academia Brasileira de Letras, aos 67 anos, dois anos antes de morrer, foi com muito esforço que reuniu todos estes livros durante a vida, que viriam a compor seu acervo particular, porque, apesar da notoriedade que o cercava, não podia ser considerado um homem rico.⁵⁹

O legado literário de Machado de Assis não está contido apenas nas suas obras, e sim na biblioteca acumulada por ele ao longo da vida, uma herança valiosa de conhecimento.

Uma dedicatória reveladora

Não sendo homem rico, não sendo homem de família rica, a prosperidade de Machado de Assis se deve ao conhecimento e ao trabalho, tendo ele feito o seu próprio caminho e firmando-o para as letras brasileiras. Um ensaio social de Graça Aranha compara as trajetórias de Machado de Assis e Joaquim Nabuco afirma, como esta introdução também pretende, a ascensão intelectual do escritor soberana entre as

⁵⁸ A partir de informações extraídas em MASSA; *op cit*; p.27 e VIANNA; *op. cit.*; p.101

⁵⁹ VIANNA, Glória. Revendo a biblioteca de Machado de Assis. In: JOBIM, José Luis. (org) *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: ABL Topbooks, 2008. p.112

possibilidades que se abriam de onde ele provavelmente veio:

Machado de Assis não tem história de família. O que se sabe das suas origens é impreciso; é a vaga e vulgar filiação, com inteira ignorância da qualidade psicológica desses pais, dessa hierarquia, de onde dimana a sensibilidade do singular escritor. E por isso acentua-se mais o aspecto surpreendente do seu temperamento raro, e divergente do que se entende por alma brasileira. Há um encanto nesse mistério original, e a brusca e inexplicável revelação do talento concorre vigorosamente para fortificar-se o secreto atrativo, que sentimos por tão estranho espírito. De onde lhe vem o senso agudo da vida? que legados de gênio, ou de imaginação, recebeu ele? Ninguém sabe. De onde essa amargura e esse desencanto? de onde o riso fatigado? de onde a meiguice? a volúpia? o pudor? de onde esse enjôo dos humanos? Essas qualidades e esses defeitos estão no sangue, não são adquiridos pela cultura individual. A expressão psicológica de Machado de Assis é muito intensa para que possa ser atribuída ao estudo, à observação própria.⁶⁰

Já não é possível concordar com esse tipo de juízo. A leitura explica, sim, a postura e a personalidade do escritor, mas entre a ascensão social e o autorreconhecimento nos lugares alcançados há sim um enorme abismo que talvez Machado de Assis nunca tenha transposto. E é esta liberdade que foi mencionada no início.

Foi preciso falar de leitura, antes de literatura, porque foi com esta consciência que ele reconheceu a si mesmo, e comprovadamente repercutiram na elaboração de suas obras. Foi um triunfo pessoal do escritor em abrir seu próprio caminho em uma sociedade cujas condições foram adversas. Não foi possível até aqui mensurar ou reduzir as dificuldades de Machado de Assis, talvez por ainda não superarmos àquela visão romântica mencionada pelo crítico literário Antonio Candido que julga a vida de um gênio incompatível com poucas dificuldades.⁶¹

Isto porque, em comparação ao quadro educacional brasileiro da época deduzido das informações sobre o livro e a leitura e das análises de Sérgio Buarque de Holanda e José Murilo de Carvalho, a formação intelectual de Machado de Assis é singular e, por que não dizer, revolucionária. É singular, pois é um quase-milagre que os pais

⁶⁰ ARANHA, Graça (Org., intro. e notas). *Correspondência Machado de Assis & Joaquim Nabuco*.

9Prefácio a 3ª edição José Murilo de Carvalho) Rio de Janeiro: ABL/Topbooks Editora, 2003. Pág. 24/25

⁶¹ CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de AssisIn: *Vários Escritos*. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.

descendentes de escravos soubessem ler e ensinassem à Machado ainda na infância, que, por sua vez, passa por uma juventude na qual aprende francês com um padeiro imigrante, tipografia e revisão com um livreiro e editor, inglês com um escritor influente, e, também por conta própria, frequentasse bibliotecas públicas e ainda adquirisse livros de segunda mão. Revolucionária, pois esta formação que a vida e o próprio esforço possibilitaram distinguiu o seu conhecimento dos demais conhecedores de elite, os quais Machado de Assis tornaria seus personagens.

Em retribuição a esse quase-milagre do aprendizado - o “privilégio de ser leitor” -, Machado de Assis dedicou seu primeiro livro a coletânea de poemas intitulada *Crisálidas*, publicado em 1864, ano em que seu pai morreu e no qual o escritor completava 25 anos, “*À memória de Francisco José de Assis e Maria Leopoldina de Assis, meus pais*”.

2º CAPÍTULO

O VALOR DOS LIVROS NO SÉCULO XIX

Que um país se faz com homens e livros ninguém discorda. E não apenas porque foi Monteiro Lobato quem disse. O Brasil como existe hoje no tamanho do seu território e na riqueza de sua cultura deve muito aos livros lidos em momentos distintos da nossa história. Quando os portugueses iniciaram as navegações ao redor do mundo eles procuravam por um paraíso terrestre imaginado a partir da leitura da Bíblia e encontrado com o Descobrimento.⁶² Quando os residentes da Colônia frequentaram o curso de Direito na Universidade de Coimbra, todos eles aprenderam o mesmo senso político com o qual fizeram o país após a Independência.⁶³ Até a Abolição da Escravatura, a cultura africana já havia civilizado o Brasil⁶⁴. O seu registro não está em escritos ou livros e sim na oralidade, baseada na tradição dos griôs. Mas, a formação da literatura brasileira foi caudatária de uma escola literária que consagrou uma geração de poetas ao tema dos escravos e da descendência africana, assim como das imagens idílicas ou épicas do contato do europeu com o indígena e a natureza selvagem, que constituíram a essência da brasilidade.⁶⁵

Que os livros mudam as pessoas e as pessoas mudam o mundo não há dúvidas. Quem disse foi Mário Quintana. E são intermináveis as histórias de transformação social através da leitura no Brasil. O próprio Machado de Assis superou o horizonte de expectativas para descendentes de escravos no país por meio da leitura.

⁶²HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso*. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁶³CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem - a elite política imperial e Teatro de sombras - política imperial*. Rio de Janeiro: Relumê-Dumará, 1996.

⁶⁴FREYRE, Gilberto. *Casa-Grande & Senzala*: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1992.

⁶⁵CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos 1750 a 1880* - 13ª Ed. São Paulo: Editora Ouro Sobre Azul, 2012.

Os livros que mudam as pessoas podem ser diferentes do esperado, no entanto. As classes sociais que fizeram a Revolução Francesa não liam Jean Jacques Rousseau, como creram os republicanos brasileiros na época da Proclamação, liam livros populares publicados pela Biblioteca Azul de uma filosofia errante.⁶⁶ Também liam pouco os brasileiros do século XIX. Apesar disso, uma das maiores bibliotecas do mundo é a Biblioteca Nacional, a antiga Biblioteca dos Reis,⁶⁷ o que sempre mantém vivas as chances do Brasil vir a ser um país feito por homens e livros que mudarão o mundo. Mas também esclarece que muitos livros não significam muitos leitores.

Os direitos do autor no mundo e no Brasil

Para uma nação que não sabia ler, durante o século XIX o Brasil acumulou em sua capital vastas bibliotecas – além da Biblioteca Nacional, o Museu Nacional, na época chamado de Museu Real, em 1847 possuía uma biblioteca com três mil exemplares e no final desse século viria a ser a mais rica da América Latina referentes às ciências naturais⁶⁸ –, sem falar do ritmo crescente de instalação de gabinetes de leitura e de instituições voltadas à leitura e ao empréstimo de livros⁶⁹, do estabelecimento de uma imprensa livre e de um mercado editorial composto de tipografias, editoras, livrarias e mais a vida intelectual necessária para colocá-lo em funcionamento.

No entanto, o ofício de escritor não era verdadeiramente uma profissão no país, pois não havia uma legislação específica que assegurasse os seus direitos sobre a obra literária. O que gerava esse impedimento, na verdade, era o debate em torno da propriedade intelectual, que não era um ponto pacífico desde o Iluminismo. Desde essa época, foi debatido se a criação artística deveria ser uma propriedade da humanidade –

⁶⁶ DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁶⁸ Souza Lima; 2005; p.13 apud DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org) *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

⁶⁹ SCHOPOCHNIK; 2005; p.229-243 apud DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org) *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

de todos e de ninguém ao mesmo tempo – ou do seu criador – portanto de alguém.⁷⁰

Segundo Mário Feijó Borges Monteiro, Roger Chartier

Considera que a verdadeira proteção aos direitos autorais (copyright) só foi estabelecida na França revolucionária, em 21 de julho de 1793, quando foi promulgada a lei que funcionou como “certidão de batismo do autor moderno”, ao determinar que os direitos do autor eram morais e patrimoniais; que mesmo que os patrimoniais fossem cedidos por contrato, os morais seriam inalienáveis e irrenunciáveis, válidos por toda sua vida. Antes dela, o próprio Chartier reconhece, já existiam sistemas de proteção ao autor criados e defendidos por livreiros-impressores (os editores da época); regras primitivas da corporação de artes e ofícios que congregava os livreiros de Paris somadas a vários decretos reais e alguns decretos revolucionários. A idéia de um autor proprietário foi, antes de tudo, uma invenção dos librais. [...] O autor como criador e proprietário de uma obra literária ou de um texto é uma invenção do século XVIII, o século das luzes. Segundo Chartier, a teoria do direito natural e a estética da originalidade fundamentaram a propriedade literária; o autor foi reconhecido como detentor de uma propriedade imprescritível sobre as obras que exprimem seu próprio gênio, propriedade que não desapareceria com a cessão do manuscrito aos editores, passaria, isto sim, a ter novos donos para fins de exploração comercial: os editores. Por isso foram estes os artífices da construção da figura do autor proprietário. Alguém, o autor, que era o legítimo dono, vendia os direitos sobre a reprodução do texto e outro alguém os comprava, tornando-se o novo legítimo dono.⁷¹

A importação desse debate para o Brasil ocorreu no século XIX, com a chegada da Corte e a consequente permissão da impressão de livros no território, o que representou a abertura dos portos para as ideias que circulavam no mundo. Junto com essas ideias, no entanto, não vieram os direitos dos autores, assegurados somente no final desse século.

A Constituição de 1824 garantia o direito de propriedade em toda a sua plenitude, ao afirmar que os “inventores” tinham a propriedade de suas descobertas ou de suas produções. Acrescentava que a lei lhes assegurava o “privilégio exclusivo” ou “temporário”, estabelecendo a remuneração em ressarcimento em caso de perda que

⁷⁰ Para um panorama histórico da questão da propriedade intelectual e o direito autoral cf. MONTEIRO. Mário Feijó Borges. Origens do copyright e a ideologia do autor. In: _____. Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura. *Tese de doutorado*. PUC-Rio, 2006. “Pela lei Chapelier de 1791, a propriedade do autor sobre sua obra era considerada como a mais sagrada e a mais legítima das propriedades, mas também poderia ser vista como um gênero totalmente diferente das outras propriedades. Nesse sentido, quando um autor imprimia uma obra ou representava uma peça, ele a oferecia ao público transformava-a quando a lia, a repetia, enfim, fazia dela, também sua propriedade (Latournerie, 2001). Logo, o conceito de propriedade pública, que admitia um acesso universal ao conhecimento, surgido com a lógica da ilustração, construiu-se como a tônica do Oitocentos, em paralelo aos direitos individuais dos autores”. NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.505

⁷¹ CHARTIER, Roger. “A propriedade e o privilégio”. Prefácio. In: DIDEROT, Denis. Carta sobre o comércio do livro. Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2002. *Apud* MONTEIRO. Mário Feijó Borges. Origens do copyright e a ideologia do autor. In: _____. Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura. *Tese de doutorado*. PUC-Rio, 2006.

eles sofressem pela vulgarização de seu invento (Campanhole; Campanhole, 1976, p.543). No entanto, além de tal lei não ser implementada, a Cata Magna não inclui de forma explícita a questão da propriedade intelectual. Embora fosse possível fazer uma analogia entre inventor e autor, em função da natureza intelectual do trabalho e de seu caráter de originalidade, não era assim que pensavam os homens da época. Desse modo, os autores ficavam desamparados perante a lei.”⁷²

Com essa brecha na legislação, muitos editores residentes no Brasil usufruíram da permissão para impressão sem dividir com os autores os lucros obtidos com o comércio de livros. Contra isso, abriu-se um debate que contou com a participação de lideranças políticas, intelectuais e, é claro, dos próprios escritores. Entre essas vozes, destacou-se o escritor José de Alencar como defensor da sua classe:

Em sua argumentação, demonstrava que a propriedade literária era um direito que estava sendo desrespeitado pelo Estado. Para ele, um dos confiscos ao cidadão era o do “trabalho literário e artístico, ao qual ainda não [havia sido reconhecido] o caráter sagrado da propriedade”. Acrescentava que as objeções à propriedade intelectual eram de cunho social e jurídico. Quanto à afirmação de que “as criações da inteligência não são mais do que o desenvolvimento da missão do ente racional; elas pertencem, não só à sociedade, como à humanidade; longe de serem um direito constituem um dever”, Alencar a rebatia afirmando que: “Não é confiscando ao escritor e ao artista o direito pleno à criação do seu espírito, que serve-se à civilização; é sim garantindo-lhe um domínio, que permita às inteligências superiores dedicarem-se exclusivamente à sua especialidade”. Em termos jurídicos, defendia que a produção literária ou artística representava “uma ocupação bem caracterizada”, não se constituindo em um pensamento abstrato, “mais sim concreto, em uma forma especial, fruto do trabalho do autor” (Alencar, 1875, p.28-9).⁷³

Esse discurso ocorreu no ano de 1875, ou seja, no mesmo tempo em que Machado de Assis falava do analfabetismo da população. Ora veja como esse período de formação do país também o de estabelecimento das práticas letras e das questões sociais derivadas delas, tais como acesso ou falta de acesso aos bens culturais, o estabelecimento de um ofício de escritor (chamar de classe exigiria outro caminho de reflexão) – se for considerado que poetas e romancistas também eram jornalistas ocupando um papel na imprensa e, neste sentido, de trabalho diário com a escrita.

⁷² NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.505

⁷³ NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.512

Os direitos dos escritores, e autores em geral, só foram assegurados pela legislação brasileira em 1898, ou seja, após a Proclamação da República, numa conjuntura de acordos e discussões a respeito que, por fim, levou o governo a criar a lei 496 de 1º de agosto desse ano que definia e regulamentava os direitos dos autores “sobre qualquer obra literárias, científicas ou artísticas”.⁷⁴

Os contratos entre a editora Garnier e os escritores brasileiros

Se durante a maior parte do século dezenove os direitos autorais não foram garantidos pela lei, apenas a nacionalidade francesa de Baptiste Louis Garnier explica a utilização de um modelo de contrato editorial que assegurava os direitos morais e patrimoniais das partes envolvidas no negócio do livro. Essa é uma razão provável para que os maiores escritores do período procurassem a editora Garnier, entre eles Machado de Assis.

Instalada no Brasil desde 1844, a livraria Garnier é um exemplo eloquente das novas estratégias do comércio livreiro no movimento internacional de produção e circulação de mercadorias na segunda metade do século XIX, bem como da inserção brasileira nesse circuito de negócios com livros e livrarias. A história da Garnier remonta à França, em 1837, quando os irmãos François Hippolyte, Auguste Désiré e Pierre Auguste instalaram a livraria Garnier Frères no Palais Royal, considerado então “o centro mais animado de Paris”, em parte pela proximidade do grande teatro Comédie Française e, em parte, pelo fato de que suas galerias já abrigavam vários livreiros. Com métodos inovadores, entre os quais o de expor os livros na rua para o manuseio dos transeuntes, os irmãos Garnier – num momento em que a presença e influência da *Revue Deux Mondes*, em que autores como Chateaubriand, Saint-Beuve, Benjamin Constant pontuavam o debate intelectual do período – acolheram jovens autores, como Musset, Théophile Gautier, George Sands e vários outros que, ao se afirmar como figura de primeira grandeza, carregaram-lhe a parte da sua reputação no mercado livreiro e editorial. Outro irmão, Baptiste Louis, ligou-se à empresa com uma missão específica: expandir o negócio dos irmãos instalando e dirigindo uma filial da livraria Garnier Frères na cidade do Rio de Janeiro. O Brasil era considerado um mercado promissor, além de um ponto estratégico para a distribuição de livros em espanhol para os países vizinhos, latino-americanos. Uma vez no Brasil, Baptiste Louis, iniciou suas atividades no Rio de Janeiro em sociedade com a livraria de seus irmãos em Paris, passando a comercializar no Brasil os títulos editados pela Garnier Frères de Paris e encarregando-os da impressão das edições dos autores brasileiros, os quais não foram poucos. Rapidamente, a livraria tornou-se a principal casa editorial brasileira entre as aqui instaladas, editando e comprando os direitos de edição de obras dos mais importantes nomes da literatura brasileira da segunda metade do século XIX, no domínio da poesia, do romance, da crítica, do ensaio. O editor Baptiste Louis manteve sociedade com os irmãos parisienses até 1852, quando assumiu a condição

⁷⁴ Brasil. Lei n.496, de 1º de agosto de 1898. apud NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.516

de proprietário exclusivo da então livraria B. L. Garnier. O rompimento da sociedade não o impediu, contudo, de continuar a imprimir as obras de autores brasileiro em Paris, bem como comercializá-las e, sobretudo, de vender no Brasil os títulos, traduzidos ou no original, publicados pela parisiense Garnier Frères. Com a morte de B. L. Garnier em 1893, a livraria retornou, por direito de herança, a seu irmão Hippolyte, da Garnier Frères. Até a década de 1920, a livraria Garnier monopolizou o melhor comércio de livros da capital, tornando-se a principal referência no Brasil na importação de livros de autores europeus em língua francesa e na difusão de autores franceses em geral, bem como de almanaques e revistas publicados na França, além de manter sua condição de centro catalisado de publicação de obras dos nossos maiores homens de letras.⁷⁵

O direito moral, ou seja, o direito de todo proprietário ter o crédito de autoria da sua criação artística, e o direito patrimonial, ou seja, o direito de comercializar e respeitar a comercialização de cada edição definida de livros, eles estão presentes com muita clareza nos contratos de Garnier⁷⁶, tal será apresentado a seguir, ao passo que outras deduções sobre a tiragem média das edições, o rendimento aproximado dos escritores também podem ser calculados na segunda metade do século XIX.

Em 1861, o pai de Álvares de Azevedo firma o contrato de cessão dos livros do escritor por 500 mil réis pagos em livros da editora. Em 1865, o Barão do Rio Branco cede seus discursos no Senado brasileiro por ocasião da “Convenção de Fevereiro” em troca de 20 exemplares com a compilação desses mesmos discursos para serem distribuídos. Em 1866, Fagundes Varela vende *Cantos do ermo e da cidade* por 200 mil réis. Em 1868, Franklin Américo, por procuração, vende *Contradições poéticas*, escrito por Junqueira Freire, pela quantia de 500 mil réis. Em 1869, a esposa de Gonçalves Dias firma o contrato de edição de *Cantos, Parnaso Maranhense, Tymbiras* mais cinco poesias do escritor por 1 conto e 200 mil réis.

Nota-se que o pai de Álvares de Azevedo e a esposa de Gonçalves Dias receberam o direito de comercializarem as obras dos seus parentes, ou seja o direito patrimonial foi respeitado. O mesmo indica o contrato por procuração feito por Franklin Américo. A seguir pode ser deduzido que possuíam tiragens que as tiragens ficavam em

⁷⁵NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.513

⁷⁶ Os contratos foram encontrados na Biblioteca Digital, site da Fundação Biblioteca Nacional, tal como indicado na introdução.

torno de mil e dois mil exemplares por edição, mas que havia, além do pagamento em dinheiro, um costume de pagar-se a edição com exemplares da obra editada.

Em 1870, Bernardo Guimarães firma o contrato da 1ª edição do romance *O garimpeiro*, com tiragem de 2 mil exemplares, por 250 mil réis, além de 200 réis por exemplar para futuras edições. Em 1870, José de Alencar firma um contrato de cessão de *O guarany*, *Lucíola*, *Cinco minutos* e *Viuvinha* por 1 conto de réis além de cinco exemplares de cada edição. Em 1871, Pereira da Silva vende o conjunto de sua obra, incluindo *História da fundação do império brasileiro e do último período do reinado de D. Pedro I* findando as contas em aberto entre ambos. Em 1871, Visconde de Taunay firma a edição de *A mocidade de Trajano*, que havia publicado sob o pseudônimo Silvio Dynarte, por 800 mil réis. Em 1872, Luís Guilherme Júnior firma a edição de *Filigranas* por 200 mil réis. Em 1873, Joaquim Manuel de Macedo vende *Lições de chonografia brasileira* por 500 réis por cada exemplar vendido. Em 1874, José de Alencar vende *Diva*, *Perfil de Mulher*, *Minas de Prata* e *Iracema* por 1 conto de réis. Em 1875, Manuel Duarte Moreira vende *Homens do passado: o homem dos séculos XVIII e XIX* em troca de 20 exemplares desse livro e mais um do catálogo da editora. Em 1876, Candido Mendes firmou o contrato de *Supremo Tribunal de Justiça em matéria civil, criminal e commercial desde a sua fundação até o presente* por 2 contos de réis. Em 1876, Machado de Assis acerta a primeira edição de *Helena*, após sair em folhetim, em tiragem de 1.500 exemplares semelhante ao de *Histórias de meia noite* pela quantia de 600 mil réis, a ser impresso na tipografia de O Globo. Em 1879, Augusto Teixeira de Freitas fica contrato por *Apontamentos no código do commercio* por 4 contos de réis.

Em 1880, Melo Moraes vende *Botânica nacional* por 500 mil réis. Em 1883, Aluisio Azevedo vendeu *Mistério da Tijuca* por 4 contos e 91 mil réis. Em 1885, Silvio Romero vendeu *História da literatura brasileira* por 200 mil réis a cada edição, e foi ressaltado no contrato o direito do autor poder modificar na obra o que lhe for conveniente, embora não possa escrever outra obra sobre o assunto. Em 1887, J. A. Visconti vendeu a tradução de *Tia Úrsula*, de George Ohnet, por 42 mil réis. Em 1889, Artur Azevedo firmou contrato para a edição de *Contos possíveis* por 410 mil réis e 95 exemplares do livro. Em 1896, Machado de Assis vender a 3ª edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a 2ª edição de *Quincas Borba* por 500 mil réis. Em 1897, Joaquim Nabuco acerta a 1ª edição de um estadista do império (3 volumes) em troca de 20 exemplares (15 em brochuras e 5 em encadernações).

As citações a seguir mostram os benefícios de publicar com a Garnier na época:

Garnier foi ainda o primeiro editor brasileiro a pagar direitos autorais. Seus tradutores recebiam cerca de 10% do preço de capa, o que explica o excelente nível das traduções e o importante elenco de escritores que se dedicavam a esta tarefa.

Os autores também eram muito bem remunerados, quando se consideram os padrões da época, mesmo no plano internacional. Os contratos firmados com José de Alencar, a partir de agosto de 1863, garantiam ao escritor cearense cerca de 10% do preço de capa, pagos antecipadamente, uma prática insólita para a época. A princípio, ajustaram a 2ª e a 3ª edições de *O Guarani*, pelas quais o editor pagou 750\$000. Um mês depois, assinaram contrato para reeditar várias obras esgotadas de Alencar (...). A remuneração cresce à medida que aumenta o prestígio de Alencar e o sucesso de venda de seus livros. Uma nova edição de *Diva*, cujo contrato foi firmado em maio de 1870, ficou em 800\$000.⁷⁷

Para efeito de comparação, um anúncio da época informava: “Pannos finos pretos e de cores pelo baratíssimo preço de 4\$500, 4\$000, 3\$600 e 3\$300: a quaresma está a porta e quem quizer aproveitar a pechincha dirija-se à rua Quaresma, loja 31” (fonte *O commercial*, 15 de janeiro de 1850).⁷⁸

O velho “Bom Ladrão” [jogo de palavras com as iniciais B. L. Garnier] pagava pelos direitos autorais aos tradutores e aos autores brasileiros, e empregava redatores e revisores de qualidade para resgatar os textos da literatura brasileira do Barroco e Arcadismo. Introduziu ainda o formato francês ao qual a maioria dos livros brasileiros se ajustou por mais de 60 anos, além dos preços de capa fixos.⁷⁹

Os contratos com Machado de Assis

Os contratos de Machado de Assis e com a editora Garnier em geral frisam aspectos do direito patrimonial, tais como o dever do escritor (direito do editor, de forma correlata) não acertar nova edição da obra enquanto a edição atual não estiver esgotada.

Uma sistematização dos ganhos e das tiragens de Machado de Assis com a publicação de seus livros já foi feita, e somam 30 anos de trabalho editorial. Em 1869, sabe-se que *Crisálidas* rendeu 150 réis por exemplar para Machado de Assis, que *Contos fluminenses* e *Falenas*, também desse ano, tiveram tiragem de 1.000 exemplares, lhe rendendo 200 réis por exemplar. Em 1872, *Ressurreição*, *O manuscrito do licenciado Gaspar* e *Histórias da meia noite* lhe renderam 400 mil réis cada, portanto

⁷⁷ MACHADO, Ubiratan. *A Vida Literária no Brasil Durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. apud PINHEIRO, Alexandra Santos. Os perigos da sedução: Machado de Assis e a moralidade oitocentista. In: *Revista Linguagem*, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, s/d.

⁷⁸ PINHEIRO, Alexandra Santos. Os perigos da sedução: Machado de Assis e a moralidade oitocentista. In: *Revista Linguagem*, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, s/d.

⁷⁹ REIS, Rutzkaya Quieroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004. p.3

cerca de 400 réis por exemplar. Em 1876, *Helena* lhe rende 600 mil réis por 1.500 exemplares. Em 1891, *Quincas Borda* lhe rende 600 réis por exemplar e pela segunda edição, essa em 1896, lhe rende 250 mil réis. Em 1894, *Várias histórias* foi comprado pela Laemmert e lhe rendeu 400 mil réis por 1.500 exemplares, enquanto na segunda edição, adquirida pela Garnier, lhe rende 1 conto de réis. Em 1890, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e *Iaiá Garcia* lhe renderam cada um 250 mil réis em edições que não foram a primeira. Em 1899, o conjunto de sua obra até então foi vendida para Garnier e lhe rendeu 800 mil réis. Em 1902, *Esau e Jacó* e *Relíquias de Casa Velhas* lhe renderam 1 conto e 500 mil réis.⁸⁰

Correspondência editorial

Cartas e contratos permitem conhecer melhor a relação entre o editor Baptiste Louis Garnier e Machado de Assis. Tal como ocorre com outros escritores, os contratos mostram rendimentos, tiragens etc.

As cartas trocadas entre Machado de Assis e a editora revelam algo a mais da consciência sobre o livro entre os dois. Não é incoerente falar que o escritor tinha consciência da obra - ou seja, da composição do romance por meio de narrativa, enredo, elaboração de personagens, enfim, da criação artística – e do livro – ou seja, do papel, da impressão, enfim, do trabalho editorial –, afinal Machado de Assis foi tipógrafo, revisor, tendo muita proximidade com a imprensa e as editoras desde a juventude quando começou a trabalhar com Paula Brito outro descendente de escravos. Além da consciência sobre os livros, em alguns casos fica exposta a consciência sobre o direito autoral, especialmente no cumprimento às normas, no caso de Machado de Assis.

As cartas que foram encontradas no estágio atual da pesquisa foram trocadas não entre Baptiste Louis Garnier, falecido em 1893, no Rio de Janeiro, e sim com o seu irmão proprietário da Garnier Frères, em Paris, França, Hypollite Garnier. A correspondência entre eles foram escritas originalmente em francês, mas, ao utilizar o epistolário do escritor publicado pela Academia Brasileira de Letras⁸¹, a tradução em

⁸⁰ RENAULT, Delso. *apud* LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

⁸¹ Assis, Machado de, 1839-1908. Correspondência de Machado de Assis. Apresentação, coordenação e orientação e Sergio Paulo Rouanet ; organização, Irene Moutinho, Sílvia Eleutério. – Rio de Janeiro : ABL, 2008. Tomos I, II, III e IV. Todas as cartas e as respectivas traduções foram encontradas nesse empreendimento da ABL, inclusive a biografia dos correspondentes.

português também foi feita e será apresentada a seguir. Para salientar os aspectos editoriais contidos nessas cartas, recorreu-se a grafia em *itálico*.

Os correspondentes

LANSAC, JULIEN Emmanuel Bernard. Francês enviado por Hippolyte Garnier* para assumir a gerência da filial brasileira da Garnier Frères, chegou ao Rio de Janeiro em 1898. A partir de janeiro de 1900, assinou, como procurador de Hippolyte, todos os contratos com Machado de Assis, até o último documento, de 1907, referente ao Memorial de Aires. Responsável pela remessa de originais e provas corrigidas (tudo era composto e impresso na França) e pela venda dos exemplares publicados, bem como à frente das novas e portentosas instalações da loja à rua do Ouvidor, Lansac, não conseguiu dominar a língua portuguesa. Exuberante, mas pouco hábil no trato com a clientela, foi providencialmente assistido por Jacinto da Silva, que mereceu o maior apreço da roda literária frequentadora da Garnier. Apesar dos reparos visíveis na correspondência machadiana, especialistas se referem a uma relação satisfatória de Machado com o gerente francês; foi este o 3.o signatário do testamento feito após a morte de Carolina*. Em 1913, pouco depois do desaparecimento de Hippolyte Garnier, Julien Lansac deixou o Brasil definitivamente.

GARNIER, François HIPPOLYTE. (1816-1911). Livreiro e editor francês, fundador da Garnier Frères, com o irmão mais velho Auguste e o mais novo, Baptiste Louis (1823-1893). Este veio para o Brasil em 1844, sem jamais retornar ao país natal, fundando a B. L. Garnier, que editou Machado de Assis a partir de *Crisálidas* (1864) até *Quincas Borba* (1891), tendo-o como colaborador no seu *Jornal das Famílias* (mensário, 1863-1878), no qual se revelou e aperfeiçoou a vertente contista machadiana. Personalidade esquiva, rabugenta, Baptiste Louis, andou estremecido com Machado por breve período, mas a relação de quase três décadas voltou a se consolidar; por ocasião de sua morte, o antigo editado escreveu um texto justo e saudoso. Baptiste Louis Garnier desapareceu nos primeiros anos da República, período caótico política e economicamente, com reflexos inevitáveis na atividade editorial. Sempre em Paris, Hippolyte herda a livraria e a editora do irmão mais moço. Contratará a terceira edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e a segunda de *Quincas Borba* somente em 1896, sendo então representado por Stéphane Marie Etienne Lassalle. Age de maneira pragmática, com maior interesse na literatura hispano-americana, além de manter vigoroso catálogo de autores franceses e de outros europeus. Já octogenário, mais confiante na economia republicana, manda para o Rio de Janeiro um novo gerente, Julien Lansac*, e investe em Machado, que após a morte de Baptiste Louis, só publicara *Várias Histórias* (1894) pela poderosa rival Laemmert. Assim, irá contratando a publicação (e reedição) de livros de Machado de Assis que, em janeiro de 1899, vendeu-lhe a “propriedade inteira e perpétua” de sua obra publicada por B. L. Garnier, pela (irrisória) quantia de oito contos de réis. Tais títulos incluíam o ainda inédito *Dom Casmurro*, e a eles se acrescentariam *Poesias Completas*, *Várias Histórias* (2.a edição), *Esaú e Jacó*, *Relíquias da Casa Velha* e o *Memorial de Aires*. A correspondência entre ambos é polida, mas cheia de arestas. Com seu tino comercial, Hippolyte entregou aos arquitetos parisienses Bellissime e Perradieu a reconstrução da poeirenta da livraria fundada por Baptiste Louis, transformando-a num prédio moderníssimo da rua do Ouvidor, capaz de sobrepujar em luxo e bom gosto as livrarias concorrentes, sobretudo a Laemmert, ou melhor, Livraria Universal, obrigatoriamente frequentada por Machado e outros entre 1895 e 1898. O novo estabelecimento, inaugurado em 19 de janeiro de 1901, passou a contar com a presença diária de Machado de Assis, que reunia em torno de sua cadeira cativa

um grupo seleta de amigos, até se ver impossibilitado de frequentá-la pouco antes de morrer: em julho de 1908, finalmente, fora lançado o Memorial de Aires, pela Garnier Frères.

As correspondências

Para: JULIEN LANSAC

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

[Rio de Janeiro, sem data.]¹

TRADUÇÃO DA CARTA: Quanto aos Contos Fluminenses, já lhe disse que deve ter havido algum equívoco, porque não me lembro de haver recebido qualquer comunicação a esse respeito; a reimpressão desse primeiro volume de novelas (datando de 1870) exigiria naturalmente uma revisão, não para alterar-lhe a forma ou o fundo, mas enfi m para impedir a reprodução de alguns erros de estilo. Já falamos sobre a ausência da nota “Nova Edição” neste volume, que sem ela vai-se supor ser antigo, e o Sr. Prometeu-me escrever ao Sr. Garnier. 1 Este fragmento de rascunho deveria ser situado em 1899, ano da reimpressão dos Contos Fluminenses, por Hippolyte Garnier*. Ver a resposta deste a Machado em [486], de 08/10/1899. A primeira edição fora feita por B. L. Garnier, em 1870. (IM)

Para: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Rio de Janeiro, le 10 juin 1899.

Monsieur Garnier,

TRADUÇÃO DA CARTA: Rio de Janeiro, 10 de junho de 1899. / Senhor Garnier: / Acabo de receber um pedido de autorização para a tradução de minhas obras em alemão. É da parte da Senhora Alexandrina Highland, que reside em São Paulo (Brasil) e deve retornar à Alemanha dentro de oito meses. Como não reservei, em nosso contrato, o direito de tradução, escrevo-lhe para solicitar o envio direto dessa autorização àquela Senhora. / No que me diz respeito, eu não exigirei nenhum outro benefício, pois considero que já é uma vantagem tornar-me conhecido numa língua estrangeira, cujo mercado é tão diferente e afastado do nosso. Penso que é uma vantagem também para o Senhor. Se partilha essa opinião, envie-me uma autorização em boa e devida forma, sem qualquer condição pecuniária. Eu a encaminharei ao Senhor Ellis, deputado e proprietário em São Paulo, que me transmitiu o pedido da Senhora Highland, pois não a conheço; sei apenas que é uma pessoa distinta, que viveu vários anos em nosso país, e ama nossa língua e nossos autores. / Receba, prezado Senhor, minhas saudações. / Machado de Assis.

Para: ALFREDO ELLIS

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

[Rio de Janeiro, 10 de junho de 1899.]¹

Excelentíssimo Senhor Doutor Alfredo Ellis, Acabo de escrever para Paris, ao Senhor Hippolyte Garnier, pedindo-lhe que diretamente dê autorização à senhora, de quem Vossa Excelência me falou no seu bilhete, para a tradução dos meus livros em alemão². A razão disto é, conforme já disse a Vossa Excelência, haver eu transferido àquele editor a propriedade de todos eles, até agora publicados. Logo que receba a resposta (se ele não puser objeções, o que não espero) farei entrega desta a Vossa Excelência para que se sirva dar-lhe o conveniente destino.

¹ O documento original é um rascunho, com emendas. Dada a sua natureza, não traz local, data e assinatura. Decidiu-se incluí-lo imediatamente após a carta [462] dirigida a H. Garnier*, para mais fácil compreensão dos leitores. Em [472], de 08/07/1899, encontra-se a seca resposta do editor. Magalhães Jr. (2008) aponta como razão da negativa o ressentimento dos franceses após sua derrota na guerra de 1870 contra a Alemanha. Acrescente-se que foram feitas correções de alguns equívocos presentes na transcrição da correspondência machadiana publicada pela Jackson, em 1937.

² A tradutora seria Alexandrina Highland, alemã residente em São Paulo até 1899, que desejou empreender as versões para seu idioma, pedindo o apoio do deputado Ellis, cuja solicitação ainda não foi localizada. (IM)

De: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Paris, le 8 juillet 1899.

Monsieur Machado de Assis

Rio de Janeiro

³ TRADUÇÃO DA CARTA: Paris, 8 de julho de 1899. / Senhor Machado de Assis / Rio de Janeiro / Tenho a honra de acusar o recebimento de sua estimada (carta de) 10 de junho pedindo-me para a Senhora Alexandra Highland de (...) minha autorização para traduzir suas obras em alemão. / O Senhor não ignora que um autor, mesmo bem traduzido, perde sempre sua originalidade numa outra língua; os admiradores de um escritor preferem lê-lo na sua língua materna. O Senhor não teria ganho algum se traduzido para o alemão. / Lamento não poder conceder gratuitamente o direito de tradução solicitado – Os alemães sabem muito bem como pagar por sua parte; a Senhora Highland deverá portanto me mandar cem francos por cada volume seu que ela se proponha a traduzir. / Aborreço-me não poder deferir o seu desejo em tal circunstância e lhe renovo, Senhor, a expressão dos meus melhores sentimentos de consideração. / F. H. Garnier. (IM)

² Magalhães Jr. (2008) comenta: “Na época, os franceses se sentiam humilhados com a derrota que os alemães lhes tinham infligido em 1870, apoderando-se da Alsácia e da Lorena /.../. Os irmãos Garnier, não sendo de tal modo intransigentes, replicaram, com indisfarçável irritação, senão mesmo grosseria. /.../ Mais uma vez se fechavam as portas da Alemanha a Machado de Assis, para só se abrirem depois de sua morte.” (IM)

De: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Catálogo da Exposição Machado de Assis, 1839-1939.

Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1939.

Paris, le 8 octobre 1899.

Monsieur Machado de Assis

De l'Académie Brésilienne

Rio de Janeiro

3 TRADUÇÃO DA CARTA: Paris, 8 de outubro de 1899. / Senhor Machado de Assis. / Da Academia Brasileira / Rio de Janeiro. / Prezado Senhor/ Tenho a honra de acusar recebimento de sua carta de 5 de setembro, e apresso-me a agradecer o favor que o Sr. me presta ao assinalar-me alguns defeitos de execução material em seu último livro Páginas Recolhidas. Chamei a atenção a esse respeito do empregado encarregado da fabricação, que foi instantemente solicitado a tomar em consideração suas justas observações. / Atenderei a seu desejo de usar em Dom Casmurro um papel que lhe dê uma corpulência igual à das de Brás Cubas e Quincas Borba. / Aproveito essa ocasião para anunciar que Contos Fluminenses está esgotado e que vou proceder à sua reimpressão. Estarei atento para que as menções da Academia Brasileira e Nova edição não estejam ausentes, como ocorreu por ocasião da tiragem precedente. / Se o Sr. tiver algumas correções a fazer, peço que as envie pelo correio mais próximo. / Apraz-me, prezado Senhor, renovar-lhe a expressão dos meus melhores sentimentos de subida estima. / F. H. Garnier. (SPR)

Para: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Rio [de Janeiro], le 30 octobre 1899.

Monsieur H. Garnier

Paris

TRADUÇÃO DA CARTA: Rio, 30 de outubro de 1899 / Senhor H. Garnier / Paris / Prezado Senhor, / Tenho a honra de acusar recebimento de sua carta de 8 de outubro, pela qual o Sr. respondeu à minha de 5 de setembro último. Agradeço-lhe, prezado Senhor, por aceitar meus comentários e solicitações a propósito de Páginas Recolhidas e de Dom Casmurro. Aguardo este volume. Quanto ao dos Contos Fluminenses, encaminho-lhe um exemplar, segundo seu desejo, com pequenas correções para a próxima edição. Não corriji nem o estilo nem a composição, porque cada livro deve guardar a marca do seu tempo, e o de Contos Fluminenses é meu primeiro livro nesse gênero. / Agora, prezado Senhor, tenho algo a propor-lhe. Guardei mais ou menos um volume dos meus últimos versos, impressos em revistas e outras publicações. Por outro lado, pedem-me que faça um só livro das três coletâneas que publiquei com seu saudoso irmão e amigo, e que fazem parte de nosso contrato, Crisálidas, Falenas, Americanas. Minha última coletânea (se eu não encontrar outro título) terá o de Ocidentais. Creio que essas quatro coletâneas poderão fazer um só grande volume, em que toda a minha bagagem poética será unificada, especificando as respectivas datas. Que pensa disso? Diga-o, para que eu possa coligir e corrigir a tempo. / Outra coisa. Quando tiver que reimprimir Memórias Póstumas de Brás Cubas e Quincas Borba, rogo-lhe que me diga, pois tenho que incluir nesses dois volumes uma pequena declaração. / M. de A. (SPR)

De: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Paris, le 23 novembre 1899.

Monsieur Machado de Assis

Rio de Janeiro

TRADUÇÃO DA CARTA: Paris, 23 de novembro de 1899 / Ao Senhor Machado de Assis / Rio de Janeiro / Tenho a honra de acusar recebimento de sua carta de 30 de outubro passado. / Aceito em princípio sua proposta de reunir num volume o que o Sr. chama modestamente de sua bagagem poética. Escrevo sobre isso ao Sr.

Lansac, com quem o Sr. terá a gentileza de entender-se. / O tipógrafo executa neste momento as correções em Contos Fluminenses. / Dom Casmurro está sendo impresso e chegará ao Rio entre os dias 15 e 31 de janeiro próximo. / Quando Brás Cubas e Quincas Borba estiverem a ponto de esgotar-se, o Sr. Lansac fará o favor de preveni-lo e todo o necessário será feito. / Fico sempre feliz, prezado Senhor, de renovar-lhe a expressão dos meus sentimentos de consideração. / F. H. Garnier.

Para: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Rio [de Janeiro], le 19 décembre 1899.

TRADUÇÃO DA CARTA: Rio, 19 de dezembro de 1899 / Senhor H. Garnier / Tenho a honra de acusar recebimento de sua carta de 23 do mês passado. / Quanto à declaração que lhe pedi fosse incluída na nova edição de Dom Casmurro, aguardarei que esses dois livros estejam esgotados. Aguardaremos Dom Casmurro na data que o Sr. anunciou. Peço-lhe, no interesse de todos nós, que a primeira remessa de exemplares seja bastante numerosa, porque pode esgotar-se rapidamente, e o atraso da remessa seguinte prejudicará a venda. Aproveito a oportunidade para dizer-lhe que Páginas Recolhidas já se esgotou há muito tempo (falo dos volumes em brochura) e que seria útil enviar outros. Há pessoas, como o Sr. sabe, que preferem comprar em brochura. / Quanto a Poesias Completas, eu me entenderei com o Sr. Lansac, como o Sr. mencionou em sua carta. Eu o teria feito ontem se não houvesse sido impedido por questões administrativas. / M. de A. (SPR)

Para: HIPPOLYTE GARNIER

Fonte: Manuscrito Original, Arquivo ABL.

Rio de Janeiro, le 12 février 1900.

TRADUÇÃO DA CARTA: Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1900. / Senhor H. Garnier / Tive a honra de receber sua carta de 12 de janeiro, na qual o Sr. dá todos os pormenores que eu desejava conhecer sobre Dom Casmurro. Aguardo nossa nova obra; assim que a receber, enviarei as observações para a segunda edição. Quanto aos Contos Fluminenses, recebi a prova do título, e concordo com o Sr. sobre a modificação. Aguardo também a segunda edição das Páginas Recolhidas, que como o Sr. anuncia vai entrar no prelo. / Chego às Poesias. O tipo do livro de Alberto de Oliveira me parece excelente. Quanto ao retrato que o Sr. pretende inserir em face do título, enviar-lhe-ei uma boa fotografia. O Sr. Lansac lhe dirá o resto. Acrescento apenas que não sei se poderei realizar imediatamente a revisão necessária. [Desde minha última carta, meus trabalhos administrativos duplicaram, e por essa razão minha fadiga é grande.] Por isso, eu lhe pedirei que espere algum tempo [se isto lhe convier; se não, diga-o francamente]. / Renovo, prezado Senhor, meus melhores sentimentos de estima e simpatia. / Machado de Assis. (SPR)

É possível conhecer a imagem que Machado de Assis fazia de Baptiste Louis Garnier apenas pela crônica escrita justamente pelo falecimento do editor francês. As cartas bastante comedidas de sentimentos, tratando estritamente do assunto, bem na descrição que ficou famosa, não permite outro entendimento de Hypollite Garnier e de Machado de Assis senão do trabalho editorial e da consciência que ambos tinham do mesmo.

Segunda-feira desta semana, o livreiro Garnier saiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. *Revertere ad locum tuum* — está escrito no alto da porta do cemitério de S. João Batista. Não, murmurou ele talvez dentro do caixão mortuário, quando percebeu para onde o iam conduzindo, não é este o meu lugar; o meu lugar é na Rua do Ouvidor 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, à esquerda: é ali que estão os meus livros, e minha correspondência, as minhas notas, toda a minha escrituração. Durante meio século, Garnier não fez outra coisa, senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Santa Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: *Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?* Na véspera da morte, se estou bem informado, achando-se de pé, ainda planejou descer na manhã seguinte, para dar uma vista de olhos à livraria. Essa livraria é uma das últimas casas da Rua do Ouvidor; falo de uma rua anterior e acabada. Não cito os nomes das que se foram, porque não as conheceréis, vós que sois mais rapazes que eu, e abristes os olhos em uma rua animada e populosa onde se vendem, ao par de belas jóias, excelentes queijos. Uma das últimas figuras desaparecidas foi o Bernardo, o perpétuo Bernardo, cujo nome achei ligado aos charutos do Duque de Caxias, que tinha fama de os fumar únicos, ou quase únicos. Há casas como a Laemmert e o *Jornal do Comércio*, que ficaram e prosperaram, embora os fundadores se fossem; a maior parte, porém, desfizeram-se com os donos. Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 20 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, nº 69, abaixo da Rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles. Depois vinham duas cadeiras. Pouco sabia da política da terra, acompanhava a de França, mas só o ouvi falar com interesse por ocasião da guerra de 1870. O francês sentiu-se francês. Não sei se tinha partido; presumo que haveria trazido da pátria, quando aqui aportou, as simpatias da classe média para com a monarquia orleanista. Não gostava do império napoleônico. Aceitou a república, e era grande admirador de Gambetta. daquelas conversações tranqüilas, algumas longas, estão mortos quase todos os interlocutores, Liaís, Fernandes Pinheiro, Macedo Joaquim Norberto, José de Alencar, para só indicar estes. De resto, a livraria era um ponto de conversação e de encontro. Pouco me dei com Macedo, o mais popular dos nossos autores, pela *Moreninha* e pelo *Fantasma Branco*, romance e comédia que fizeram as delícias de uma geração inteira. Com José de Alencar foi diferente; ali travamos as nossas relações literárias. Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo. Muitos outros iam ao mesmo ponto de palestra. Não os cito, porque teria de nomear um cemitério, e os cemitérios são tristes, não em si mesmos, ao contrário. Quando outro dia fui a enterrar o nosso velho livreiro, vi entrar no de S. João Batista, já acabada a cerimônia e o trabalho, um bando de crianças que iam divertir-se. Iam alegres, como quem não pisa memórias nem saudades. As figuras sepulcrais eram, para elas, lindas bonecas de pedra; todos esses mármores faziam um mundo único, sem embargo das suas flores mofinas, ou por elas mesmas, tal é a visão dos primeiros anos. Não citemos nomes. Nem mortos, nem vivos. Vivos há-os ainda, e dos bons, que alguma coisa se lembrarão daquela casa e do homem que a fez e perfez. Editar obras jurídicas ou escolares, não é mui difícil; a necessidade é grande, a procura certa. Garnier, que fez custosas edições dessas, foi também editor de obras literárias, o primeiro e o maior de todos. Os seus catálogos estão cheios dos nomes principais, entre os nossos homens de letras. Macedo e Alencar, que eram os mais fecundos, sem igualdade de mérito, Bernardo Guimarães, que também produziu muito nos

seus últimos anos, figuram ao pé de outros, que entraram já consagrados, ou acharam naquela casa a porta da publicidade e o caminho da reputação. Não é mister lembrar o que era essa livraria tão copiosa e tão variada, em que havia tudo, desde a teologia até à novela, o livro clássico, a composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica. Já a achei feita; mas vi-a crescer ainda mais, por longos anos. Quem a vê agora, fechadas as portas, trancados os mostradores, à espera da justiça, do inventário e dos herdeiros, há de sentir que falta alguma coisa à rua. Com efeito, falta uma grande parte dela, e bem pode ser que não volte, se a casa não conservar a mesma tradição e o mesmo espírito. Pessoalmente, que proveito deram a esse homem as suas labutações? O gosto do trabalho, um gosto que se transformou em pena, porque no dia em que devera libertar-se dele, não pôde mais; o instrumento da riqueza era também o do castigo. Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: *laboremus*. Valha sequer a memória, ainda que perdida nas páginas dos dicionários biográficos. Perdure a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua. Perpétua!

Já a imagem que a editora tinha de Machado de Assis também pode ser conhecida. Em 1912-1913, o catálogo geral da Garnier Frères de Paris anunciava a coleção de clássicos da Garnier, indicada como *Collection de meilleurs ouvrages français et étrangers. Anciens et modernes*. Nessa coleção, Machado de Assis, com *Mémoires postumes de Brás Cubas et quelques comptes*, integra a mesma coleção composta por Benjamin Constant, Bocage, Bossuet, Byron, Camões, Cervantes, Comte, Corneille, Descartes, Diderot, Fénelon, Goethe, Maquiavel, Mirabeau, Montaigne, Mollière, Rabelais, Petrarca, Rousseau, Racine, Schiller, Shakespeare, Spinosa, Stendhal, madame de Staël, Augustin Thierry, Voltaire, entre outros. Demonstrando que o autor e a obra despontavam para o cenário internacional.⁸²

⁸² DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org) Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.83

3º CAPÍTULO

A REPERCUSSÃO DE MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Embora tenha publicado desde a juventude e tenha escrito ininterruptamente até o seu falecimento, a consagração literária de Machado de Assis, como o maior escritor da literatura brasileira, diz mais respeito ao autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esau e Jacó* e *Memorial de Aires* do que ao escritor de *Crisálidas*, *Falenas*, *Contos fluminenses*, *Ressurreição*, *Histórias da meia noite*, *Americanas*, *Helena* e *Iaiá Garcia*, que tinham afinidades com as escolas literárias em voga no Brasil, especialmente o romantismo, pelo qual o escritor iniciou sua carreira literária. Entre *Crisálidas*, publicado em 1864, e *Memorial de Aires*, publicado em 1908, há 4 décadas, 44 anos de atividade literária e um aprimoramento artístico, que para ser bem compreendido, deve ser comparado com o que outros escritores escreviam na época.

Excluindo os livros mais famosos de Machado de Assis, desse tempo ficaram no imaginário nacional poemas como a *Canção do Exílio* e de *I-Juca Pirama* e romances como *O Guarani* e *Iracema* ou ainda *O Mulato* e *O Cortiço*. Essas e outras obras integraram as escolas literárias romântica e a naturalista cujos escritores foram responsáveis pela autonomia da literatura brasileira, segundo o crítico literário Antonio Candido.⁸³

O estabelecimento desse campo literário – no qual Machado de Assis fez sua carreira – teve início com a publicação da revista *Niterói*, em 1836, na França, que trouxe a orientação da teoria do nacionalismo literário que fundamentou o gênero

⁸³ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981.

romântico no Brasil.⁸⁴ A partir da publicação dessa revista, Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, José de Alencar e outros escritores fundamentaram uma literatura cujo objetivo era forjar o mito de origem da nacionalidade e os seus elementos constitutivos.

O índio e a natureza foram identificados com a “origem” e “singularidade nacional”, enquanto o contato com o europeu foi identificado com a “forma de civilização”.⁸⁵ A longevidade dessa tópica da nacionalidade da literatura brasileira é indiscutível, tanto que, apesar das modificações no plano estético, a introdução de novos gêneros literários, não significou a substituição desse tema, certamente não ao longo do século XIX.⁸⁶ Até mesmo a grande oposição que os autores identificados com o Naturalismo fizeram ao gênero romântico não significou a perda da primazia da busca por uma nacionalidade, e sim uma mudança que as constituíam e um sentido menos mítico e mais científico.⁸⁷

De acordo com crítica literária Flora Sussekind,

[A época] Parece precisar exatamente do olhar armado do naturalista para um ‘abrasileiramento’ de cenários e para a tentativa de traçar um roteiro seguro que ligue materiais a rigor heterogêneos como a técnica do folhetim, a trama da novela histórica ou do melodrama, paisagens locais singulares e situações exemplares, com as quais ia se

⁸⁴ Os estudos em questão foram escritos por Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista Niterói, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira* (vol. 2), já considerava que os estudos críticos de Gonçalves de Magalhães e Pereira da Silva na revista Niterói, estabeleceram o ponto de partida para a teoria do nacionalismo literário, tendo como “bússola” as idéias expressas por Ferdinand Denis em seu *Resumo da história literária do Brasil*. Paulo Franchetti corrobora a afirmativa, ao dizer que o *Ensaio sobre a História da literatura do Brasil*, publicado por Gonçalves de Magalhães na revista Niterói, é o documento inaugural do programa romântico brasileiro, já que suas propostas, diagnósticos e até mesmo suas metáforas de base terão larga fortuna na historiografia e na reflexão sobre a literatura no Brasil ao longo do século XIX e no século XX. Cabe esclarecer que uma das metáforas de base à qual Franchetti se refere é aquela que diz que a literatura brasileira é um “galho secundário da literatura portuguesa”, utilizada com poucas modificações pelo próprio Antonio Candido, em *Formação da literatura brasileira*, (vol. 1). cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1981 Vol. 2, p. 13; e FRANCHETTI, Paulo. O triunfo do romantismo: indianismo e estilização épica em Gonçalves Dias. In: *Multiclássicos épicos*. TEIXEIRA, Ivan (org). São Paulo: Edusp, 2008 p. 1097.

⁸⁵ Exemplares desses forjamentos são: *I-Juca Pirama* de Gonçalves Dias, publicado em 1851, e *Iracema* de José de Alencar, publicado em 1865. Tratam-se de dois épicos românticos nos quais os elementos identificados “índios”, “natureza” e “contato com o europeu” são operacionalizados.

⁸⁶ Aos elementos identificados pelo Romantismo podem ser incluídos os “tipos regionais brasileiros”, dos quais exemplos são: *O Sertanejo* (1875) e *O Gaúcho* (1870) escritos por José de Alencar.

⁸⁷ A crítica feita pela “geração de 1870” disse respeito ao plano estético romântico, porque a introdução deste outro gênero literário, no Brasil, não significou uma reorganização do campo literário na qual outra temática substituiu o tema da nação que persistia como critério fundamental para o julgamento artístico. E nesse julgamento, o principal crítico era Silvio Romero.

construindo à época.⁸⁸

Para outro crítico literário, Luis da Costa Lima, definições de quem é, qual a origem e como vivem são desdobramentos de uma prática das descobertas de novas sociedades, referência antiga do imaginário coletivo ocidental, no caso, da Europa.

É por essa via que as Américas e o Oriente são internalizados pelo imaginário ocidental. Tal internalização basicamente significava a domesticação da diferença. [...] a experiência da relatividade dos valores podia ser perturbadora e afinal danosa para os que a admitiam. [...] A exploração do excessivo sob a forma de sua conversão em exótico se distingue e diferencia por não estimular nem projetos modificadores da ordem estabelecida, nem tampouco o questionamento das verdades aceitas, senão que em alimentar a fantasia do receptor, potencialmente a investindo de móveis pragmáticos.⁸⁹

O fato da revista *Niterói* ter sido publicada na França, mais exatamente em Paris, pode ser um indício a esse respeito. Todavia, no Brasil, com o passar dos anos e a circulação de mais livros, iniciou-se uma mudança do espaço natural para o urbano, do nativo para o cidadão. O gênero romântico alterou-se por parte dos seus autores antes mesmo da oposição naturalista, que deram publicaram o romance urbano, como pode ser exemplificado na obra de José de Alencar. Para ele, a estética romântica em determinado momento estava sendo “ultrapassada”, como explicou no prefácio de uma obra:

Em todo caso, encontram-se muitas vezes, nestas páginas, exuberâncias de linguagem e afoitezas de imaginação, a que já não se lança a pena sóbria e refletida do escritor sem ilusões e sem entusiasmos. Tive tentações de apagar alguns desses quadros mais plásticos ou pelo menos de sombrear as tintas vivas e cintilantes.⁹⁰

O campo literário brasileiro do século XIX foi orientado em busca de um forjamento da nacionalidade fundamentado em tipos específicos como o índio, o

⁸⁸ SUSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p.123

⁸⁹ LIMA, Luis Costa. *Pensando nos trópicos: dispersa demanda II*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p.98

⁹⁰ Mesmo esse autor, modificou o caráter da sua obra com o passar dos anos. Nesta introdução à *Senhora*, publicado em 1875, encerra a série de obras com o subtítulo “Perfil de Mulher” que introduziram o romance psicológico no Brasil.

sertanejo, a natureza, entre outros. Apesar das divergências de estilo, essas escolas tinham em comum a afirmação da nacionalidade, algo como um processo prolongado de independência, no qual o romantismo exaltou o índio e a natureza, enquanto o naturalismo descreveu os costumes e os tipos regionais, deixando romances como *O sertanejo*, com os costumes do interior, e *O cortiço*, com a descrição da capital do país.

A nacionalidade era uma questão ampla, pois, com a Independência, o país recém-formado tinha, na permanência monárquica, um passado dependente de Portugal insustentável. Por isso, essa origem precisava ser definida e envolveu a sociedade de formas distintas, expressando-se de formas variadas, a mais enfática delas dizendo respeito à criação de uma história nacional. Para isso, o governo apoiou a criação do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro⁹¹ e a sociedade se envolveu no estabelecimento das comemorações nacionais, principalmente o Dia da Independência.⁹²

Essa questão também envolveu Machado de Assis, que abordou o tema da nacionalidade de mais de uma maneira dentro do campo literário. Para ele,

A aurora de Sete de Setembro de 1882, foi a aurora de uma nova era. O grito do Ipiranga foi o — Eureka — soltado pelos lábios daqueles que verdadeiramente se interessavam pela sorte do Brasil, cuja felicidade e bem-estar procuravam. O país emancipou-se. A Europa contemplou de longe esta regeneração política, esta transição súbita da servidão para a liberdade, operada pela vontade de um príncipe e de meia dúzia de homens eminentemente patriotas. Foi uma honrosa conquista que nos deve encher de glória e de orgulho; e é mais que tudo uma eloqüente resposta às interrogações pedantescas de meia dúzia de céticos da época: o que somos nós? Havia, digamos de passagem, no procedimento do fundador do império um sacrifício heróico, admirável, e pasmoso. *Dois tronos se erguiam diante dele: um, cheio de tradições e de glórias; o outro, apenas saído das mãos do povo, não tinha passado, e fortificava-se só com uma esperança no futuro!* Escolher o primeiro, era um duplo dever, como patriota e como príncipe. Aquela cabeça inteligente devia dar o seu quinhão de

⁹¹ Para o primeiro caso Cf. SALGADO, Manoel. Nação e Civilização nos Trópicos: o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. Revista Estudos Históricos, Vol. 1, No 1 (1988).

⁹² Para o segundo, KRAAY, Hendrik. “Frio como a pedra de que se há de compor”: caboclos e monumentos na comemoração da independência na Bahia, 1870-1900. *Tempo*, v. 14, p. 51-81, 2003. _____. Definindo a nação e o Estado: rituais cívicos na Bahia pós-Independência (1823-1850). *Topoi*, v. 3, p. 63-90, 2001. _____. “Sejamos brasileiros no dia da nossa nacionalidade”: comemorações da independência no Rio de Janeiro, 1840-1864. *Topoi*, v. 8, n.14, jan-jun. 2007, pp. 9-36.

glória ao trono de D. Manuel e D. João II. Pois bem! ele escolheu o segundo, com o qual nada ganhava, e ao qual ia dar muito. Há poucos sacrifícios como este. Mas após o Fiat político, devia vir o Fiat literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.⁹³

Autor romântico, crítico do romantismo

Exceção à regra, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, quando publicado pela primeira vez, satirizou essa alma brasileira e criticou a sociedade, incluindo os próprios leitores. No entanto, Machado de Assis possui uma obra vasta iniciada pela escola romântica, nos dois tipos com os quais esse gênero costuma ser classificado: indianista e byroniano. Em poesia, correspondem à primeira classificação, as poesias *Americanas* e *Continentalis*, à segunda correspondem *Falenas* e *Crisálidas*.

Os títulos dos poemas que compõem a coletânea *Poesias Americanas* demonstram o caráter indianista: *Potira*, *Niânia Cristã-nova*, *José Bonifácio*, *A visão de Jaciúca*, *A Gonçalves Dias*, *Os semeadores*, *A flor do Embiruçu*, *Lua Nova*, *Sabina*, *Última Jornada*, *Os Orizes*.

Da mesma forma, a dedicatória e a epígrafe do poema *A Gonçalves Dias*.

“Ninguém virá, com titubeantes passos,

E os olhos lacrimosos, procurando

O meu jazigo...”

GONÇALVES DIAS. Últimos Cantos.

“Tu vive e goza luz serena e pura.”

J. BASÍLIO DA GAMA. Uruguai, c. V.

⁹³ Machado de Assis. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.III, 1994. Publicado originalmente em A marmota, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858

O índice com os títulos dos poemas, a dedicatória à Gonçalves Dias e a epígrafe de Basílio da Gama demonstram a adesão do autor ao núcleo programático do gênero romântico brasileiro tendo em vista que essas são os temas consagrados. Essas primeiras obras podem ser consideradas formas de estabelecer contato e demonstrar filiações, uma forma de ser lido ou publicado.

De acordo com Roberto Schwarz⁹⁴, os romances anteriores à *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, chamados romance de primeira fase, possuem uma perspectiva de perscrutação social, especialmente *A Mão e a Luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878) que comentam a desigualdade social, embora superficialmente. Esses romances foram identificados com os romances urbanos de José de Alencar escritos sob o título geral de *Perfil de mulher*, principalmente *Senhora*, mencionado anteriormente. Considerando que se tratam dos primeiros romances de Machado de Assis e os últimos de José de Alencar, a sensação de mudanças dos gêneros fica mais nítida. No entanto, nem do naturalismo. A trama é psicológica, o enredo é pouco descrito. Quer dizer, Machado de Assis foi poeta romântico, e não romancista, o que corrobora a ideia de que ele trabalhou com a estética romântica para entrar no circuito de escritores ou por um estágio inicial, de juventude, e por isso mais influenciável pelo derredor.

Machado de Assis também analisou o gênero romântico, atuando como crítico. E entre escritor e crítico, há uma postura diferente. Ele publicou críticas sobre Álvares de Azevedo⁹⁵, Castro Alves⁹⁶, Fagundes Varela⁹⁷, Joaquim M. Macedo⁹⁸, José de Alencar⁹⁹, Junqueira Freire¹⁰⁰, entre outros autores românticos. Além disso, ele aprofundou os comentários pontuais de cada obra para o gênero romântico e opôs-se com firmeza à crítica que era feito por escritores naturalistas. Isso pode ser visto no artigo *Instinto de nacionalidade*.

Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade. Poesia, romance, todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país, e

⁹⁴ SCHWARZ; *op. cit.*; 1977

⁹⁵ Publicado na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 26/06/1866.

⁹⁶ Resposta a uma carta de José de Alencar. Publicada originalmente no Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 01/03/1868.

⁹⁷ Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 06/02/1866.

⁹⁸ Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 16/01/1866.

⁹⁹ Publicado originalmente na “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 23/01/1866.

¹⁰⁰ Publicado originalmente em “Semana Literária”, seção do Diário do Rio de Janeiro, 30/01/1866.

não há negar que semelhante preocupação é sintoma de vitalidade e abono de futuro. As tradições de Gonçalves Dias, Porto-Alegre e Magalhães são assim continuadas pela geração já feita e pela que ainda agora madrega, como aqueles continuaram as de José Basílio da Gama e Santa Rita Durão. Escusado é dizer a vantagem deste universal acordo. Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão ali farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem Sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração nem duas; muitas trabalharão para ela até perfazê-la de todo. (...) Devo acrescentar que neste ponto manifesta-se às vezes uma opinião, que tenho por errônea: é a que só reconhece espírito nacional nas obras que tratam de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria muito os cabedais da nossa literatura. (...) Não há dúvida que uma literatura, sobretudo uma literatura nascente, deve principalmente alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobrecam. O que se deve exigir do escritor antes de tudo, é certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos no tempo e no espaço.¹⁰¹

Com o objetivo de avaliar a produção literária da época, Machado de Assis afirma que quem olhar para a literatura brasileira da segunda metade do século dezenove perceberá certo instinto de nacionalidade e a presença de “certa cor local”. Depois de todo um movimento indianista, entrou em vigor um pensamento que não acreditava que a literatura brasileira pudesse ser fundamentada apenas nos costumes semi-bárbaros e por isso podia alimentar-se dos assuntos que ofereciam à região, as matas, a natureza e o local de forma mais ampla. Assim como a poesia, os romances também se fundamentam nos costumes e buscam uma nacionalidade. Para ser nacional, Machado de Assis argumenta, é preciso ser homem de seu tempo e de seu país, além de possuir certo sentimento íntimo que nem todo escritor tem. Assim, descrever a natureza, as plantas, as aves e as tribos, não quer dizer que há nacionalidade, uma vez que os escritores podem pecar na descrição das figuras e dos lugares.

¹⁰¹ Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade. Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, 24/03/1873. Todo esse trabalho crítico está reunido e data de publicação recente. Cf. *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol. III, 1994.

Avaliação distinta no tom, mas semelhante à feita por Machado de Assis anos antes à publicação de *Instinto de Nacionalidade* pode ser encontrada em *O passado, o presente, o futuro da literatura*, publicado em 1858.

*A poesia de então tinha um caráter essencialmente europeu. Gonzaga, um dos mais líricos poetas da língua portuguesa, pintava cenas da Arcádia, na frase de Garrett, em vez de dar uma cor local às suas liras, em vez de dar-lhes um cunho puramente nacional. Daqui uma grande perda: a literatura escravizava-se, em vez de criar um estilo seu, de modo a poder mais tarde influir no equilíbrio literário da América. Todos os mais eram assim: as aberrações eram raras. Era evidente que a influência poderosa da literatura portuguesa sobre a nossa, só podia ser prejudicada e sacudida por uma revolução intelectual. Para contrabalançar, porém, esse fato cujos resultados podiam ser funestos, como uma valiosa exceção apareceu o Uruguai de Basílio da Gama. Sem trilhar a senda seguida pelos outros, Gama escreveu um poema, se não puramente nacional, ao menos nada europeu. Não era nacional, porque era indígena, e a poesia indígena, bárbara, a poesia do boré e do tupã, não é a poesia nacional. O que temos nós com essa raça, com esses primitivos habitantes do país, se os seus costumes não são a face característica da nossa sociedade?*¹⁰²

Com a mesma intenção de avaliar a produção literária, separadas por décadas, permanece uma indisposição pela temática regional como via de estabelecimento da nacionalidade, no entanto, Machado de Assis se inscreve no gênero romântico através da sua produção de poeta, das críticas favoráveis a José de Alencar e os fundadores do romantismo brasileiro.

Machado de Assis, a partir da atuação como crítico literário exposta anteriormente, enfrentou o fato dele mesmo ter escrito obras do gênero romântico. E uma pergunta natural seria a como reconhecer, então, a sua própria produção da época. A *Advertência* escrita por ocasião do lançamento das poesias completas evidencia algo semelhante ao que ocorreu com José de Alencar, a identificação das obras românticas, como obras do passado, de juventude.

Podia dizer, sem mentir, que me pediram a reunião de versos que andavam esparsos; mas, a verdade anterior é que era minha intenção dá-los um dia.

¹⁰² Machado de Assis. O passado, o presente e o futuro da literatura. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, vol.III, 1994. Publicado originalmente em A marmota, Rio de Janeiro, 09 e 23/04/1858

Ao cuidar disto agora achei que seria melhor ligar o novo livro aos três publicados, Crisálidas, Falenas, Américas. Chamo ao último Ocidentais. Não direi de uns e de outros versos senão que os fiz com amor, e dos primeiros que os reli com saudades. *Suprimo da primeira série algumas páginas; as restantes bastam para notar a diferença de idade e de composição.* Suprimo também o prefácio de Caetano Filgueiras, que referiu as nossas reuniões diárias, quando já ele era advogado e casado, e nós outros apenas moços e adolescente; menino chama-me ele. Todos se foram para a morte, ainda na flor da idade, e, exceto o nome de Casimiro de Abreu, nenhum se salvou. *Não deixo esse prefácio, porque a afeição do meu defunto amigo, a tal extremo lhe cegara o juízo, que não viria a ponto de reproduzir aqui aquela saudação inicial.* A recordação só teria valor para mim. Baste aos curiosos o encontro casual das datas, a daquele, 22 de julho de 1864, e a deste. Rio, 22 de julho de 1900.

Os dois grifos em *itálico* aqui registram a mesma interdição encontrada no prefácio de José de Alencar, a argumentação é a mesma inclusive, a passagem do tempo, a idade, como sobriedade narrativa, logo, considera sua obra romântica “obra de juventude”

Dúvidas e incompreensões dos leitores

As publicações literárias no país seguiam um padrão estético e literário inteiramente rechaçado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Em suas páginas, a oposição ao romantismo e ao naturalismo foi feita de duas formas, principalmente. Um ataque direto ao homem romântico no qual está incluído até o leitor (“o maior culpado desse livro”) e do qual um exemplo seria o emplasto Brás Cubas, anti-hipocondríaco; ao naturalismo, e o hábito de descrever costumes, a genealogia forjada a partir de uma mentira da família Cubas é exemplar. Inda adiante, neste romance há uma nova forma de conceber a nacionalidade, deixando de ser regida pelos tipos ideais (o índio, a natureza, o sertanejo) para organizá-los sob a lógica econômica ou do *status*. Alguns exemplos seriam: Marcela cujo amor ao protagonista tem fundo pecuniário; a solução do pai em fazer Brás Cubas um bacharel formado em Coimbra; o escravo liberto que adquire um escravo e açoitá-lo como fora açoitado anteriormente.

Memórias Póstumas de Brás Cubas ressalta a importância da identificação da classe social do narrador do romance para distingui-lo do autor, Machado de Assis e, não do autor do romance, Brás Cubas, pseudo-autor. Nesse sentido, a composição do romance ilustra pelas vozes narrativas, ou seja, as de Machado de Assis e de Brás Cubas, as contradições da sociedade brasileira do século dezenove. E interpreta que as intenções do autor no desenvolvimento das situações nas quais Brás Cubas foi inserido. Trata-se, no dizer de Roberto Schwarz, de um livro escrito contra o seu protagonista.¹⁰³

São muitíssimos os exemplos de passagens do livro os quais caberiam para ilustrar as inovações do romance. Não surpreende o fato de um autor cuja atividade literária sempre esteve ligada à imprensa haja publicado contos, ensaios, teatro, romance, em jornais e revistas, ou seja, no formato conhecido como folhetim a preocupação com a apresentação gráfica, tipográfica, do romance, as soluções extravagantes para expressar sentimentos indescritíveis através de reticências, o enorme espaçamento entre os capítulos etc. Contudo, a influência da imprensa na obra de Machado de Assis é superior e foi determinante para a formação do “estilo machadiano” que diz respeito ao diálogo entre o texto de Machado de Assis e a sua forma de publicação.¹⁰⁴ Segundo Flora Sussekind, essa forma de publicação em série permitiu que o autor elaborasse formas distintas de organizar o capítulo que incluísse a expectativa, o suspense, o interesse do leitor, sem, no entanto, recorrer as formas tradicionais com as quais alcançava-se esse efeito no folhetim. A partir de *Memórias*

¹⁰³ A Em entrevista no ano de 1990, por ocasião do lançamento de *Um mestre na periferia do capitalismo*, Schwarz dá uma resposta que de certa forma sintetiza o que ele exaustivamente demonstrou em *Ao vencedor as batatas* e concluiu em *Um mestre...* Um tema básico nos romances da primeira fase é o estrago causado pela conduta arbitrária e caprichosa de algum proprietário. (...) A intenção artística dessas obras, todas mais ou menos fracas e edificantes, é de educar sem ofender, aparar as brutalidades inconscientes ou desnecessárias da classe abastada, no quadro geral do clientelismo brasileiro. O que esses livros estão dizendo é que se a gente de posse tratasse os pobres de modo menos bárbaro seria melhor para todo mundo, inclusive para os ricos, já que teríamos uma sociedade mais civilizada. (...) Parece razoável supor que a virada corresponde a uma nova convicção [de Machado], segundo a qual as relações entre os proprietários e seus dependentes não vão se resolver segundo as regras da civilidade, porque o interesse dos primeiros não é este (SCHWARZ, 1999, p. 223-4). *Apud*. SPALDING, Marcelo. R. S. e o pobre na literatura brasileira. p.27

¹⁰⁴ “Machado de Assis literalmente se formou como escritor nas páginas dos jornais da Corte. De 1855 a 1861 na *Marmota Fluminense* de Paula Brito, de 1858 a 1859 em *O Paraíba*, de 1858 a 1868 no *Correio Mercantil*, em 1859 como cronista teatral em *O Espelho*, de 1860 a 1867 como redator do *Diário do Rio de Janeiro*, de 1860 a 1875 na *Semana Ilustrada*, em 1862 e 1863 em *O Futuro*, de 1863 a 1878 no *Jornal das Famílias*, em 1870 no *Jornal da Tarde*, de 1876 a 1878 na *Ilustração Brasileira*, de 1874 a 1876 em *O Globo*, em 1878 em *O Cruzeiro*, de 1879 a 1880 na *Revista Brasileira*, de 1879 a 1898 em *A Estação*, de 1881 a 1897 da *Gazeta de Notícias*, de 1895 a 1898 na *Revista Brasileira*.” SUSSEKIND, Flora. “Machado de Assis e a musa mecânica”. In: *Papéis colados*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002. p. 200-201

Póstumas de Brás Cubas a fragmentação dos capítulos se tornou um princípio básico de composição e da exibição da materialidade gráfica do texto impresso – vide “O velho diálogo de Adão e Eva” [no qual reticências representam o ato sexual entre Brás Cubas e Virgília] ou “De como não fui ministro de Estado” [no qual o espaço em branco representa o motivo pelo qual Brás Cubas não foi ministro] –, um modo de, assim, a tensão entre escrita autoral e impressão mecânica de fato passar dar formar a narração.¹⁰⁵

De outro ponto de vista, Abel Barros Baptista, salienta a composição dos romances de Machado de Assis a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, sugerindo que no que diz respeito a composição material combinada com as intenções narrativas este romance também foi um divisor.

Romance de idéias, decerto, mas idéias sempre inseparáveis de situações particulares; ou o romance filosófico, mas de uma filosofia desconjuntada pelo humor, ou seja, sem conteúdo generalizável. Tal cruzamento – inédito nas letras brasileiras e sem paralelo no romanesco europeu -, além de repelir a asfíxiante temática da “cor local” então predominante, permitiu Machado de Assis lançar mão de modelos literário anacrônicos, recupera-los em uma época de crença férrea no progresso e na ciência e torna-los compatíveis com o exame, absolutamente impiedoso mas nunca retrógrado, da vida, da história e da sociedade modernas.¹⁰⁶

Inovando na forma e no conteúdo, era de se esperar que a repercussão do romance fosse variada. Intelectuais ilustres, como o historiador, bibliotecário e oficial da Biblioteca Nacional Capistrano de Abreu. Ele escreveu uma carta para Machado de Assis na qual conta a sua impressão do livro, numa carta escrita no ano da primeira edição em livro, 1881:

Dear Sir, hoje às 7 horas da manhã, poucos momentos antes de tomar o trem de Rio Claro para Campinas, me foi entregue com a sua carta de 7 o exemplar de Brás Cubas que teve a bondade de me enviar. Li de Rio Claro a Campinas, e, preciso dizer-lhe? a impressão foi deliciosa, e triste também, posso acrescentar. Sei que há uma intenção

¹⁰⁵ SUSSEKIND; *op. cit.* p.205

¹⁰⁶ BAPTISTA, Abel Barros. O romanesco extravagante. Prefácio. ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2008. p.20

latente porém imanente em todos os devaneios, e não sei se conseguirei descobri-la. Em S. Paulo, por diversas vezes, eu e Valentim Magalhães [...]1 nos ocupamos com o interessante e esfingético X. Ainda há poucos dias ele me escreveu: *O que é Brás Cubas em última análise? Romance? dissertação moral? desfastio humorístico?* Ainda o sei menos que ele. A princípio me pareceu que tudo se resumia em um verso de Hamlet de que me não lembro agora [...]2, mas em que figura the pale cast of thought. Lendo adiante, encontrei objeções... et je jette ma langue aux chiens. Pretendo passar dois dias em Campinas, e aqui lerei o que me falta, que infelizmente não é tanto quanto desejaria. Livros como Brás Cubas é que deveriam assumir as proporções de Rocambole ou Três Mosqueteiros. Só no dia 15 partirei para o Rio. Se antes quizer me dar quaisquer ordens, enderece a carta para S. Paulo Rua do Gasômetro, 17, em casa do Valentim Magalhães. Adios. Bien à vous. J. C. de Abreu

No prólogo da 4ª edição de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a pergunta grifada em itálico na carta acima, assim como um trecho da carta de Macedo Soares que relacionava o romance a *Viagens na minha terra* de Almeida Garret e cita o próprio Brás Cubas que refere-se à Sterne (provavelmente *Jornada Sentimental de França a Itália*) e a *Viagem à roda do meu quarto* de Xavier de Maistre. A passagem a seguir está no referido prólogo:

Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as *Viagens na minha terra*. Ao primeiro [Capistrano de Abreu] respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quando ao segundo, assim se explicou o finado: ‘Trate-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir dos seus modelos.

Trata-se de autores fora das referências do romantismo. Além disso, esse conjunto de inovação e crítica ao estabelecido traria conseqüências para a recepção da obra não só entre leitores, como entre críticos. A crítica de Machado de Assis às regras que organizavam o campo literário brasileiro mais o conjunto de interdições do romance

às formas de identificação sugeridas pelos outros comentadores, Macedo Soares, por exemplo, inviabilizou um lugar de identificação na recepção da obra.

Recepção da crítica¹⁰⁷

A crítica literária que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* deveria enfrentar era formada pelo crivo naturalista, movimento ao qual Machado de Assis se opunha. E para esse julgamento, o principal crítico literário era Silvio Romero. Em alguns dos seus trabalhos publicados sobre literatura brasileira e também em um livro sobre Machado de Assis criticou-o severamente. Segundo ele,

*Depois da mutação por que, de 1870 em diante, foi passando o espírito dos intelectuais brasileiros, sob a influência partida da escola de Recife, houve certo grupo de românticos que não tiveram a coragem de atirar fora a velha bagagem e tomar outra nova, entrando nesse renovamento do pensar nacional pela crítica, e começaram a se mostrar amuados, displicentes, irônicos, desgostosos, rebuscados, misteriosos e pessimistas. Impotentes já, pela idade, de tomar um partido definido entre as grandes correntes filosóficas que dividiam o século, materialismo, positivismo, evolucionismo. Monismo transformístico, hartmanismo, ficaram a burilar frases com o ar enigmático de faquires, falando em nome de não sabemos que cousas ocultas que fingiam saber. Neste singular grupo Machado de Assis foi chefe de fila”. (...) O Machado de Assis dos últimos anos era fundamentalmente o mesmo eclético de trinta ou quarenta anos atrás: meio clássico, meio romântico. meio realista, uma espécie de *justemilieu* literário, um homem de meias tintas, de meias palavras, de meias idéias, de meios sistemas, agravado apenas pelo vezo humorístico, que não lhe ia bem, porque não ficava a caráter num ânimo tão calmo, tão sereno, tão sensato, tão equilibrado, como era o autor de *Tu só, tu, puro amor*.¹⁰⁸*

Note-se que o trecho acima revela que a crítica de Silvio Romero está baseada

¹⁰⁷ É vasto o conjunto de estudiosos sobre Silvio Romero e especialmente sobre a sua atuação crítica de Machado de Assis. Neste artigo, este tópico foi realizado através das leituras de BARIANI, Edison. Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Silvio Romero. I Colóquio da Faculdade de Santa Rita (FASAR) "Machado de Assis, cem anos depois", 2007. disponível em:

http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf SCHNEIDER, Alberto Luiz. Silvio Romero, hermenêuta do Brasil. São Paulo: Anablume, 2005. MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. Silvio Romero vs. Machado de Assis: crítica literária vs. literatura crítica. In: Revista da Anpoll. vol 1, n.24.

¹⁰⁸ Essas críticas são citações de. ROMERO, Silvio. *Machado de Assis, estudo comparativo de literatura brasileira*. Rio de Janeiro; Laemmert & Cia., 1897. p.14-15.

na oposição romantismo, expondo claramente a disputa do campo literário da época. Marca a “geração de 1870”, como foram conhecidos os naturalistas, o local de onde vieram, do Recife. Também identifica as alterações dos autores românticos e identifica Machado de Assis com o Romantismo. *Tu, só tu, puro amor* foi publicado no mesmo ano, 1880, e no mesmo periódico, *Revista Brasileira*, na qual Machado de Assis publicou *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. A crítica é direta. Para Silvio Romero, o autor era um velho romântico e mediano. E interdita qualquer chance de filiação ao Naturalismo.

Há mais em questão. O enfrentamento entre Machado de Assis e Silvio Romero iniciou-se quando Machado de Assis publicou uma crítica sobre os naturalistas na *Revista Brasileira*, em 1879. Nesse texto, o autor analisou alguns poetas naturalistas, dentre eles Sílvio Romero que havia publicado *Cantos do fim do século* um ano antes. Machado de Assis já havia publicado contra a temática da nacionalidade, nessa ocasião opõe-se a proposta estética cientificista do naturalismo, citando o autor, e outros escritores de Recife como Tobias Barreto.¹⁰⁹

Contudo, a crítica de Silvio Romero ultrapassou a fronteira literária adentrando pelas possibilidades literárias de Machado de Assis a partir do seu lugar social:

Quem já o estudou à luz de seu meio social, da sua influência, de sua educação, de sua hereditariedade não só física como étnica, mostrando a formação, a orientação normal de seu talento? Quem já lhe ‘assinou o posto’ na história espiritual do país?¹¹⁰

Para Silvio Romero, o autor deveria escrever de acordo com seu ambiente, seu meio, sua origem, sua raça, e, para ele, isso Machado de Assis nunca o fez:

(...) Machado de Assis não sai fora da lei comum, não pode sair, e aí dele, se saísse. Não teria valor. Ele é um dos nossos, um genuíno representante da sub-raça brasileira cruzada, por mais que pareça estranho tocar neste ponto.¹¹¹

¹⁰⁹ BARIANI, Edison. Machado de Assis e as críticas de José Veríssimo e Silvio Romero. I Colóquio da Faculdade de Santa Rita (FASAR) "Machado de Assis, cem anos depois", 2007. disponível em: http://www.achegas.net/numero/40/bariani_40.pdf SCHNEIDER, Alberto Luiz. Silvio Romero, hermenêuta do Brasil. São Paulo: Anablume, 2005.

¹¹⁰ ROMERO, 1897, p. 18

¹¹¹ ROMERO. op. cit. 1898, p. 28.

Neste ponto não há literatura, há racismo. Oriundo de uma sub-raça com características próprias, não caberia a Machado de Assis escrever fora delas. Em uma investida contra o Machado de Assis “mestiço, ele é um dos nossos, e só pode ser e escrever como todos os brasileiros”:

Machado de Assis que (...) por dez anos seguidos, até 1870, (...) se manifestou tão plácido, tão brando, tão sossegado de índole, de aspirações e de estilo, não poderia de repente se transfigurar em grande filósofo, terrível manejador de ‘humour’, profundo pensador de espírito dissolvente e irritadiço, envolvendo a criação e a humanidade nas malhas de um pessimismo fulgurante.¹¹²

Conclui-se que a oposição de Machado de Assis ao romantismo, sua não adesão ao naturalismo e o veto dos autores naturalista, deixaram o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* sem um lugar definido. Por isso, o romance foi um marco de ruptura na carreira de Machado de Assis, não por mudar o seu estilo, que foi aprimorando-se, e sim por que o singularizou dentro do campo literário no qual foi escrito.

Mas houve críticas favoráveis ao romance e ao escritor. José Veríssimo, em *História da Literatura Brasileira*, publicado em 1915, já após o falecimento do autor, demonstrava grande preocupação em salientar a ideia da nacionalidade forjada pelos escritores da época:

Confesso haver hesitado na exposição da marcha da nossa literatura, se pelos gêneros literários, poesia épica, lírica ou dramática, história, romance, eloquência e que tais, consagrados pela retórica e pelo uso, ou se apenas cronologicamente, conforme a sequência natural dos fatos literários. Ative-me afinal a este último alvitre menos por julgá-lo em absoluto o melhor que por se me antolhar o mais consentâneo com a evolução de uma literatura, como a nossa, em que os fatos literários, mormente no período de sua formação, não são tais e tantos que lhes permitam a exposição e estudo conforme determinadas categorias. Nesse período e ainda no seguinte aqueles diferentes gêneros não apresentam bastante matéria à história, sem perigo desta derramar-se ociosamente. Ao contrário expor esses fatos na ordem e segundo as circunstâncias em que eles se passam, as condições que

¹¹² ROMERO. op. cit. 1898, p. 48.

os determinam e condicionam e as feições características que afetam, parece fará mais inteligível a nossa evolução literária com a vantagem de guardar maior respeito ao princípio da última unidade da literatura. Nesta, como na arte e na ciência, é conspícua a função do fator individual. Um escritor não pode ser bem entendido na sua obra e ação senão visto em conjunto, e não repartido conforme os gêneros diversos em que provou o engenho.

Sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, ele escreveu que “depois da leitura de Brás Cubas comecei a entender que se podia ser um grande escritor brasileiro, sem falar de índios, de caipiras ou da roça”.¹¹³

Das idéias ao romance fora do lugar

É tão querida a expressão *idéias fora do lugar* entre os críticos literários quanto *olhos de ressaca* entre os leitores quando o assunto é Machado de Assis. Diz respeito a um ponto de vista sociológico do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pelo qual Roberto Schwarz¹¹⁴ identificou o costume da sociedade brasileira do século dezenove importar idéias estrangeiras e adaptá-las à realidade do país, que havia pouco tempo tornado-se independente no “concerto das nações”, para repetir uma expressão da época atribuída à Leopold Van Ranke.

Liberalismo, abolicionismo, direitos civis circularam entre os países europeus no encaminhamento de uma organização ideológica da economia capitalista. Quando recebidas no Brasil, essas idéias assumiram feições distintas que possibilitaram, por exemplo, a existência da escravidão e a reprodução de princípios da Declaração dos Direitos do Homem na Constituição. Idéias conflitantes demais para ocupar o mesmo lugar. Trata-se de um fenômeno que retrocede à colonização que formou classes sociais de latifundiários, escravos e homens livres que relacionaram-se através de dominação e do favor. Na primeira, o latifundiário dominava o escravo, enquanto na segunda, referente aos homens livres, existiu uma dependência material direta ou indireta do

¹¹³ José Veríssimo citado em Raimundo Magalhães Júnior. *Vida e obra de Machado de Assis*. Vol. IV. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. p. 376

¹¹⁴ SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1ª ed. 1977. _____. *Um mestre na periferia do capitalismo* - Machado de Assis. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1ª ed. 1990.

dominante, uma relação escusa de favores.¹¹⁵ E para Roberto Schwarz, os romances de Machado de Assis possuem personagens alegóricos dessa sociedade que revelaram essas adaptações, os seus desdobramentos e as suas conseqüências. Unindo crítico literário e autor já foi dito mais de uma vez que o país continha uma sociedade *obliqua e dissimulada*, feito os olhos de Capitu pareciam ao agregado.

Antes de Roberto Schwarz a aparição da sociedade brasileira nas personagens machadianas já havia sido explorada. Em *A pirâmide e o trapézio*¹¹⁶, Raymundo Faoro analisa a sociedade da segunda metade do século dezenove, ao longo do segundo reinado, política e economicamente a partir de personagens e de situações nas quais Machado de Assis as inseriu. Raymundo Faoro¹¹⁷ e Roberto Schwarz encontraram nessas personagens um componente de cada classe social: os políticos, os ocupantes do clero, os capitalistas, os comerciantes, os funcionários públicos, até os escravos. Bentinho, Brás Cubas, Quincas Borba, José Dias, o escravo Prudêncio,..., latifundiários, capitalistas, agregados, escravos, etc. etc.¹¹⁸

¹¹⁵ “Esquemmatizando, pode-se dizer que a colonização européia produziu, com base no monopólio da terra, três classes de população: o latifundiário, o escravo, e o ‘homem livre’, na verdade dependente. Entre os primeiros dois a relação é clara, é a multidão dos terceiros que nos interessa. Nem proprietários, nem proletários seu acesso à vida e a seus bens depende materialmente de um favor, indireto ou direto, de um grande.” SCHWARZ, Roberto. “As idéias fora do lugar”. In: *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000. p.3

¹¹⁶ FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1974.

¹¹⁷ É impossível não relacionar essa abordagem ao seu clássico ensaio social *Os donos do poder*, obra na qual Faoro identifica o período colonial brasileiro como a origem da corrupção e burocracia no país, colonizado por Portugal, então, um Estado absolutista corroído pelo vício organizados em torno de uma definição patrimonialista que aqui só será mencionada. A prática resultante desse mal original consiste na aparência de doação, de favor, no lugar da conquista da propriedade privada, além da existência da vassalagem intermediando soberano e súditos e não de posses e homens livres. FAORO, Raymundo. *Os donos do poder*. Formação do Patronato Político Brasileiro (2a ed. revista e aumentada). Porto Alegre/São Paulo, Editora Globo/EdUSP, 1990. Essa interpretação da obra de Raymundo Faoro é corroborada por BOSI, Alfredo. Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis. *Estudos Avançados*, 2004, vol.18, n.51, pp. 355-376.

¹¹⁸ Visto em conjunto, as obras de Faoro e Schwarz possuem afinidades que merecem uma análise depurada, o que não será feito aqui, no entanto, cabe ressaltar que os autores compartilham a mesma concepção de romance e a formação teórica de interpretação do texto literário, qual seja, a do pensamento marxista formulada por Lukács na *Teoria do Romance*. Cf. LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000. Segundo Alfredo Bosi, Faoro cita Lukács uma só vez para reforçar a crítica do realismo de detalhe avulso para valorizar o realismo preocupado com o conjunto da composição. Cabe ao romancista moderno configurar as várias faces dos conflitos. Cf. Bosi. *op.cit* 2004. Leandro Konder identifica matizes

Com o seu valor já devidamente fixado por toda a crítica literária posterior àquela que definiu Machado de Assis como um mestre na periferia do capitalismo, esse ponto de vista não encerra a questão da singularidade de um *Memórias Póstumas de Brás Cubas* onde o estabelecido foi d'O Guarani à O mulato, romantismos e naturalismos, e também não encerra a questão dessa mesma singularidade dentro do conjunto de obras de Machado de Assis. Se é verdade que a literatura costuma por em cena as nuances de interpretações existentes em uma época sobre seus eventos na medida em que provém dessa mesma sociedade¹¹⁹, não é verdade que apenas essa decifração alegórica pode fixar um autor e um romance no seu tempo. A relação entre literatura e sociedade também pode ser analisada abarcando as regras específicas do campo literário no qual ocorreu a publicação, a sua inserção entre outras obras, entre o cânone estabelecido, entre pares do escritor, os críticos, os leitores.

Considerando o contexto no qual Machado de Assis escreveu *Memórias Póstumas de Brás Cubas* creio que seja correto dizer que trata-se de um *romance fora do lugar*. A diferença entre uma *ideia fora do lugar* e um *romance fora do lugar* reside no procedimento de análise admitindo a existência de uma e outra, aliás, acredito que elas se complementem. No procedimento que trata de uma ideia, a análise do romance é realizada através da interpretação de passagens, da ponderação dos personagens, da estrutura do romance como um reflexo o lugar do escritor no seu tempo. Enquanto no outro, ou seja, no procedimento que trata de um romance, a análise é realizada através da coleta de informações divulgadas pelo escritor sobre o livro, das filiações com outros escritores, do recebimento pela crítica literária da época, da identificação do lugar permitido para o romance. Em última instância, já está claro que o tanto a ideia quanto o

semelhantes e aprofundadas em Roberto Schwarz, inequivocamente marxista, que passa pela leitura de obras de Lukács, de Adorno, de Brecht e de Walter Benjamin; e também o estímulo proveniente do diálogo com Antonio Candido. KONDER, Leandro. Roberto Schwarz. In: *Intelectuais Brasileiros & Marxismo*, Ed. Oficina de Livros, Belo Horizonte, 1991. Ambos os autores não ignoram as relações, ora de afinidade, ora de distanciamento, que o narrador entretém com a trama social. Daí a identificação de Machado de Assis e do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* com o realismo. A partir desta relação fundamental entre romance e sociedade, costume do realismo, Faoro e Schwarz autores identificaram a estrutura política e econômica brasileira do século dezenove através dos personagens e situações machadianas, constituindo um conjunto de obras complementares, nesse sentido.

¹¹⁹ Embora prefira entender a literatura como “prática simbólica que põe em cena determinados materiais históricos” e não como forma de apreensão imediata do real e a propósito ver: HANSEN, João Adolfo. Os lugares das palavras. *Registro*. Mariana, 2(4), set., 1995/ fev.1996, a adesão do romance como reflexo da realidade é recorrente na teoria literária marxista, e a propósito ver: Lukacs. *Op. cit.* 2000.

romance residiram à custa do lugar ocupado pelo autor.

4º CAPÍTULO

ESCREVER E REESCREVER MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS

Mais de um século após a publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, o tema da nacionalidade persistiu por algumas décadas influenciando a literatura brasileira, Machado de Assis alcançou um lugar entre os grandes escritores universais e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* se tornou um clássico¹²⁰.

E, como todos os clássicos, este romance ganhou novas gerações de leitores com o passar dos anos que fizeram novas leituras ou releituras do livro. Se considerarmos os críticos literários como leitores especializados, que raciocinam sobre uma dada obra à exaustão, obstinadamente interessados em compreendê-la, a verdade é que a obra sobre a qual eles se debruçam permanece instigando outras leituras, enquanto o trabalho empregado pela crítica, com o tempo, são consideradas a marca de um tempo, uma leitura de época. Isto não significa dizer que perca seu valor, ao contrário. Todas as leituras sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* forneceram meios para que o romance fosse melhor compreendido. Se fosse reunida a fortuna crítica este romance e o seu autor, seria possível traçar uma história da crítica literária com os melhores conceitos e formas de pensamento foram mobilizados para tentar compreendê-la, não interessando menos ao leitor de hoje do que aos de outrora. No calor de sua publicação, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi lido por Capistrano de Abreu e Silvio Romero,

¹²⁰ Apresentação baseada nas propostas de Italo Calvino a respeito da leitura de clássicos. CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

sendo a dúvida de um e a crítica do outro o reflexo do horizonte de leitura existente naquele período. Mas não era de se esperar que ali fosse encerrado o interesse pela obra, nem que a mesma compreensão, ou até mesmo, a incompreensão se mantivessem as mesmas.

Antonio Candido acredita que este é o verdadeiro valor dos grandes escritores, entre eles, Machado de Assis:

Nas obras dos grandes escritores é mais visível a polivalência do verbo literário. Elas são grandes porque são extremamente ricas de significado, permitindo que cada grupo e cada época encontrem obsessões e as suas necessidades de expressão. Por isso, as sucessivas gerações de leitores e críticos brasileiros foram encontrando níveis diferentes em Machado de Assis, estimando-o por motivos diversos e vendo nele um grande escritor devido a qualidades por vezes contraditórias. O mais curioso é que provavelmente todas essas interpretações são justas, porque ao apanhar um ângulo não podemos deixar de ao menos pressentir os outros.¹²¹

Se os tempos mudam, trazendo outras leituras, algumas delas também acabam se tornando clássicas.

Resumidamente, o enredo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tem início com a narração de sua morte e funeral, para daí voltar a infância e relatar sua vida dentro de uma família rica que lhe dava liberdades e mimos fossem os pais, os parentes ou os amigos próximos. Não sendo responsabilizado por nenhuma de suas ações, na mocidade e juventude, a escola é apenas mencionada, conheceu Marcela, a quem conquistou através de presentes que reduziram sua herança, até que foi enviado para estudar Direito em Coimbra, Portugal, afim de fazerem-no esquecer às mágoas da separação. A universidade também é apenas mencionada para fazer valer o que havia acontecido na escola, pouco ou nenhum aprendizado. Com a volta ao Brasil, a morte da mãe, o pai quis inseri-lo na carreira política e no matrimônio frustrando-se em ambos os casos. A noiva, Virgília, era bela e seu pai facilitaria a entrada na política, o que não

¹²¹ CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. Escrito em 1968.

acontece sendo Brás Cubas perdido a noiva para outro pretendente, Lobo Neves. Neste meio tempo, Brás Cubas conheceu Eugênia, mas a possibilidade de romance foi interrompida pelo fato da moça ser coxa. Em seguida morre o pai de Brás faleceu, o que gera uma briga entre Brás e Sabina, sua irmã por causa da herança. Brás voltou a viver sozinho, escrevia versos algumas vezes e era por isso que recebia a visita de Luis Dutra. Foi por intermédio desse que recebeu a notícia da chegada de Virgília e seu marido. Foi nesses tempos que Brás encontrou-se com um amigo de infância, Quincas Borba, que lhe apresenta o humanitismo, sua filosofia, e conseguiu conquistar Virgília mesmo casada com Lobo Neves. Circunstâncias encerraram o relacionamento de Brás Cubas e Virgília e não permitiram que um novo romance, Brás Cubas se casaria com Eulália Damasceno, que morre. Brás Cubas estuda o Humanitismo com Quincas Borba, conquista e perde um cargo político, funda e encerra um jornal que rapidamente morreu, assiste Quincas Borba morrer e também morre. Na avaliação desta vida, o defunto autor conclui que sai em saldo positivo dela, pois não precisou trabalhar e não teve filhos, não dando continuidade à humanidade.

Paratextos editoriais

Como já foi dito, a primeira edição do romance em folhetim, pela Revista Brasileira em 1880, a segunda pela Tipografia Nacional, em 1881, a terceira e a quarta¹²² pela Garnier Editores, em 1896 e 1899, respectivamente, foi percebido uma possibilidade de analisar o processo de construção da autoria das memórias póstumas pelos paratextos da obra. Como esta comparação ainda não havia sido realizada, foi realizado um procedimento empírico de cotejamento do material textual inserido e retirado por Machado de Assis, revelando as diferenças fundamentais entre as edições. Esta comparação trouxe a hipótese de que o processo de reescrita da obra ocorreu até que a assinatura de Brás Cubas, o autor ficcional, sobrepujasse a do próprio Machado de Assis. Prova disto, é o fato de que as mudanças aconteceram principalmente nos

¹²² Embora a quarta seja uma reprodução da terceira, por isso descartada para análise.

paratextos do romance.

Tradicionalmente um romance possui algumas características que ajudam a identificá-lo mais do que como um livro. Pode ser uma capa, um título, algumas vezes o retrato do autor, uma epígrafe, uma dedicatória, enfim, um livro pode ser identificado facilmente por uma massa de papel impressa e encadernada, mas para torná-lo um romance é necessário a inclusão de um conjunto de elementos. Estes conjuntos são os paratextos e, são eles os responsáveis, por algumas indicações fundamentais para a leitura, por exemplo, quem é o autor, quando foi escrito, qual é o título, quem o editou, a quem é dedicado etc. Definindo com esta simplicidade, pode parecer pouco, mas sem os paratextos, o romance se perde, tornando-se um simples livro.

Sobre esta relação entre livro e obra literária, Gerard Genett, em *Paratextos editoriais*, explica:

Uma obra literária consiste, exaustiva ou essencialmente, num texto, isto é (definição mínima), numa sequência mais ou menos longa de enunciados verbais mais ou menos cheios de significação. Contudo, esse texto raramente se apresenta em estado nu, sem o reforço e o acompanhamento de um certo número de produções, verbais ou não, como um nome de autor, um título, um prefácio, ilustrações, que nunca sabemos se devemos ou não considerar parte dele, mas que em todo caso o cercam e o prolongam, exatamente para *apresentá-lo*, no sentido habitual do verbo, mas também em seu sentido mais forte: para *torná-lo presente*, para garantir sua presença no mundo, sua “recepção” e seu consumo, sob a forma, pelo menos hoje, de um livro. [...] Assim, para nós o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público.¹²³

E em *Autobiografias*, Abel Barros Baptista, acrescenta:

O romance não dispensa a inscrição num suporte material e não transmite senão pela leitura. Daí uma relação privilegiada com o livro, isto é, o livro enquanto objeto, suporte material da escrita, veículo da comunicação e modalidade de conservação do saber. [...] O romance é o primeiro gênero que se constitui na escrita, não um gênero que se preserva no arquivo através de um posterior suporte escrito; o romance pretence a um mundo tipográfico, e não se difundiria sem a invenção da imprensa; o romance apenas se transmite pela leitura relega a oralidade para um plano secundário; o romance tende a exigir e, nessa medida, favorece o desenvolvimento da prática da leitura individual e silenciosa; o romance emerge no processo de afirmação das línguas vulgares e na ascensão do public burguês. Permite-nos denominar “livro” um corpo de papel impresso que não se apresenta em estado de papéis avulsos, ou seja, um conjunto de cadernos que sofreu os efeitos

¹²³ GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. p.9-10

de uma compilação ou reunião que os mantém ligados e submetidos a uma ordem e se dá a ver como uniformidade e linearidade. Presume-se que o corpo de papel impresso desempenha uma função, e não basta, pois, escapar à condição dos papéis avulsos para desempenhar e formar um livro. Dir-se-ia, então, que a noção vulgar consiste na alinça entre um livro como objeto, apresentando-se na forma tipográfica que se impôs como a única forma do livro, e uma certa função, esta desde sempre assinalada aos livros.¹²⁴

Sem pretender fazer uma história do livro, é possível dizer que esta forma do romance tem sido uma regra geral séculos a fio.¹²⁵ Se *Dom Quixote* for considerado o marco do romance como ele existe hoje, por exemplo, também será percebido que os paratextos já estavam presentes tornando os livros em romance. E se for percebido ainda que, aqueles extensos paratextos são paródias de paratextos, é possível concluir que eles são de tempos ainda mais longínquos. Ainda que tenham sido alvo de paródias, ironias e ataques, o fato é que os paratextos estão intimamente ligados à concepção da obra literária.

Os paratextos informam ao leitor características como: quando o livro foi publicado, a quem foi dedicado, qual o mote o autor utiliza de outro autor para que sua obra seja compreendida, quem lhe serviu de inspiração. Além destas, muitas outras informações, inclusive de outros agentes envolvidos na produção editorial como tradutores, editores, organizadores. Mas, sobretudo, o que os paratextos dizem na literatura tempos a fio é algo tão banal quanto indispensável: “Aqui se lê literatura”.

¹²⁴ BAPTISTA, Abel Barros. *Autobibliografias*. Solicitação do livro na ficção de Machado de Assis. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003. P.20-30. Segundo uma sinopse, o livro “pressupõe a discussão atual sobre o destino do livro e nela intervém de modo oblíquo ao tratar a relação do romance enquanto gênero literário moderno com a noção de livro — a noção que herdou e a que se reconfigurou por efeito da invenção da tipografia. E empreende diversas leituras: Cervantes, Laclos, Rousseau, Flaubert, Melville, Borges e, no ponto de partida como no ponto de chegada, Machado de Assis, cuja obra, em particular o romance *Dom Casmurro*, é aqui entendida como ficção que radicalmente solicita o livro e como ficção onde mais radicalmente se pode solicitar a questão do livro, do destino do livro e da relação do romance com o livro”. Não alçamos, no entanto, a relação entre esta análise e a que desenvolvemos. Assim como aconteceu com outros autores, na medida em que foi mobilizada para análise a fortuna crítica que tratou do narrador de Machado de Assis apenas.

¹²⁵ Pra uma história do livro, ver: CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP/IMESP, 1999.

Sem esta afirmação, o livro poderia ser compreendido de maneira diversa daquela pretendida pelo autor.

Consciente deste imaginário em torno dos romances, Machado de Assis, desejando escrever um romance sobre as memórias de um defunto autor, viu nos paratextos, exatamente, na epígrafe, dedicatória e prefácio os lugares onde trabalhar para que a autoria de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* fosse exatamente do defunto autor. E isto não aconteceu de imediato. Disposto a tornar Brás Cubas o verdadeiro autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a cada nova edição Machado de Assis incluiu, retirou, modificou a localização dos paratextos, até, enfim, dizer, em um paratexto, é claro, que Brás Cubas é o autor do livro, reforçando sua condição defunta, escreveu com rabugens de pessimismo uma obra de finado. Na medida em que sejam expostas as diferentes edições, será explicado o que são cada os paratextos presentes.

Comparar as edições de uma única obra permite identificar complexas relações do sistema literário no qual um autor está inserido, aderindo-o ou opondo-se à ele. A comparação também revela os procedimentos de reescrita, assim como demonstra o trabalho do autor sobre a obra. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, como foi visto, não teve uma compreensão imediata de críticos e leitores, isto explicou as modificações, do mesmo modo que essas edições anteriores permitiram que o aprimoramento de sua mensagem fosse revelado.

Cabe ressaltar que a identificação empírica deste ensaio beneficiou-se de um trabalho superior sobre as primeiras publicações do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, realizada por Antonio Houaiss¹²⁶, com qual foram descritas todas as

¹²⁶ Antonio Houaiss produzir essa pesquisa no âmbito das comemorações do cinquentenário de falecimento de Machado de Assis quando organizou-se a *Comissão Machado de Assis*, instituída por portaria do Ministério da Educação e Cultura, de número 483, de 19 de setembro de 1958, da qual

informações tipológicas sobre as publicações do romance a qual aproveitamos. Outras estão anotadas em referência em rodapé. A respeito dos paratextos, a referência sempre será Gerard Genett.¹²⁷

Primeira edição

A primeira publicação do romance foi realizada em formato de folhetim pela *Revista Brasileira*¹²⁸ no ano de 1880 e pode ser consultada no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional que disponibiliza o material em formato de microfilme. Publicado entre pesquisas etnográficas, estudos da língua portuguesa, sonetos, ensaio social, crítica literária, estudos lexicográficos, o romance teve sua publicação em corpo 10 pequena, linhas de 222 pontos aproximativamente, colunas de mancha com 37 linhas, o que dava um predomínio de sentido vertical na mancha, dito geralmente formato infles. No cabeçalho há, nas páginas pares “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, sendo a

também participaram Antonio Candido, Aurélio Buarque de Holanda entre outros. A versão integral da pesquisa realizada por Antonio Houaiss pode ser encontrada na Academia Brasileira de Letras, *Arquivo Machado de Assis*.

¹²⁷ Todas as informações a respeito de Paratextos a seguir foram retiradas de GENETTE; *op cit*; 2009. São feitas paráfrases e incursões a partir de transcrições da obra citada, relacionando estas informações à *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

¹²⁸ A primeira publicação conhecida a usar o nome de Revista Brasileira apareceu em 1855, com o título de Revista Brasileira, Jornal de Literatura, Teatros e Indústria, fundada e dirigida pelo Dr. Francisco de Paula Meneses. Anunciava-se como quinzenal, mas só apareceu o nº 1. A segunda apareceu em 1857, com a denominação de Revista Brasileira, Jornal de Ciências, Letras e Artes. Durou até 1861, publicando quatro volumes. A Fase II da Revista Brasileira, a chamada “fase Midosi”, editada por Nicolau Midosi, publicou regular e mensalmente, de junho de 1879 a dezembro de 1881, trinta números, reunidos em dez volumes. A Revista Brasileira, na chamada “fase José Veríssimo” (Fase III), circulou de janeiro de 1895 a setembro de 1899. Foram publicados 19 tomos, com 93 fascículos. A Fase IV da Revista Brasileira, dirigida por Batista Pereira, durou apenas de junho de 1934 a novembro de 1935. Na folha de rosto anunciava “Publica-se mensalmente”, mas não foi regular, publicando durante 18 meses apenas 10 números. A Fase V da Revista Brasileira, a partir da qual passou a ser publicada pela Academia Brasileira de Letras, nasceu de uma proposta de Levi Carneiro, então presidente da Casa, e teve início em julho de 1941. Em 1948, saiu o vigésimo número. Após uma interrupção de dez anos, voltou a sair em 1958, ainda sob a direção de Levi Carneiro, e chegou ao nº 29, publicado em novembro de 1966. A Revista Brasileira teve uma sexta fase, sob a direção de Josué Montello, compreendendo apenas seis volumes, entre 1975 e 1980. Voltou a ser publicada no último trimestre de 1994, sob a direção de João de Scantimburgo. Mantendo-se a trimestralidade. Desde a edição número 70, a Revista Brasileira está sob a direção de Marco Lucchesi. A Fase VIII atualmente conta com 72 números. Uma coleção completa da Revista Brasileira encontra-se no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Casa de Rui Barbosa, que organizou e publicou o Índice da Revista Brasileira das seis fases anteriores, e uma coleção microfilmada está disponível na Divisão de Informação e Documentação da Biblioteca Nacional. Retirado do site da Academia Brasileira de Letras, <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=31>. Data do acesso: 28 de outubro de 2012.

numeração nos ângulos superiores externos de cada página. Cada folhetim foi – como se pode depreender da numeração – cuidadosamente iniciado em página ímpar com abertura de branco ampla, o que tudo revela a preocupação de permitir que os leitores viessem a fazer, eventualmente, separatas, que reunidas e encadernadas, formariam um volume íntegro. Como, porém, alguns folhetins não terminaram em páginas par, a reunião de separatas obriga a presença de matérias impressa estranha. Cada folhetim termina com a menção de “continua”, a seguir ao nome do autor em versal-versalete, mas no início de cada folhetim não há menção de enlace, que fica por conta da referência do capítulo. Não há erratas em nenhuma parte da revista, relacionadas com o texto do romance. A composição e impressão é da *Typografia Nacional*.¹²⁹

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS

¹²⁹ A publicação em folhetim de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* pela *Revista Brasileira* ocorreu de 15 de março a 15 de dezembro e podem ser encontradas em: Tomo III, 15 de março de 1880: Capítulos: I “óbito do autor” (p.353) – IX “Transição” (p.372) Não consta a “Dedicatória aos vermes” nem o “Ao leitor”, iniciando diretamente no capítulo “Óbito do autor”. Há epígrafe, no entanto: “I will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults. Não é meu intento criticar nenhum fôlego vivo, mas a mim somente, em quem descubro muitos senões”. Shakespeare, As you like it, act. III, sc. II. Tomo IV, 1º de abril de 1880: Capítulos: X “Naquele dia...” (p.5) – XIV “O primeiro beijo” (p.18) Tomo IV 15 de abril de 1880: Capítulos: XV “Marcella” (p.95) – XXIII “Volta ao Rio” (p.112) Tomo IV, 1º de maio de 1880: Capítulos: XXIV “Triste, mas curto” (p.165) – XXIX “Contanto que...” (p.175) Tomo IV – 15 de maio de 1880: Capítulos: XXX “A visita” (p.232) – XXXV “A uma alma sensível” (p.242) Tomo V, 1º de junho de 1880: Capítulos: XXXVI “Caminho de Damasco” (p.295) – XLIII “Que escapou a Aristóteles” (p.305) Tomo V, 15 de junho de 1880: Nada consta Tomo V, 1º de julho de 1880: Capítulo XLIV “Marquesa, porque eu serei marquês” (p.5) – LIII “O embrulho misterioso” (p.20) Publicação integral de Tu só, tu, puro amor “escrita para as festas organizadas pelo Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro, no tricentenário de Camões e representada no Thetro D. Pedro II”. Tomo V, 15 de julho de 1880: Capítulos: LIV “...” (p.125) – LXII “um projeto” (p.138) Tomo V 1º de agosto de 1880: Capítulos: LXIII “O travesseiro” (p.195) – LXXI “D. Plácida” (p.210) Tomo V, 15 de agosto de 1880: Capítulos: lxxii “O senão do livro” (p.253) – lxxxiv “13” (p.272) Tomo V, 1º de setembro de 1880: Capítulos: lxxxv “o conflito” (p.391) – xci “O velho colóquio de Adão e Caim” (p. 401) Tomo V, 15 de setembro de 1880: Capítulos: xcii “uma carta extraordinária” (p.451) – C “na platéia” (p.462) Tomo VI, 1º de outubro de 1880: Capítulos: CI “o caso provável” (p.5) – CIX “Que se não entende” (p.17) Tomo VI, 15 de outubro de 1880: Capítulos: CXI “31” (p.89) – CXXIV “O verdadeiro Cotrim” (p.107) Tomo VI, 1º de novembro de 1880: Capítulos: CXXV “Vá de intermédio” (p.193) – CXXXIX “A um crítico (p.207) Costuma aparecer o nome do autor no final da publicação e entre parêntesis continua. No caso deste capítulo que é uma mensagem a um crítico fica a redação da carta com a assinatura de Machado de Assis. Tomo vi, 15 de novembro de 1880: Nada consta Tomo VI, 1º de dezembro de 1880: Capítulos: CXL “De como não fui ministro de Estado” (p.357) – CLI “Teoria do benefício” (p. 370) Tomo VI, 15 de novembro de 1880: Capítulos: CLII “Rotação e translação” (p.429) – CLXII “Das negativas” (p.439) Final levemente modificado: “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. Termina a publicação com “Fim”.

1ª edição

I will chide no breather in the
World but myself; against whom
I know most faults.

Não é meu intento criticar nenhum
Fôlego vivo, mas a mim somente,
Em quem descubro muitos senões.

SHAKESPEARE, *As you like it*, act III, sc. II

CAPITULO 1.

ÓBITO DO AUTOR.

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.”

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram-me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, — um lírio do vale, — e...Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisasse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção. — “Morto! morto!” dizia consigo. E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-

lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma. Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo.

Os capítulos seguintes da primeira edição são *II. O emplasto, III. Genealogia, IV. A idéia fixa, V. Em que aparece a orelha duma senhora, VI. Chimène, ..., Rodrigue,...?. VII. O delírio., VIII. Razão contra sandice, IX. Transição.*

O paratexto em destaque existente na primeira edição das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é uma epígrafe de Shakespeare. De forma geral, define-se a epígrafe como uma citação colocada em destaque, geralmente no início de obra ou de parte de obra. Literalmente fora da obra, no caso, no exergo, uma parte do livro, uma borda da obra, geralmente mais perto do texto, portanto depois da dedicatória, se houver dedicatória.¹³⁰

Desse mesmo fato (de que a epígrafe é uma citação) surge a questão em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Quem é o autor da tradução da epígrafe? Brás Cubas ou Machado de Assis? Perceba que a tradução vela o significado usual de *agaisnt*, ou seja, *contra*. “Contra quem conheço muitas falhas”, seria uma tradução possível. Pode ser autêntica, mas inexata (caso muito frequente), se o epigrafiador, traduz com o objetivo de adaptá-la ao direcionamento da leitura, ou desejando enganar o leitor. Há a possibilidade de que a adaptação atenda melhor a citação no contexto da obra, ou por outra razão qualquer, como um intermediário infiel, atribui corretamente uma epígrafe inexata, isto é, não-literal. Como se confirmará na dedicatória, convém reservar pelo menos a possibilidade da epígrafe ter sido proposta pelo personagem-

¹³⁰ GENETTE; *op cit*; 2009. p.131

narrador-autor, o defunto autor. É uma função de comentário, às vezes decisiva, de esclarecimento, portanto, e como tal, uma justificativa, para a leitura que vem sendo realizada da obra.

Além disso, é importante ressaltar que não há uma vez citado o nome de Brás Cubas, como assinatura, de um texto, cabendo ao título sintetizar toda a estrutura da obra, algo como, “Estas Memórias são Póstumas e escritas por Brás Cubas” isto no texto será complementado por “que é um defunto autor”.

O primeiro capítulo tentou demonstrar que a recepção da obra, embora tenha vendido bastante, não alcançou uma compreensão adequada, inclusive entre críticos literários ou grandes intelectuais da época. Acima de tudo, parece que esta obra não distância suficientemente Machado de Assis do narrador Brás Cubas. Isto pode ser uma marca da presença de Shakespeare, autor dileto de Machado de Assis.

Segunda edição

Estas considerações parecem se comprovar, se for comparada à segunda edição do romance. Ela também é da *Typographia Nacional* do romance ou a primeira publicação em livro no ano de 1881 e pode ser consultada no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional. Primeira publicação em livro é auto-explicativo, mas é segunda edição pelo fato do romance ter sofrido alterações, como a introdução da “Dedicatória aos vermes” e a eliminação da epígrafe referente a Shakespeare [“I will chide no breather in the world but myself; against whom I know most faults.”. Shakespeare, As you like it, act. III, sc. II.]¹³¹. E acrescenta o paratexto prefacial, assinado por Brás Cubas, que inclui a importante caracterização “obra de finado”, “rabugens de pessimismo”, além das famosas filiações à outros autores, embora com reservas.

¹³¹ Tradução do autor.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS

2ª edição

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinqüenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião. Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas.

Ao verme
que
primeiro roeu as frias carnes
do meu cadáver
dedico
como saudosa lembrança
estas
Memórias Póstumas

- x -

A dedicatória designa duas práticas evidentemente aparentadas, mas que é importante diferenciar. Ambas consistem em prestar uma homenagem numa obra à uma pessoa, à um grupo real ou ideal ou à alguma entidade de outro tipo. No entanto, uma diz respeito à realidade material de um exemplar singular, a quem consagra em princípio a doação ou a venda efetiva; a outra diz respeito à realidade ideal da própria

obra, cuja posse (e, portanto, cessão gratuita ou não) só pode ser evidentemente simbólica. O século XIX (pelo menos) conheceu uma forma intermediária, epístola dedicatória atrofiada se quiser, mas, dedicatória motivada - onde a motivação toma geralmente a forma de uma breve caracterização do dedicatário, e/ou da obra dedicada.¹³² O momento costumeiro de aparecimento da dedicatória é evidentemente a edição original, sua ausência em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* serve para corroborar a continuidade do processo criativo de Machado de Assis em torno do apagamento do seu nome para atribuir autoria à Brás Cubas, defunto autor.

No início de uma narrativa de ficção na primeira pessoa, sendo o gênero memorialístico, o que impediria o personagem-autor-narrador de endossar essa dedicatória a quem lhe convir? A dedicatória ao verme traz uma ambiguidade na sua destinação dentro da organização da obra: é para o dedicatário, o verme, é claro, mas também para o que leitor saiba que as memórias póstumas foram dedicadas aos vermes, tratando-se de um ato público no qual o leitor é testemunha do agradecimento. A dedicatória é a demonstração, a ostentação, a exibição: mostra uma relação simbólica, e essa mostra está sempre a serviço da obra. A função da dedicatória é a mostra sincera ou não de uma relação (de um tipo ou de outro) entre o autor e alguma pessoa, grupo ou entidade. As outras instâncias prefaciais demonstram o avanço de Machado de Assis na cessão da autoria das memórias póstumas à Brás Cubas que, ao falar delas, em prefácio de próprio punho, como endossa a presença da sua assinatura, caracteriza-a como “obra de finado” com “rabugens de pessimismo” e, principalmente, de cuja a expectativa é “não angariar a simpatia da opinião, nem o amor dos frívolos”.¹³³ Até mesmo a ordem dos paratextos – primeiro o prefácio, com a assinatura do autor, e no qual ele se explica,

¹³² GENETTE; *op cit*; 2009.

¹³³ GENETTE; *op cit*; 2009. p.110-120

seguido da dedicatória aos vermes - tem a intenção de afirmar que as memórias póstumas são de Brás Cubas e que este Brás Cubas é um defunto autor.

Terceira edição

As outras edições do romance até a morte do autor foram feitas pela *Garnier* em 1896 e 1899 e podem ser consultadas no *Setor de Obras Raras* da Biblioteca Nacional. O próprio autor define a situação destas edições no prólogo destinado a terceira edição e que, por circunstância ainda não esclarecida, só foi publicado com a quarta edição. Trata-se, com efeito, da segunda composição tipográfica, da terceira redação, da terceira impressão, da terceira edição e publicação. A composição e a impressão já agora são de Paris como indica a nota final “Paris – Typographia Garnier Irmãos, rue de Saint-Pères – 447 julho 1896”.¹³⁴

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRAS CUBAS

3ª e 4ª edição

Ao verme
que
primeiro roeu as frias carnes
do meu cadáver
dedico
como saudosa lembrança
estas
Memórias Póstumas

Prólogo da terceira edição

¹³⁴ Alguns detalhes dessas últimas edições são: para uma tiragem de 1.100 exemplares Machado de Assis recebeu 250 mil réis, pagos por ocasião do contrato que data de 17 de junho de 1896. “Como a Garnier tinha as decisões de Paris novamente, as publicações escassearam. Quando a 1ª edição de Quincas Borba de Machado de Assis, de novembro de 1891, esgotou-se no começo de 1895, a editora levou dois anos para autorizar outra edição embora tenha impresso Memórias Póstumas de Brás Cubas em 1896. Como Quincas Borba era a continuação de Brás Cubas, talvez tenham achado que seria mais interessante apresentar novamente o primeiro antes de imprimir sua continuação”. A história da editora Garnier pode ser encontrada em em: HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1983. especialmente capítulo X.

A primeira edição destas Memórias Póstumas de Brás Cubas foi feita aos pedaços na Revista Brasileira, pelos anos de 1880. Postas mais tarde em livro, corriji o texto em vários lugares. Agora que tive de o rever para a terceira edição, emendei ainda alguma coisa e suprimi duas ou três dúzias de linhas. Assim composta, sai novamente à luz esta obra que alguma benevolência parece ter encontrado no público. Capistrano de Abreu, noticiando a publicação do livro, perguntava: “As Memórias Póstumas de Brás Cubas são um romance?” Macedo Soares, em carta que me escreveu por esse tempo, recordava amigamente as Viagens na minha terra. Ao primeiro respondia já o defunto Brás Cubas (como o leitor viu e verá no prólogo dele que vai adiante) que sim e que não, que era romance para uns e não o era para outros. Quanto ao segundo, assim se explicou o finado: “Trata-se de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.” Toda essa gente viajou: Xavier de Maistre à roda do quarto, Garret na terra dele, Sterne na terra dos outros. De Brás Cubas se pode dizer que viajou à roda da vida. O que faz do meu Brás Cubas um autor particular é o que ele chama “rabugens de pessimismo”. Há na alma deste livro, por mais risonho que pareça, um sentimento amargo e áspero, que está longe de vir de seus modelos. É taça que pode ter labores de igual escola, mas leva outro vinho. Não digo mais para não entrar na crítica de um defunto, que se pintou a si e a outros, conforme lhe pareceu melhor e mais certo.

Machado de Assis.

AO LEITOR

Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nem cinquenta, nem vinte e, quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião. Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e truncado. Consequentemente, evito contar o processo extraordinário que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas.

CAPÍTULO 1.

ÓBITO DO AUTOR

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não

sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco. Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia — peneirava uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa idéia no discurso que proferiu à beira de minha cova: — “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que têm honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à Natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado.” Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei. E foi assim que cheguei à cláusula dos meus dias; foi assim que me encaminhei para o undiscovered country de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego como quem se retira tarde do espetáculo. Tarde e aborrecido. Viram- me ir umas nove ou dez pessoas, entre elas três senhoras, minha irmã Sabina, casada com o Cotrim, a filha, — um lírio do vale, — e... Tenham paciência! daqui a pouco lhes direi quem era a terceira senhora. Contentem-se de saber que essa anônima, ainda que não parenta, padeceu mais do que as parentas. É verdade, padeceu mais. Não digo que se carpisasse, não digo que se deixasse rolar pelo chão, convulsa. Nem o meu óbito era coisa altamente dramática... Um solteirão que expira aos sessenta e quatro anos, não parece que reúna em si todos os elementos de uma tragédia. E dado que sim, o que menos convinha a essa anônima era aparentá-lo. De pé, à cabeceira da cama, com os olhos estúpidos, a boca entreaberta, a triste senhora mal podia crer na minha extinção. — “Morto! morto!” dizia consigo. E a imaginação dela, como as cegonhas que um ilustre viajante viu desferirem o vôo desde o Ilisso às ribas africanas, sem embargo das ruínas e dos tempos, — a imaginação dessa senhora também voou por sobre os destroços presentes até às ribas de uma África juvenil... Deixá-la ir; lá iremos mais tarde; lá iremos quando eu me restituir aos primeiros anos. Agora, quero morrer tranqüilamente, metodicamente, ouvindo os soluços das damas, as falas baixas dos homens, a chuva que tamborila nas folhas de tinhorão da chácara, e o som estrídulo de uma navalha que um amolador está afiando lá fora, à porta de um correeiro. Juro-lhes que essa orquestra da morte foi muito menos triste do que podia parecer. De certo ponto em diante chegou a ser deliciosa. A vida estrebuchava-me no peito, com uns ímpetos de vaga marinha, esvaía-se-me a consciência, eu descia à imobilidade física e moral, e o corpo fazia-se-me planta, e pedra e lodo, e coisa nenhuma. Morri de uma pneumonia; mas se lhe disser que foi menos a pneumonia, do que uma idéia grandiosa e útil, a causa da minha morte, é possível que o leitor me não creia, e todavia é verdade. Vou expor-lhe sumariamente o caso. Julgue-o por si mesmo. (MPBC; p. 19)

É a edição definitiva do romance. Da primeira a terceira edição, Machado de Assis acrescentou uma dedicatória, um prefácio de Brás Cubas, e outro dele próprio. Prefácio é toda espécie de texto autoral que consiste no discurso produzido a propósito do texto que segue ou que antecede. Assim, o posfácio é considerado uma variedade de prefácio, cujos traços específicos, incontestáveis, parecem-me menos importantes do que aqueles que ele tem em comum com o tipo geral. Os prefácios, ao contrário,

multiplicam-se de edição para edição e levam em conta uma historicidade mais empírica; respondem a uma necessidade de circunstância.¹³⁵

No caso do prólogo de Machado de Assis (uma espécie de prefácio) é perceptível que a obra volta a receber a assinatura machadiana, que havia sumido inteiramente na segunda edição, considerada a melhor delas para o efeito desejado. Essa voz, no entanto, também revela a consciência de Machado de Assis sobre o processo de cessão da autoria a Brás Cubas. A sua redação para responder as perguntas reproduzidas busca as palavras atribuídas a Brás Cubas no seu próprio prefácio *Ao leitor*. É espetacular: Machado de Assis age como comentador da obra, iluminando as intenções de Brás Cubas, mas no limite de dizer que não está atuando como crítico.

Perceba-se que do ponto de vista inicial, Brás Cubas, defunto autor, seguido de um trabalho paulatino de consolidação da assinatura de Brás Cubas de forma a sobrepujar a de Machado de Assis. Isto foi realizado através do acréscimo de paratextos através dos quais os autores costumam negociar a obra, esclarecê-la para o leitor, como se fazia já há bastante tempo por ocasião da sua publicação. O procedimento habitual se torna extraordinário, obra-prima, quando é notado que esses completam um objetivo inteiramente inovador. Da supressão da epígrafe, talvez tenha se perdido à ideia da negatividade, do confronto, da oposição àquela vida narrada, muito mais do que uma consciência crítica. A dedicatória aos vermes aparecendo página seguinte ao prólogo assinado por Brás Cubas pode pecar pela cautela, embora já tenha ficado claro pela posição do prólogo e pela assinatura Brás Cubas que encerra-o que trata-se das memórias escritas pelo defunto autor.

¹³⁵ GENETTE; *op cit*; 2009. p.196-216

Na terceira edição, a dedicatória viria a abrir as memórias póstumas e talvez se consumasse o apagamento da assinatura de Machado de Assis, restando apenas a de Brás Cubas, não fosse o prólogo assinado pelo próprio Machado de Assis. Se a recepção da obra no campo literário brasileiro do século dezenove for considerada, como foi visto no primeiro capítulo, este paratexto surge com uma necessidade imposta pela incompreensão e a crítica do romance. Este paratexto assinado por Machado de Assis pode ser considerado uma interferência na composição autoral das memórias póstumas ou também pode ser considerado mais um meio para encontrado pelo autor do romance, mostrar que há um autor próprio.

O defunto autor e a sua obra

Foi através de paratextos, este material aparentemente tão habitual nos romances, que ocorreu a transfiguração do personagem em narrador, de narrador em autor. *Memórias Póstumas de Brás Cubas* causa uma ruptura no horizonte de expectativas do leitor, ao utilizar instrumentos comuns e presentes nas obras para atribuir o estatuto de autor para uma personagem com autonomia para contar a própria história, de acordo com os objetivos que lhe convir.¹³⁶ Isto traz algumas questões para a boa compreensão da obra: Brás Cubas, o autor, define a si mesmo como defunto autor, por isso é necessário analisar o que significa esta condição defunta, em seguida fazer

¹³⁶ Pierre Bourdieu assevera a respeito de *Uma rosa para Emily* de William Faulkner: trata-se de um romance que rompe com os hábitos de leitura do senso comum, trabalhando com esses mesmos hábitos; mas com um sentido extremamente inovador. Indo adiante, Bourdieu acredita que William Faulkner construiu sua narração com uma armadilha na qual os pressupostos da existência comum e as convenções do gênero romanesco são utilizadas para encorajar a existência de um contrato de veracidade entre o autor e o leitor: O leitor exigido tacitamente por *A rose for Emily* é bem esse leitor extraordinário, esse “arquitetor”, como por vezes se disse (sem jamais enunciar a questão das condições sociais de possibilidade dessa estranha personagem), ou melhor, esse metaleitor que saberá ler não a narrativa, muito simplesmente, mas a leitura ordinárias da narrativa, os pressupostos que o leitor emprega tanto e sua experiência de leitura de uma ficção “realista” ou minética, que supostamente exprime a realidade do mundo ordinário e da experiência ordinária desse mundo. Nesse sentido, convida a uma releitura ou, pelo menos, a uma espécie de recapitulação mental, que obriga o leitor a descobrir; pelo menos confusamente, a mistificação de que foi vítima e cúmplice. BOURDIEU; *op cit*; 2006.

uma leitura de suas memórias póstumas, para só então a mensagem do romance de Machado de Assis ser compreendida. Isto implica a leitura integral da obra.

Reiterando somente as características das memórias póstumas oferecidas pelo defunto autor: trata-se de uma obra de finado, com rabugens de pessimismo, dedicada aos vermes que primeiro lhe roeram as carnes, que não espera a estima dos leitores. Reunidas as características desta maneira, estas características deveriam bastar para sinalizar o leitor que é preciso cautela e atenção para o que será exposto.

Esta condição de defunto autor de suas memórias póstumas esteve presente em todas as edições da obra, o que sinaliza a atenção que deve ser atribuída à ela, significando que esta condição funesta contém o germe que explica a mensagem da obra. A esse respeito, a hipótese é simples e defende que Brás Cubas escreveu suas memórias contra a vida, afinal era defunto autor, ao passo que Machado de Assis tentou revelar esta atitude do autor em querer convencer o leitor do que seria a vida.

Não será definido aqui o que é a vida, porque a vida é algo a mais do que é possível compreender. Brás Cubas, o defunto autor, no entanto, afirma com convicção “viver não é a mesma coisa que morrer” (MPBC; Capítulo 16; p.53) e isto diz muito sobre ele. Também não está incorreto dizer que da vida fazem parte sentimentos sejam eles quais forem. O defunto autor diz a uma alma sensível que o lê, em certa altura de suas memórias, que, sim experimentou muitos dos sentimentos:

CAPÍTULO 34

A uma alma sensível

Há aí, entre as cinco ou dez pessoas que me leem, há aí uma alma sensível, que está decerto um tanto agastada com o capítulo anterior, começa a tremer pela sorte de Eugênia, e talvez..., sim, talvez, lá no fundo de si mesma, me chame cínico. Eu cínico, alma sensível? Pela coxa de Diana! Esta injúria merecia ser lavada com sangue, se o sangue lavasse alguma coisa nesse mundo. Não, alma sensível, eu não sou cínico, eu fui homem; meu cérebro foi um tablado em que se deram peças de todo gênero, o drama sacro, o

austero, o piegas, a comédia louçã, a desgrenhada farsa, os autos, as bufonarias, um pandemônio, alma sensível, uma barafunda de coisas e pessoas, em que podias ver tudo, desde a rosa de Smirna até a arruda do teu quintal, desde o magnífico leito de Cleópatra até o recanto da praia em que o mendigo tiritava o seu sono. Cruzavam-se nele pensamentos de vária casta e feição. Não havia ali a atmosfera somente da águia e do beija-flor; havia também a da lesma e do sapo. Retira, pois, a expressão, alma sensível, castiga os nervos, limpa os óculos, — que isso às vezes é dos óculos, — e acabemos de uma vez com esta flor da moita. (MPBC; p.83)

Entre tantos, é notável a ausência de um fundamental: o amor, assim como é notável a ausência do matrimônio na vida do defunto autor, que, ao contrário, conta a história de uma traição da qual participa na vida de um casal sem filhos. Refiro-me ao triângulo amoroso Virgília, Lobo Neves e Brás Cubas. Mas, mais do que este, adiante será demonstrado como Brás Cubas quer suprimir todos os sentimentos que poderiam falar a favor da vida, ainda que seja a perpetuação da espécie, ou, como preferirmos, a continuação da humanidade.

Para detalhar o objetivo do defunto autor em retirar da vida os sentimentos, estão foram identificados diversos capítulos que exibem o procedimento sistemático do defunto autor de anunciar a supressão dos capítulos nos quais ele demonstra uma possibilidade de outros sentimentos diante da vida que não a ironia e a melancolia e também a perpetuação da vida. O que significa dizer que está mantida a mesma lógica de Machado de Assis descoberta pela crítica literária em *Dom Casmurro*, qual seja, a de que o narrador quer enganar o leitor, ao tentar convencê-lo sobre o que pensa.

Com isto, também espera-se trazer outra possibilidade de leitura ao romance tradicionalmente visto como as memórias de um autor que sabe mais sobre a vida pelo fato de estar morto ou por ter mais liberdade para falar dela. Enfim, crê-se que a investida contra o autor ressaltada pela crítica literária exibida anteriormente está seguindo o caminho contrário ao deste ensaio que, sim, concorda que é preciso opor-se

ao narrador de Machado de Assis, neste caso Brás Cubas, defunto autor, mas por motivos distintos que serão explicados.

A seguir a exposição de capítulos das memórias póstumas nas quais o defunto autor tenta subtrair a vida:

Suprime a dor do fim da vida de sua mãe, da possível esposa e da própria possibilidade de ter um filho. Tudo isto, dando início ao romance ironizando os acompanhantes de seu próprio funeral, que melancolicamente conclui ter sido suficiente para um homem sem filhos, maduro sem muito sucesso.

CAPÍTULO 45 Notas

Soluços, lágrimas, casa armada, veludo preto nos portais, um homem que veio vestir o cadáver, outro que tomou a medida do caixão, caixão, essa, tocheiros, convites, convidados que entravam. Lentamente, a passo surdo, e apertavam a mão à família, alguns tristes, todos sérios e calados, padre e sacristão, rezas, aspersões d'água benta, o fechar do caixão a prego e martelo, seis pessoas que o tomam da essa, e o levantam, e o descem a custo pela escada, não obstante os gritos, soluços e novas lágrimas da família, e vão até o coche fúnebre, e o colocam em cima e traspassam e apertam as correias, o rodar do coche, o rodar dos carros, um a um... Isto que parece um simples inventário, eram notas que eu havia tomado para um capítulo triste e vulgar que não escrevo. (MPBC; p. 95)

CAPÍTULO 23

Triste, mas curto

Vim. Não nego que, ao avistar a cidade natal, tive uma sensação nova. Não era efeito da minha pátria política, era-o do lugar da infância, a rua, a torre, o chafariz da esquina, a mulher de mantilha, o preto do ganho, as coisas e cenas da meninice, buriladas na memória. Nada menos que uma renascença. O espírito, como um pássaro, não se lhe deu da corrente dos anos, arrepiou o vôo na direção da fonte original, e foi beber da água fresca e pura, ainda não mesclada do enxurro da vida. Reparando bem, há aí um lugar-comum. Outro lugar-comum, tristemente comum, foi a consternação da família. Meu pai abraçou-me com lágrimas. — Tua mãe não pode viver, disse-me ele. Com efeito, não era já o reumatismo que a matava, era um cancro no estômago. A infeliz padecia de um modo cru, porque o cancro é indiferente às virtudes do sujeito; quando rói, rói; roer é o seu ofício. Minha irmã Sabina, já então casada com o Cotrim, andava a cair de fadiga. Pobre moça! dormia três horas por noite, nada mais. O próprio tio João estava abatido e triste. Dona Eusébia e algumas outras senhoras lá estavam também, não menos tristes e não menos dedicadas. — Meu filho! A dor suspendeu por um pouco as tenazes; um sorriso alumiu o rosto da enferma, sobre o qual a morte batia a asa eterna. Era menos um rosto do que uma caveira: a beleza passara, como um dia brilhante; restavam os ossos, que não emagrecem nunca. Mal poderia conhecê-la; havia oito ou nove anos que nos não víamos. Ajoelhado, ao pé da cama, com as mãos dela entre as minhas, fiquei mudo e quieto, sem ousar falar, porque cada palavra seria um soluço, e nós temíamos avisá-la do fim. Vão temor! Ela sabia que estava prestes a acabar; disse-mo; verificamo-lo na seguinte manhã. Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a

primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de oitiva; quando muito tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, ou trazia-lhe a idéia embrulhada nas amplificações de retórica dos professores de coisas antigas, — a morte aleivosa de César, a austera de Sócrates, a orgulhosa de Catão. Mas esse duelo do ser e do não-ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. Quê? uma criatura tão dócil, tão meiga, tão santa, que nunca jamais fizera verter uma lágrima de desgosto, mãe carinhosa, esposa imaculada, era força que morresse assim, tratada, mordida pelo dente tenaz de uma doença sem misericórdia? Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano... Triste capítulo; passemos a outro mais alegre. (MPBC; p.66)

CAPÍTULO 125

Epitáfio

EPITÁFIO

AQUI JAZ

DONA EULÁLIA DAMASCENA DE BRITO

MORTA

AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE

ORAI POR ELA!

(MPBC; p.193)

CAPÍTULO 126 Desconsolação

O epitáfio diz tudo. Vale mais do que se lhes narrasse a moléstia de Nhã-loló, a morte, o desespero da família, o enterro. Ficam sabendo que morreu; acrescentarei que foi por ocasião da primeira entrada da febre amarela. Não digo mais nada, a não ser que a acompanhei até o último jazigo, e me despedi triste, mas sem lágrimas. Concluí que talvez não a amasse de veras. Vejam agora a que excessos pode levar uma inadvertência; doeu-me um pouco a cegueira da epidemia que, matando à direita e à esquerda, levou também uma jovem dama, que tinha de ser minha mulher; não cheguei a entender a necessidade da epidemia, menos ainda daquela morte. Creio até que esta me pareceu ainda mais absurda que todas as outras mortes. Quincas Borba, porém, explicou-me que epidemias eram úteis à espécie, embora desastrosas para uma certa porção de indivíduos; fez-me notar que, por mais horrendo que fosse o espetáculo, havia uma vantagem de muito peso: a sobrevivência do maior número. Chegou a perguntar-me se, no meio do luto geral, não sentia eu algum secreto encanto em ter escapado às garras da peste; mas esta pergunta era tão insensata, que ficou sem resposta. Se não contei a morte, não conto igualmente a missa do sétimo dia. A tristeza de Damasceno era profunda; esse pobre homem parecia uma ruína. Quinze dias depois estive com ele; continuava inconsolável, e dizia que a dor grande com que Deus o castigara fora ainda aumentada com a que lhe infligiram os homens. Não me disse mais nada. Três semanas depois tornou ao assunto, e então confessou-me que, no meio do desastre

irreparável, quisera ter a consolação da presença dos amigos. Doze pessoas apenas, e três quartas partes amigos do Cotrim, acompanharam à cova o cadáver de sua querida filha. E ele fizera expedir oitenta convites. Ponderei-lhe que as perdas eram tão gerais que bem se podia desculpar essa desatenção aparente. Damasceno abanava a cabeça de um modo incrédulo e triste. — Qual! gemia ele, desampararam-me. Cotrim, que estava presente: — Vieram os que deveras se interessam por você e por nós. Os oitenta viriam por formalidade, falaria da inércia do governo, das panacéias dos boticários, do preço das casas, ou uns dos outros... Damasceno ouviu calado, abanou outra vez a cabeça, e suspirou: — Mas viessem! (MPBC; p.193)

Suprime os aspectos da morte, a confissão do vício e a explicação da condição defunta:

CAPÍTULO 71 O senão do livro

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direita e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem...

E caem! — Folhas misérrimas do meu cipreste, heis de cair, como quaisquer outras belas e vistosas; e, se eu tivesse olhos, dar-ia uma lágrima de saudade. Esta é a grande vantagem da morte, que, se não deixa boca para rir, também não deixa olhos para chorar... Heis de cair. (MPBC. P.130)

CAPÍTULO 72 O bibliômano

Talvez suprima o capítulo anterior; entre outros motivos, há aí, nas últimas linhas, uma frase muito parecida com despropósito, e eu não quero dar pasto à crítica do futuro.

Olhai: daqui a setenta anos, um sujeito magro, amarelo, grisalho, que não ama nenhuma outra coisa além dos livros, inclina-se sobre a página anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê, relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra, e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, espanteja-as, esfrega-as no joelho, lava-as, e nada; não acha o despropósito.

É um bibliômano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus dicionários biográficos. Achou o volume, — por acaso, no pardieiro de um alfarrabista. Comprou-o por duzentos réis. Indagou, pesquisou, esgaravato, e veio a descobrir que era um exemplar único... Único! Vós, que não só amais os livros, senão que padeceis a mania deles, vós sabeis mui bem o valor desta palavra, e adivinhais, portanto, as delícias de meu bibliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas *Memórias*, faria a mesma coisa com o *Almanac* de Laemmert, uma vez que fosse único.

O pior é o despropósito. Lá continua o homem inclinado sobre a página, com uma lente no olho direito, todo entregue à nobre e áspera função de decifrar o despropósito. Já prometeu a si mesmo escrever uma breve memória, na qual relate o achado do livro e a descoberta da sublimidade, se a

houver por baixo daquela frase obscura. Ao cabo, não descobre nada e contenta-se com a posse. Fecha o livro, mira-o, remira-o, chega-se à janela e mostra-o ao sol.

Um exemplar único! Nesse momento passa-lhe por baixo da janela um César ou um Cromwell, a caminho do poder. Ele dá de ombros, fecha a janela, estira-se na rede e folheia o livro devagar, com amor, aos goles... Um exemplar único! (MPBC; p.131)

Suprime a presença do anjo e da fera, o duelo interno, a possibilidade de ser diferente da fera; também suprime a representação que faz no capítulo a paixão vã por Virgília e o amor possível por Nhã-Loló, incluindo o desejo que lhe causa de ter um filho, dando continuidade a humanidade:

CAPÍTULO 98 Suprimido

Separamo-nos alegremente. Jantei reconciliado com a situação. A carta anônima restituía à nossa aventura o sal do mistério e a pimenta do perigo; e afinal foi bem bom que Virgília não perdesse naquela crise a posse de si mesma. De noite fui ao Teatro de São Pedro; representava-se uma grande peça, em que a Estela arrancava lágrimas. Entro; corro os olhos pelos camarotes; vejo em um deles Damasceno e a família. Trajava a filha com outra elegância e certo apuro, coisa difícil de explicar, porque o pai ganhava apenas o necessário para endividar-se; e daí, talvez fosse por isso mesmo. No intervalo fui visitá-los. O Damasceno recebeu-me com muitas palavras, a mulher com muitos sorrisos. Quanto a Nhã-loló, não tirou mais os olhos de mim. Parecia-me agora mais bonita que no dia do jantar. Achei-lhe certa suavidade etérea casada ao polido das formas terrenas: — expressão vaga, e condigna de um capítulo em que tudo há de ser vago. Realmente, não sei como lhes diga que não me senti mal, ao pé da moça, trajando garridamente um vestido fino, um vestido que me dava cócegas de Tartufo. Ao contemplá-lo, cobrindo casta e redondamente o joelho, foi que eu fiz uma descoberta sutil, a saber, que a natureza previu a vestidura humana, condição necessária ao desenvolvimento da nossa espécie. A nudez habitual, dada a multiplicação das obras e dos cuidados do indivíduo, tenderia a embotar os sentidos e a retardar os sexos, ao passo que o vestuário, negaceando a natureza, aguça e atrai as vontades, ativa-as, reprodu-las, e consequentemente faz andar a civilização. Abençoado uso que nos deu Otelo e os paquetes transatlânticos! Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, leitor pacato. Ao pé da graciosa donzela, parecia-me tomado de uma sensação dupla e indefinível. Ela exprimia inteiramente a dualidade de Pascal, *l'ange et la bête*, com a diferença que o jansenista não admitia a simultaneidade das duas naturezas, ao passo que elas aí estavam bem juntinhas, — *l'ange*, que dizia algumas coisas do céu, — *e la bête*, que... Não; decididamente suprimo este capítulo. (MPBC; p.163)

Suprime a tomada de consciência sobre o que já se foi no passado:

CAPÍTULO 135 Oblivion

E agora sinto que, se alguma dama tem seguido estas páginas, fecha o livro e não lê as restantes. Para ela extinguiu-se o interesse da minha vida, que era o amor. Cinquenta anos! Não é ainda a invalidez, mas já não é a frescura. Venham mais dez, e eu entenderei o que um inglês dizia, entenderei que “coisa é não achar já quem se

lembre de meus pais, e de que modo me há de encarar o próprio ESQUECIMENTO”. Vai em versaletes esse nome. OBLIVION! Justo é que se dêem todas as honras a um personagem tão desprezado e tão digno, conviva da última hora, mas certo. Sabe-o a dama que luziu na aurora do atual reinado, e mais dolorosamente a que ostentou suas graças em flor sob o ministério Paraná, porque esta acha-se mais perto do triunfo, e sente já que outras lhe tomaram o carro. Então, se é digna de si mesma, não teima em espertar a lembrança morta ou expirante; não busca no olhar de hoje a mesma saudação do olhar de ontem, quando eram outros os que encetavam a marcha da vida, de alma alegre e pé veloz. *Tempora mutantur*. Compreende que este turbilhão é assim mesmo, leva as folhas do mato e o farrapos do caminho, sem exceção nem piedade; e se tiver um pouco de filosofia, não inveja, mas lastima as que lhe tomaram o carro, porque também elas hão de ser apeadas pelo estribeiro OBLIVION. Espetáculo, cujo fim é divertir o planeta Saturno, que anda muito aborrecido. (MPBC; p.201)

CAPÍTULO 136 Inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil. (MPBC; p. 201)

Já o que o defunto autor defende é ressaltado nas suas memórias póstumas (aqui apenas um exemplos entre muitos outros possíveis):

CAPÍTULO 112 A opinião

Mas estava escrito que esse dia devia ser o dos lances dúbios. Poucas horas depois, encontrei Lobo Neves, na Rua do Ouvidor; falamos da presidência e da política. Ele aproveitou o primeiro conhecido que nos passou à ilharga, e deixou-me, depois de muitos cumprimentos. Lembra-me que estava retraído, mas de um retraimento que forcejava por dissimular. Pareceu-me então (e peço perdão à crítica, se este meu juízo for temerário!) — pareceu-me que ele tinha medo — não medo de mim, nem de si, nem do código, nem da consciência; tinha medo da opinião. Supus que esse tribunal anônimo e invisível, em que cada membro acusa e julga, era o limite posto à vontade do Lobo Neves. Talvez já não amasse a mulher; e, assim, pode ser que o coração fosse estranho à indulgência dos seus últimos atos. Cuido (e de novo insto pela boa vontade da crítica!), cuido que ele estaria pronto a separar-se da mulher, como o leitor se terá separado de muitas relações pessoais; mas a opinião, essa opinião que lhe arrastaria a vida por todas as ruas, que abriria minucioso inquérito acerca do caso, que coligiria uma a uma todas as circunstâncias, antecedências, induções, provas, que as relataria na palestra das chácaras desocupadas, essa terrível opinião, tão curiosa das alcovas, obstou à dispersão da família. Ao mesmo tempo tornou impossível o desforço que seria a divulgação. Ele não podia mostrar-se ressentido comigo, sem igualmente buscar a separação conjugal; e teve então de simular a mesma ignorância de outrora, e, por dedução, iguais sentimentos. Que lhe custasse creio; naqueles dias, principalmente, vi-o de modo que devia custar-lhe muito. Mas o tempo (e é outro ponto em que eu espero a indulgência dos homens pensadores!), o tempo caleja a sensibilidade, e oblitera a memória das coisas; era de supor que os anos lhe despontassem os espinhos, que a distância dos fatos apagasse os respectivos contornos, que uma sombra de dúvida retrospectiva cobrisse a nudez da realidade; enfim, que a opinião se ocupasse um pouco com outras aventuras. O filho, crescendo, buscaria satisfazer as ambições do pai; seria o herdeiro de todos os seus afetos. Isso, e a atividade externa, e o prestígio público, e a velhice depois, a doença, o declínio, a morte, um responso, uma notícia biográfica, e estava fechado o livro da vida, sem nenhuma página de sangue. (MPBC; p. 178)

CAPÍTULO 113 A Solda

A conclusão, se há alguma no capítulo anterior, é que a opinião é uma boa solda das instituições domésticas. Não é impossível que eu desenvolva este pensamento, antes de acabar o livro; mas também não é impossível que o deixe como está. De um ou

de outro modo, é uma boa solda a opinião, e tanto na ordem doméstica, como na política. Alguns metafísicos biliosos têm chegado ao extremo de a darem como simples produto da gente chocha ou medíocre; mas é evidente que, ainda quando um conceito tão extremado não trouxesse em si mesmo a resposta, bastava considerar os efeitos salutareos da opinião, para concluir que ela é a obra superfinha da flor dos homens, a saber, do maior número. (MPBC; p.179)

E conclui suas memórias póstumas argumentando que não prolongar a vida, dando continuidade a humanidade, é um saldo positivo na balança da existência. Neste sentido, ele se contraria, posto a alegria que descreveu ao contar o momento em que soube que poderia tornar-se pai, o que demonstra que a possibilidade da vida é mais forte até que o defunto autor, ainda que ele falseie e arrase esta possibilidade posteriormente. É o caso de comparar-se os dois capítulos a seguir:

CAPÍTULO 90 O velho colóquio de Adão e Caim

Nada. Nenhuma lembrança testamentária, uma pastilha que fosse, com que do todo em todo não parecesse ingrato ou esquecido. Nada. Virgília tragou raivosa esse malogro, e disse-mo com certa cautela, não pela coisa em si, senão porque entendia com o filho, de quem sabia que eu não gostava muito, nem pouco. Insinuei-lhe que não devia pensar mais em semelhante negócio. O melhor de tudo era esquecer o defunto, um lorpa, um cainho sem nome, e tratar de coisas alegres; o nosso filho por exemplo... Lá me escapou a decifração do mistério, esse doce mistério de algumas semanas antes, quando Virgília me pareceu um pouco diferente do que era. Um filho! Um ser tirado do meu ser! Esta era a minha preocupação exclusiva daquele tempo. Olhos do mundo, zelos do marido, morte do Viegas, nada me interessava por então, nem conflitos políticos, nem revoluções, nem terremotos, nem nada. Eu só pensava naquele embrião anônimo, de obscura paternidade, e uma voz secreta me dizia: é teu filho. Meu filho! E repetia estas duas palavras, com certa voluptuosidade indefinível, e não sei que assomos de orgulho. Sentia-me homem. O melhor é que conversávamos os dois, o embrião e eu, falávamos de coisas presentes e futuras. O maroto amava-me, era um pelintra gracioso, dava-me pancadinhas na cara com as mãozinhas gordas, ou então traçava a beca de bacharel, porque ele havia de ser bacharel, e fazia um discurso na câmara dos deputados. E o pai a ouvi-lo de uma tribuna, com os olhos rasos de lágrimas. De bacharel passava outra vez à escola, pequenino, lousa e livros debaixo do braço, ou então caia no berço para tornar a erguer-se homem. Em vão buscava fixar no espírito uma idade, uma atitude: esse embrião tinha a meus olhos todos os tamanhos e gestos: ele mamava, ele escrevia, ele valsava, ele era o interminável nos limites de um quarto de hora, – baby e deputado, colegial e pintalegrete. Às vezes, ao pé de Virgília, esquecia-me dela e de tudo; Virgília sacudia-me, reprochava-me o silêncio; dizia que eu já lhe não queria nada. A verdade é que estava em diálogo com o embrião; era o velho colóquio de Adão e Caim, uma conversa sem palavras entre a vida e a vida, o mistério e o mistério. (MPBC; p.108)

CAPÍTULO 160 Das negativas

Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediarão os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a

genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vos ficais eternamente hipocondríacos.

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de Dona Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e, conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria. (MPBC; p. 214)

O que se quis ressaltar foi o mecanismo do defunto autor de suprimir todos os sentimentos diferentes de ironia e melancolia. Dois casos extremos tratam de perpetuar a vida. Ele anunciou que vai suprimir o gesto no teatro de desejar a mulher, que suprimiria uma outra possibilidade de filosofia que admite a presença do anjo ao lado da fera, sobre a maturidade da mulher que compreende o que se passa com uma outra, até o último capítulo, este ele não quer suprimir, porque revela inteiramente sua consciência: a maior negativa entre os vivos para ele é um saldo. Não ter filhos, não dar continuidade à humanidade.

Mas se Brás Cubas escreve contra a vida, Machado de Assis, na mesma lógica que a crítica literária analisou *Dom Casmurro*, reserva espaço para marcar seu distanciamento deste comportamento diante da vida. No caso, ele faz isto ao deixar marcado os capítulos que o defunto autor pretende suprimir. Junto com os paratextos e o final do romance, Machado de Assis escreve de um romance que no qual o autor suposto quer faz a tentativa de morte da vida. Com isto, com a leitura correta, um caminho de transformação dela.

Brás Cubas define a si mesmo não como um autor defunto, e sim como um defunto autor. O que possibilitou esta condição tão distinta, distinta inclusive dos seus leitores, não tem explicações a contento ao longo de suas memórias, na verdade não tem qualquer explicação sobre o que ele é. Por isso, só se pode admitir que ele é morto. E

morto escreveu suas memórias pautadas em ironia e melancolia, em fingimento, em volubilidade, mas, acima de tudo, em uma invectiva mentirosa contra o leitor. Todos estes acertos da crítica literária, produziram um bom entendimento sobre o Bento Santiago, o narrador de *Dom Casmurro*, mas não fizeram o mesmo sobre Memórias Póstumas e seu narrador Brás Cubas.

Na rotina de leituras dos comentadores de Machado de Assis, quem lê *Um mestre na periferia do capitalismo*, por exemplo, concorda que as idéias estavam realmente fora do lugar e decide reler um dos romances. E ao lê-lo fica fascinado, outra vez, com o enigma de Capitu, com a desventura de Brás Cubas etc. Roberto Schwarz faz emergir uma má consciência já que o tema da escravidão está ali, esta miséria permanente, mas importou pouco ou menos que o enredo, a trama. Cabe ver a diversidade de temas identificados nas obras machadianas como o resultado da sua complexidade e parte das condições sociais de leitura. Por um lado, de acordo com a ocasião, o mesmo leitor realiza leituras distintas, por outro, em diferentes momentos históricos, as mesmas páginas serão lidas de diversas formas. Foram encontrados nos romances de Machado de Assis tudo quanto o olhar da crítica literária desejou enxergar. Curioso, há outro ponto em que todas as abordagens concordam: a de que a morte fez Brás Cubas mais sábio sobre a vida, porque liberou-o da opinião da sociedade, podendo assim falar a verdade simplesmente.

Estaríamos, pois, diante de um defunto autor com as possibilidades de explicar as grandes dúvidas da existência, como morre-se e acaba ou há um prolongamento da vida, os mortos podem se comunicar com os vivos, assim como o próprio Brás Cubas faz com os seus leitores? Diante de todas essas expectativas, Brás Cubas se cala. E, com a sua liberdade para a verdade, nos revela que a vida não vale sacrifícios, que os homens são todos eles governados por paixões inapropriadas, que são risíveis uns aos outros,

desprezíveis aos olhos uns dos outros, que são alvos das mentiras uns aos outros. Que todos os homens são caminhos pelos quais busca-se satisfação e prazeres íntimos? Se for bem reparado a única coisa que Brás Cubas admirou em sua vida foi uma filosofia que celebra a vitória do homem sobre o homem, a disputa perpétua.

Se fossem consideradas o testamento de uma vida, perceba que foram dadas à Brás Cubas muito mais papel do que ele precisava para se comunicar com o vivos sobre a vida. O espaço em branco que abunda nas páginas de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, são reveladoras do quanto ficou subtraído da vida de Brás Cubas e da vida ao seu redor. Somado à dedicatória aos vermes, isto é prova suficiente de que trata-se de um autor sem qualquer intenção de falar da vida, e sim de espalhar a morte, de fazer o leitor confundir-se entre a vida e a morte, e até mesmo convencê-lo de que o fim da humanidade é um saldo positivo. Do ponto de vista deste ensaio, Machado de Assis fez todo o procedimento para construir um autor distante dele, de suas convicções, inclusive, de edição em edição, em busca de uma compreensão melhor de sua obra. Se soube de como foi compreendido, da maneira exposta acima, talvez tenha visto sua mensagem não ser compreendida. Se pensou em criar um sismógrafo sobre a compreensão dos homens sobre a vida, talvez tenha se espantado com os resultados. Retirando a dedicatória Shakesperiana, Brás Cubas dedicou seu livro aos vermes. E o que são os vermes senão, aquilo que dá vida a morte? E os homens não deveriam considerar portadora da verdade sobre a vida uma obra dedicada aos vermes. Deveriam considera-la, isso sim, uma obra portadora da morte. Ou da morte em vida.

Talvez essa seja a atual geração de leitores. Ou a secura da miséria contemporânea: a distopia compartilhada individualmente por todos nós, dissimulada, disfarçada, mas confirmada a cada leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: o descrédito da vida e da humanidade está tão disseminado que até um defunto convence

aos homens que a vida não tem valor. Machado de Assis escreveu para ontem e para hoje; e todas as misérias são enormes para quem as sente. E pesam. Arrasam. A viagem à roda da vida de Brás Cubas tinha o intuito de cercá-la por completo, para daí atacá-la mortalmente. Mas é urgente desacreditarmos dos defuntos. Cada época tem as memórias póstumas que compreende. Chegou o momento de desmascará-las a favor da vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a sua publicação, a crítica literária¹³⁷ tem afirmado que *Memórias Póstumas de Brás Cubas* dividiu o conjunto da obra de Machado de Assis em duas fases, a primeira com um viés romântico e outra com um viés realista.

Pode ser que haja outros, mas dois críticos machadianos, como são chamados os estudiosos do escritor, tem opinião diferente. São eles, Helen Caldwell¹³⁸ e Ronaldo de Melo e Souza¹³⁹. Em *O Otelo brasileiro de Machado de Assis*, Caldwell, estudiosa inglesa de Shakespeare, superou a questão “*Capitu traiu ou não traiu Bentinho?*” problematizando a parcialidade do testemunho do narrador da história, ou seja, o protagonista do livro, que estava inteiramente envolvido na história que narra. Apesar do interesse que este tema sempre despertar, para esta pesquisa importa mais a relação que a autora estabelece entre *Ressurreição* e *Dom Casmurro*, dois livros do escritor. Isto porque, ao encontrar elementos do grande livro sobre o primeiro, a crítica inglesa indica que Machado de Assis reincidiu sobre o tema do ciúme, como se desejasse melhorar sua criação artística em torno do assunto. Em *O romance tragicômico de Machado de Assis*, Melo e Souza, reforça esta característica do escritor, analisando a evolução da capacidade de Machado de Assis representar o conflito interno, o que se chama monodílogo, e relacionando a evolução dessa abordagem nos mesmos romances mencionados por Helen Caldwell. Separados por décadas, os dois pesquisadores reiteram o fato de Machado de Assis persistir sobre suas intenções artísticas, fosse reintroduzindo temas, fosse aprimorando aspectos de narração, ambos intrincados.

Nesse trabalho de conclusão de curso foi analisado o processo de reescrita de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, que também ocorreu em busca do realce de um efeito, no caso, a suposta autoria de Brás Cubas. E, em se tratando, da existência de um autor das memórias póstumas, ainda não foi identificado e analisado o processo de construção desta autoria.

¹³⁷ A fortuna crítica sobre a obra de Machado de Assis aumenta sem cessar, fato que inviabiliza uma revisão bibliográfica integral sobre qualquer aspecto delas, a não ser que sejam eles inteiramente dedicados à esse fim. Cf. CHAGAS, Wilson. *A fortuna crítica de Machado de Assis*. Porto Alegre: Movimento, 1994. Ou CANDIDO, Antonio. “Esquema Machado de Assis”. In: *Vários Escritos*. 4ª ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

¹³⁸ Ver aquele segundo capítulo da dissertação ou aquela longa série de fichamentos para o mestrado

¹³⁹ Ver aquele segundo capítulo da dissertação ou aquela longa série de fichamentos para o mestrado

A ausência dessas explicações se justifica pelo fato da fortuna crítica sobre o romance ter tomado apenas a última edição como objeto de estudo, desprezando as edições anteriores. Neste ponto, esse estudo sobre *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é original. Ao comparar as edições do romance publicadas em vida de Machado de Assis, nas quais ele trabalhou, incluindo ou retirando páginas importantíssimas para dar a autoria a Brás Cubas, é que se pode fazer uma leitura da obra, uma interpretação das suas intenções, conforme exposto no quarto capítulo.

Mas, tanto a ideia de fazer o leitor confrontar o suposto autor, ou seja, Brás Cubas, o defunto autor, a respeito o que é a vida, quanto o efeito literário necessário para tal não foram alcançados com facilidade. Antes, foram o resultado de um processo de escrita elaborada. A ideia, o efeito e a escrita, por sua vez, estiveram sujeitas as condições editoriais e do campo literário da época. E tudo isso só pode ser possível pelo aprendizado e o papel do livro e da leitura na vida do escritor que, conforme foi exposto, e aqui reiterado, parece o produto de uma trajetória na qual o conhecimento incide decisivamente e se torna um legado.

O lugar da literatura sempre foi e continua sendo uma questão permanente na história da literatura no Brasil, seja este lugar um “lugar de origem” ou um “papel à cumprir”, temas que, como foi visto, são desdobramentos da literatura da época de Machado de Assis. A busca por este lugar propiciou programas com as qualidades características do Romantismo, Naturalismo, ou, indo adiante, do Modernismo. As polêmicas literárias ocorridas no país também procuraram o melhor caminho para alcançá-lo.¹⁴⁰ Para resumir a história da literatura no Brasil como a história da busca por

¹⁴⁰ A literatura no Brasil com a qual identificou-se a origem da literatura brasileira é uma discussão em aberto. Cf. a polêmica Antonio Candido e Haroldo de Campos, tendo como objeto a importância do barroco e o seu lugar na história da literatura brasileira, principalmente o escritor Gregório de Matos e o barroco brasileiro. Cf. CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 1959. CAMPOS, Haroldo de. *O sequestro do Barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos*.

um lugar, basta observar a semelhança das coletâneas publicadas durante os séculos dezanove e vinte.¹⁴¹

Imbuído de outro sentimento de busca, Machado de Assis, agiu, fazendo sua própria carreira literária, uma espécie de *selfmademan* das letras, num tempo no qual garantir a sobrevivência por meio dela era pouco provável, tanto que ele não o fez.¹⁴² Mas se o gesto de ascensão nesta época tão desfavorável já revela um escritor que reuniu talento e força de trabalho, ele também teve um gesto para com os escritores, a sua classe, digamos, quando ajudou a fundar e foi presidente da Academia Brasileira de Letras em 1897, que podem ser visto como um gesto pelos que estavam por vir, pelos descendentes. É difícil acusar Machado de Assis de falta de consciência numa sociedade onde a experiência de classe ainda não havia sido experimentada. A classe de Machado

¹⁴¹ Esta lista está incompleta, mas deve bastar para o exemplo. M. M. Bouterwek (alemão). *História da literatura portuguesa*, de 1804. Sismonde de Sismondi (genebrino). *Literaturas do meio-dia da Europa*, 1819. Ferdinand Denis (francês). *Resumo da história da literatura de Portugal*, 1825. Ferdinand Wolf (austriaco) *O Brasil literário*, 1863. Norberto Silva (brasileiro). *Bosquejo da história da poesia brasileira* e em *Modulações poéticas*, 1841. Gonçalves de Magalhães (brasileiro). Ensaio sobre a história da literatura no Brasil, na revista *Niterói*, 1836. Adolfo Varnhagen. *História geral do Brasil*, de 1854. ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*; contribuições e estudos gerais para o exato conhecimento da literatura brasileira, 1953. Nelson Werneck Sodré, *História da literatura brasileira*, 1938. Afrânio Coutinho, *Introdução à literatura no Brasil - história literária*, 1959. BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*, 1970. Antonio Candido, *Iniciação à literatura brasileira*, 1999. Carlos Nejar, *História da literatura brasileira*, 2011. As características semelhantes nas coletâneas são: separação da literatura brasileira da portuguesa identificando sua autonomia em dado período ou autor; organização cronológica e hierarquizada de méritos literários a partir de dada importância no contexto cultural; disposição, classificação e agrupamento dos autores de modo a organizá-los em dado período, escola, estilo e fase; relação da produção literária com contexto político-social.

¹⁴² Observo a posição “à margem” dos programas literários ocupada por Machado de Assis e João Guimarães Rosa podem ser lidas pelos nas páginas dos próprios autores. Machado de. *Instinto de nacionalidade*, publicado em Nova York em 1873, expõe seu posicionamento sobre o romantismo e naturalismo que foram os programas literários vigentes no seu tempo, João Guimarães Rosa pôs-se em situação semelhante na entrevista à Günter Lorenz “Diálogo com Guimarães Rosa”, Gênova, 1965, na qual pediu cautela na comparação com outros escritores do regionalismo de 1930. A posição “dentro” dos programas literários inclui a relevância do tratamento da questão da nacionalidade, por exemplo. Neste particular estão Gonçalves Dias, José de Alencar, Mário de Andrade, Oswald Andrade, por exemplo. Por programas literários, a apropriação das tópicas românticas pelo modernismo foi estudada por THEOPHILO, Gabriela M. C. “Sou romântico? Concedo”. A apropriação de tópicos do romantismo literário brasileiro pelo modernismo literário da década de 1920. 2011. (Mestrado em História Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

de Assis seria a do escritor, prova disto foi a sua luta para fundar uma Academia Brasileira de Letras que traria condições, ambiente e tarefa para o escritor brasileiro.¹⁴³

Os escritores e homens de letras encontraram novas condições de trabalho a partir da fundação da Academia Brasileira de Letras para a qual Machado de Assis foi escolhido por unanimidade para ser o primeiro Presidente. O escritor foi muito influente na definição do papel, da função desta Academia, assim como dos seus patronos, ou seja, aqueles nos quais os acadêmicos deveria se inspirar e os quais deveriam defender as letras brasileiras. Estes patronos fizeram a história da literatura brasileira, incluindo escritores do Brasil Colonial, como, Gregória do Matos, Basílio da Gama, Cláudio Manoel da Costa, Evaristo da Veiga, Hipólito da Costa, Sousa Caldas, Maciel Monteiro, Tomás Antonio Gonzaga, e também os escritores do Império, como Adelino Fontoura, Álvares de Azevedo, Artur de Oliveira, Basílio da Gama, Bernardo Guimarães, Casemiro de Abreu, Castro Alves, Gonçalves Magalhães, Evaristo da Veiga, Fagundes Varela, Gonçalves Dias, Manuel Antônio de Almeida, Raul Pompéia, José de Alencar, entre outros, deixando ao futuro, a República, o legado da história das letras brasileiras.

O escritor teve papel influente na definição de um papel dos objetivos da instituição e a fez inspirada na Academia Francesa. A Academia Brasileira de Letras foi o grande legado de Machado de Assis aos escritores, na medida em que deu ao escritor brasileiro um lugar de fala definido na sociedade, lhe deu uma função pragmática e, principalmente, algumas condições para a realização do trabalho que permaneciam irrisórias. Tanto que entusiasmaticamente lutou para conquistar uma sede para a instituição, além de ter apoiado a criação da biblioteca dos acadêmicos, doando ele mesmo uma parcel do seu acervo. Não é intenção explorar mais a presidência de

¹⁴³ O que significa discordar da origem bacharelesca que tem se atribuída a fundação da Academia Brasileira de Letras ou a despreocupação de Machado de Assis com a sociedade de seu tempo.

Machado de Assis na Academia Brasileira de Letras, apenas ilustrar com os discursos da primeira sessão e da sessão de encerramento do primeiro ano da Academia, algumas das idéias do escritor:

Discurso Inaugural

Senhores

Investindo-me no cargo de presidente, quisestes começar a Academia Brasileira de Letras pela consagração da idade. Se não sou o mais velho dos nossos colegas, estou entre os mais velhos. É simbólico da parte de uma instituição que conta viver, confiar da idade funções que mais de um espírito eminente exerceria melhor. Agora que vos agradeço a escolha, digo-vos que buscarei na medida do possível corresponder à vossa confiança. Não é preciso definir esta instituição. Iniciada por um moço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e naturalmente ambiciosa. *O vosso desejo é conservar, no meio da federação política, a unidade literária. Tal obra exige não só a compreensão pública, mas ainda e principalmente a vossa constância.* A Academia Francesa, pela qual esta se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis. A vossa há de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. *Já o batismo das suas cadeiras com os nomes preclaros e saudosos da ficção, da lírica, da crítica e da eloquência nacionais é indício de que a tradição é o seu primeiro voto.* Cabe-vos fazer com que ele perdure. Passai aos vossos sucessores o pensamento e a vontade iniciais, para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as sólidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.

Discurso na Sessão de encerramento

Um artigo do nosso regimento interno impõe-nos a obrigação de adotar no fim de cada ano o programa dos trabalhos do ano vindouro. Outro artigo atribui ao presidente a exposição justificativa deste programa. Como a nossa ambição, nestes meses de início, é moderada e simples, convém que as promessas não sejam largas. Tudo irá devagar e com tempo. Não faltaram simpatias às nossas estréias. A língua francesa, que vai a toda parte, já deu as boas vindas a esta instituição. Primeiro sorriu; era natural, a dois passos da Academia Francesa; depois louvou, e, a dois passos da Academia Francesa, um louvor vale por dois. Em poucos meses de vida é muito. Dentro do país achamos boa vontade e animação, a imprensa tem-nos agasalhado com palavras amigas. Apesar de tudo, a vida desta primeira hora foi modesta, quase obscura. *Nascida entre graves cuidados de ordem pública, a Academia Brasileira de Letras tem de ser o que são as associações análogas: uma torre de marfim, onde se acolham espíritos literários, com a única preocupação literária, e de onde, estendendo os olhos para todos os lados, vejam claro e quieto. Homens daqui podem escrever páginas de história, mas a história faz-se lá fora. Há justamente cem anos, o maior homem de ação dos nossos tempos, agradecendo a eleição de membro do Instituto de França, respondia que, antes de ser igual aos seus colegas, seria por muito tempo seu discípulo. Não era ainda uma faceirice de grande capitão, posto que esse rapaz de vinte e oito anos meditasse já sair à conquista do mundo. A Academia Brasileira de Letras não pede tanto aos homens públicos deste país; não inculca ser igual nem mestre deles. Contenta-se em fazer*

*na medida de suas forças individuais e coletivas, aquilo que esse mesmo acadêmico de 1797 disse então ser a ocupação mais honrosa e útil dos homens: trabalhar pela extensão das idéias humanas.*¹⁴⁴

¹⁴⁴ 7 de dezembro de 1897. Fonte: Páginas Recolhidas - Machado de Assis - W. M. Jackson Inc. – 1946

Referências bibliográficas

AGUIAR, Luís Antônio. *Almanaque Machado de Assis: vida, obra, curiosidades e bruxarias literárias*. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2008.

ARANHA, Graça. *Machado de Assis e Joaquim Nabuco*. Comentários e notas à correspondência entre esses dois escritores. Rio de Janeiro, Monteiro Lobato & Cia., 1923.

BAPTISTA, Abel Barros. *Autobiografias: solicitação do livro na ficção de Machado de Assis*. Lisboa, Editora Relógio d'Água, 1998.

_____. *Em nome do apelo do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Lisboa, Editora Litoral, 1991.

_____. “Instinto de Universalidade”, *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 28 mar. 1999 [entrevista concedida a Adriano Schwartz].

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo, Cultrix, 1970.

_____. *Machado de Assis: o enigma do olhar*. São Paulo, Ed. Ática, 1999.

_____. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2006.

CÂNDIDO, Antônio. “Esquema de Machado de Assis”. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1970.

CARVALHO, José Murilo de. “As Duas Repúblicas”, em *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: Correspondência*. Rio de Janeiro: Topbooks / Academia Brasileira de Letras, 3. ed., 2003.

CHALHOUB, Sidney. *A história nas histórias de Machado de Assis: uma interpretação de "Helena"*. Revista do Departamento de História - FAFCH/ Universidade Federal de Minas Gerais, 1992.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

DARNTON, Robert. *Boemia literária e revolução*. O submundo das letras no Antigo Regime. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org) *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p.83

FAORO, Raimundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1974.

GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação*. Campinas: Mercado de

Letras, 2000.

_____. A língua engenhosa: o narrador de Machado de Assis, entre a invenção de histórias e a citação da História. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. (Histórias do Brasil).

_____. Machado de Assis, Escritor em Formação (à roda dos jornais). São Paulo: Fapesp / Mercado de Letras, 2001.

LIMA, Luís Costa. “Machado de Assis e a estabilidade Imperial”. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, 71, 1982.

_____. “Machado e a inversão do veto”. In: *O Controle do Imaginário*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. “Sob a face de um bruxo”. In: *Dispersa Demanda*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1981.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. apud PINHEIRO, Alexandra Santos. *Os perigos da sedução: Machado de Assis e a moralidade oitocentista*. In: Revista Linguasagem, Departamento de Letras, Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, s/d.

MEYER, Augusto. *O romance machadiano: o homem subterrâneo*. In: BOSI, Alfredo et. al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982. p. 357-363

_____. *Machado de Assis (1935-1958)*. Prefácio de Alberto da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2008.

MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói-canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

MONTEIRO. Mário Feijó Borges. Origens do copyright e a ideologia do autor. In: _____. Permanência e mutações: o desafio de escrever adaptações escolares baseadas em clássicos da literatura. *Tese de doutorado*. PUC-Rio, 2006.

NEVES, Lúcia Maria Bastos P. e FERREIRA, Tania Maria Bessore da Cruz. Privilégios ou direitos? A questão autoral entre intelectuais e homens de estado no Brasil do século XIX. In: BRAGANÇA, Aníbal e ABREU, Márcia (org.) *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

OLIVEIRA, Leopoldo O. C. de. “As metamorfoses na estrutura narrativa entre as versões A e B”. Ivo Barbieri (org.) *Ler e reescrever Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.

REIS, Rutzkaya Quieroz dos. Machado de Assis e Garnier: o escritor e o editor no processo de consolidação do mercado editorial. I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial. Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2004.

RENAULT, Delso. *apud* LAJOLO, Marisa. ZILBERMAN, Regina. A formação da leitura no Brasil. São Paulo: Ática, 1996.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. Forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo* - Machado de Assis. São Paulo, Ed. Duas Cidades, 1990.

SECCHIN, Antonio Carlos. “Posfácio”, em Machado de Assis, O Alienista, tradução hebraica de Miriam Tivon. Jerusalém: Ketert Publishing House, 1987.

_____. “Cartas ao Seixas”, Estudos de Literatura Brasileira. Faculdade de Letras / UFRJ, Rio de Janeiro, 1994 [estudo apresentado no Congresso Internacional Machado de Assis – Texto e Contexto, realizado em set. 1989].

_____. “Cantigas de Esponsais e Um Homem Célebre: estudo Comparativo”, Caleidoscópio. Rio de Janeiro, São Gonçalo, Faculdade Integrada de São Gonçalo, 1989.

_____. et alii... Machado de Assis: uma revisão. Rio de Janeiro: In-Fólio, 1998.

_____. Machado de Assis e Joaquim Nabuco: Correspondência. Rio de Janeiro: Topbooks / Academia Brasileira de Letras, 3. ed., 2003 (orelha).

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis*. Do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Souza Lima; 2005; p.13 *apud* DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: a editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. In: BRAGANÇA, Aníbal. ABREU, Márcia (org) *Impresso no Brasil*. Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora UNESP, 2010.